

APRENDIZADO ESPIRITUAL

Luiz Guilherme Marques

2011

DEDICATÓRIA

- às minhas filhas Jaqueline Mara e Tereza Cristina
- à minha mãe Mitzi da Silva Marques
- aos meus irmãos Antonio José, Maria Helena, Maria Célia, Marco Aurélio e Maria de Fátima
- à minha companheira Marisa Machado Alves dos Santos
- a Divaldo Pereira Franco
- à minha amiga Maria Geny Barbosa
- à minha amiga Maria Adélia Bicalho Civinelli de Almeida

ÍNDICE GERAL:

- Minhas experiências com a Verdade
 - Calma e tolerância
 - Desapego e fraternidade
- Comunicação com o mundo espiritual
 - Jesus segundo os espíritas

MINHAS EXPERIÊNCIAS COM A VERDADE

Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.
(Jesus Cristo)

ÍNDICE

Introdução

1– Jesus Cristo

2 – Educação dos Filhos

3 – Esportes

4 – Família

5 – Religião

6 – Casamento

Conclusões

Notas

Bibliografia

INTRODUÇÃO

Mohandas K. Gandhi escreveu um livro autobiográfico com o nome *Minhas Experiências com a Verdade*, que representa uma

das mais importantes obras que se escreveu em toda a História da humanidade. Mesclando passagens significativas de sua vida e reflexões de alto nível, sua leitura é quase imprescindível para quem se interessa pela própria evolução espiritual.

A obra que ora escrevo não é autobiográfica, mas sim o resultado de reflexões que vim fazendo no curso da vida.

Não tenho a pretensão de trazer aos Prezados Leitores nenhuma doutrina revolucionária nem nada de novo e sim expor conhecimentos que podem servir para as pessoas de boa-vontade, interessadas em aperfeiçoar-se como seres humanos.

A Verdade a que se referiu Gandhi é a mesma da afirmação de Jesus Cristo: “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”, ou seja, toda a gama infinita de informações que chegam aos seres humanos e que emanam, em última instância, de Deus, Criador e Sustentador do Universo, de tudo o que existe.

Preocupou-me falar da maneira mais universalista e menos dogmática possível. Sou cristão, todavia simpatizante das demais crenças (Hinduísmo, Budismo etc.).

Espero ser útil ao Prezados Leitores.

Agradeço a DEUS a oportunidade de contribuir com meus semelhantes.

O Autor

1 – JESUS CRISTO [1]

Alguém pode achar que escrever sobre Jesus Cristo seja “chover no molhado”, uma vez que muitos religiosos, filósofos e historiadores já se debruçaram sobre Sua vida e Sua ideologia. Todavia, se eu não estiver dizendo nada de novo, no mínimo, este texto representará uma manifestação de gratidão a esse Luminar a

quem devemos as mais importantes melhorias na essência ético-moral da humanidade.

Realmente, se compararmos o desenvolvimento dos muitos milênios que antecederam a vida de Jesus com o que sucedeu após esse evento, concluiremos que o progresso ético-moral dos últimos vinte séculos foi incomparavelmente maior.

Nem o Egito, nem Roma e Grécia, nem China e Índia, nem as civilizações americanas ou até os desaparecidos continentes da Atlântida ou da Lemúria, avançaram tanto nas realizações da Ética [2] e da Moral [3] quanto o que se concretizou por influência da ideologia cristã [4].

Infelizmente, grande parte dos sacerdotes que se propôs a representar Aquele Homem Perfeito perdeu-se no dédalo das disputas pelo poder temporal e acabou corrompendo Sua Doutrina e ensinou-a mutilada, impedindo as reflexões sobre sua essência verdadeira.

Assim é que Concílios [5] infelizes se realizaram, deturpando a Verdade [6] e passando a pregar a impostura em lugar daquilo que Jesus Cristo realmente ensinou.

Não pretendo debater com aqueles que negam a própria existência histórica de Jesus, que merecem pena pela sua pobreza de mentalidade, chegando ao ponto de duvidar de um fato histórico. Que continuem pesquisando, mas de boa-fé, com autêntica intenção de encontrar a verdade. Tomara que a encontrem, para benefício deles próprios.

Comecemos, do começo, ou seja, das referências que vários profetas fizeram Àquele que nasceria para mudar o mundo [7].

O mais expressivo desses profetas foi o próprio primo de Jesus, ou seja, João, filho de Isabel, que ficou conhecido como João Batista, o qual anunciava a vinda do Messias, no início, sem saber que Ele era seu próprio parente.

Tomando conhecimento de que o Messias era Ele, passou a revelar o fato entre o povo. Esse anúncio chamou a atenção das pessoas e fez com que muitas delas passassem a ouvir e atentar para as lições que Jesus lhes ia ministrando. Esse profeta ficou conhecido também como o Precursor.

Nasceu Jesus de um casal pobre, mas há um detalhe notável: Seu pai era descendente em linha reta da melhor cepa de Israel, ou seja, daqueles Pais daquela pátria [8]: linhagem nobilíssima, herdando Ele geneticamente o que havia de mais aperfeiçoado naquele povo.

O pai era carpinteiro habilidoso e ensinou ao Filho a profissão [9], tal como acontecia naquela época, em que os meninos, desde cedo, eram preparados para o trabalho. Morreu no início da adolescência do Filho, tendo havido uma convivência menor do que a tida com a mãe.

A mãe desempenhou um papel muito importante na vida de Jesus, vendo-se nos próprios Evangelhos muitas passagens em que ela é mencionada. O fato de ela ter convivido muito com Ele deve ter como explicação sua utilidade na divulgação da Doutrina do Filho. Taylor Caldwell, no seu livro intitulado Médico de Homens e de Almas, afirma que São Lucas colheu as mais importantes informações sobre Jesus e Sua Doutrina da boca de Maria, durante o tempo em que esteve em visita a ela em sua humilde residência. Posteriormente, quando ela passou a habitar na ilha de Patmos em companhia do apóstolo João, que ela adotou como filho, ela continuou naquele trabalho de propaganda, ficando conhecida sua moradia como a Casa da Santíssima.

O destaque que a mãe adquiriu com o decorrer do tempo não representa mero favor ou pieguismo, mas fruto da beleza interior daquela que se tornou uma grande propagadora, em vida, das idéias do Filho e, futuramente, passou a representar o símbolo do

mais puro e elevado Amor feminino. Fica aqui registrado meu sentido preito de afeição e gratidão a essa Nossa Simbólica Mãe e Mãe de toda a humanidade.

O nascimento de Jesus num meio pobre deve ter tido como finalidade ensinar às gerações o “desapego” às coisas materiais: não uma mal disfarçada inveja à riqueza alheia mas sim o “desapego espontâneo”. Jesus visava ensinar o melhor padrão ético-moral para a humanidade: por isso cada detalhe da Sua vida e das Suas palavras é fonte de ensinamentos importantes.

Infelizmente, muitos estudiosos se preocupam com aspectos meramente culturais e científicos da Sua vida e das Suas palavras e esquecem a essência das Suas lições, que podem ser resumidas na Fraternidade entre todos os seres e no Amor ao Pai. Sua Doutrina está centrada nisso. O mais são desdobramentos, que têm gerado muita dissensão e muita desavença, surgindo daí as várias correntes: catolicismo, protestantismo etc. No fundo, essas divergências são produtos espúrios da vaidade, orgulho e egoísmo dos adeptos, que, ao invés de praticar a Doutrina, querem suprepujar-se aos demais...

Então, nascido pobre, freqüentou apenas a “escola do trabalho”, sob orientação do Seu pai, como era comum aos meninos da época. Não aprendeu Sua Filosofia em contato com os essênios [10], ao contrário do que alguns supõem. Nem também esteve em viagem pela Índia e outros países, como outros afirmam. Sua profundidade e amplitude de visão se devem a Si próprio e não a eventuais professores, porque Ele é o Mestre dos mestres e não o contrário.

Sua infância foi dedicada ao trabalho como carpinteiro, ao lado do pai.

Na adolescência, conta-se, andou pelo seu país divulgando algumas noções daquilo que futuramente iria propagar como Sua

Doutrina. O período que vai dos 13 aos 30 anos não é mencionado pelos evangelistas, mas pode, muito bem, ser interpretado como de Sua pregação menos pública, mas igualmente importante.

Todavia, não compensa discutir-se sobre o que Ele realizou naquele período, inventando-se mais um motivo para discussões inúteis. O importante são Suas idéias e não os detalhes secundários sobre a partir de qual idade começou a divulgar a Doutrina.

Digamos que tenha começado a fazer prosélitos aos 13 ou aos 30 anos: o que isso importa? – Nada.

Então, feita a menção em que acredito, passo adiante, à fase em que, aos 30 anos, depois de anunciado por João Batista, passou a falar identificado por cada vez maior número de pessoas como sendo o Messias Esperado.

Dos 30 aos 33 anos andou por todo o país, conviveu com todas as pessoas que o procuravam e procurou ensinar o Amor a Deus e a Fraternidade.

Aperfeiçoando os ensinamentos antigos de Moisés e dos profetas antigos, mostrou a figura não de um Deus “senhor dos exércitos” ou um “senhor vingativo e rancoroso”, mas de um Pai Amoroso: essa foi uma mudança radical do enfoque sobre o tema Deus, o que mostra a superioridade da idéia cristã sobre todas as demais formas de crença na Divindade. Infelizmente, até hoje grande parte dos próprios cristãos - por sinal, muito desinformados - tem uma idéia de Deus incompatível com a da pregação cristã, pois, julgando Deus um ser castigador, tenta comprá-lo com promessas as mais ridículas e desonestas ao invés de confiar n'Ele como nosso Orientador, que nunca castiga, mas apenas ensina por vários meios, inclusive as doenças e outros sofrimentos, tudo dentro de uma Pedagogia baseada no Amor.

Outra lição do Mestre dos mestres foi a Fraternidade, também chamada Amor Universal. O amor entre marido e mulher e entre estes e seus filhos é só um início, um começo, do Amor que devemos ir desenvolvendo até atingirmos, um dia, o Amor Universal, pois o Amor que se limita às quatro paredes de um lar muitas vezes representa apenas o egoísmo de um grupo familiar, o que é muito pouco em relação ao universo de pessoas que forma a humanidade. É preciso ter um coração muito pequeno e u'a mente muito estreita para pensar somente nas pessoas que compõem nossa família. Devemos ser universalistas.

Jesus era alegre, comunicativo, amoroso com todos e não um homem sisudo, carrancudo e inquisidor: ouvia as pessoas afetuosamente e procurava orientá-las para sua melhoria ético-moral. Vez por outra repreendeu um ou outro, mas sem nunca arrasar sua dignidade, pois sabia que se agiam de forma antiética era por incapacidade de alcançar um padrão de vida mais perfeito. Nunca se impacientou com os equivocados, os viciosos e os maldosos, mas sim procurou elevar-lhes a compreensão.

Sua morte é tratada por alguns como um evento terrificante, chegando alguns autores a detalhes cruéis sobre sua crucificação, indiretamente criando um ambiente negativo, supervalorizando o sofrimento físico e esquecendo-se de que aquilo tudo foi uma forma de identificar o Messias apontado pelos profetas antigos.

Os sacerdotes da Religião Oficial da época não admitiam que o Messias pregasse uma Doutrina diferente da sua, diminuindo-lhes indiretamente a autoridade junto ao povo, que esses sacerdotes exploravam inclusive financeiramente. O Messias atingiu aquela elite principalmente “no bolso” e, por isso, pensou-se em eliminá-lo, em calar Sua voz.

A forma que se utilizou para tanto é mais do que conhecida e não vale a pena esmiuçar esses fatos.

Todavia, logo depois de morto, apareceu para Seus seguidores e as pessoas de boa-vontade. Com isso, visava divulgar a idéia de que a morte mata o corpo, mas a alma continua viva. Essa igualmente uma das revelações mais importantes feita por Ele à humanidade. Até então, apenas poucas pessoas tinham certeza da sobrevivência da alma após a morte, sendo esse conhecimento reservado principalmente aos sacerdotes mais graduados das várias Religiões. Trata-se do Esoterismo [11].

Infelizmente, até hoje há cristãos que duvidam da vida após a morte e afirmam que, com a morte, tudo acaba e que, inclusive, somos apenas e corpo e que não existe alma. Não há como entender esses cristãos, que, se é que leram os Evangelhos, não os entenderam ou preferem fingir que não os entenderam...

Uma das mais importantes afirmações de Jesus foi sobre a reencarnação [12], ou seja, que os homens e mulheres vivem, não uma única vida, mas inúmeras. O episódio em que Ele confirma que João Batista é o profeta Elias em encarnação seguinte não pode deixar dúvidas. Na verdade, essa dúvida passou a ocorrer apenas após um infeliz Concílio de Constantinopla [13], em que as autoridades católicas houveram por bem impedir que continuasse adotando-se a crença reencarnacionista dentro do Cristianismo ao condenar as obras de Orígenes (que era reencarnacionista).

Esse crime contra a Verdade causa prejuízos até hoje, pois a maioria dos cristãos duvida da reencarnação e pensa que vivemos apenas uma vez e que, morrendo, nosso destino está selado pela eternidade afora no Inferno ou no Céu.

Um dos homens mais extraordinários que já se conheceu – Gandhi - afirmava ter passado a amar Jesus Cristo depois de ler o Sermão da Montanha, mas que não conseguia entender os cristãos, porque, mesmo sendo aparentemente seguidores de uma

Alma tão perfeita, viviam de forma egoística e em desacordo com Suas Lições de Rara Beleza.

Isto é o que posso informar aos Prezados Leitores sobre Jesus Cristo, de forma resumida.

2 – EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Gibran Khalil Gibran fala sobre os filhos (2003: 28-29):

E uma mulher, que segurava um bebê no colo, disse: Fala-nos dos Filhos.

E ele disse:

Vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas do desejo da Vida por si mesma.

Eles vêm através de vós, mas não de vós,

E apesar de estarem convosco, não pertencem a vós.

Podeis dar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,

Porque eles têm seus próprios pensamentos.

Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas,

Pois suas almas vivem na casa do amanhã, a qual vós não podeis visitar, nem mesmo em vossos sonhos.

Podeis esforçar-vos em ser como eles, mas não tentai fazê-los como vós.

Pois a vida não volta para trás, nem permanece no dia de ontem.

Sois os arcos dos quais Seus filhos, como flechas vivas, são arremessados.

*O Arqueiro vê o alvo no caminho do infinito, e
Ele vos dobra como Seu poder para que Suas flechas
possam ir longe e velozes.*

*Dai que o Arqueiro vos curve com alegria;
Pois assim como Ele ama a flecha que voa, Ele
também ama o arco que é estável.*

A noção mais importante que os pais devem ter é de que o pai dos seus filhos é Deus, enquanto que somos apenas Seus mandatários na tarefa educativa.

Nossos filhos terão que prestar contas do resultado do aprendizado apenas a Deus, e não a nós, quanto às felizes ou felizes opções de sua conduta. Não devem se envergonhar perante nós dos seus eventuais erros nem podemos cobrar deles um resultado exitoso, o que deve ser resolvido exclusivamente entre eles e Deus. Não que devamos “lavar as mãos” quanto às eventuais opções negativas dos nossos filhos, mas sim que devemos envidar todos os esforços pelo seu sucesso, inclusive, ético-moral, todavia, sem substituí-los no trabalho evolutivo que lhes compete.

Em resumo, precisamos superar a idéia de posse, cuja origem vem de tempos imemoriais, quando os pais davam seus filhos aos credores em pagamento de dívidas ou vendiam suas filhas em troca de mercadorias.

O relacionamento entre pais e filhos caminha para a igualdade, em lugar do antigo sistema de subordinação e de obediência irrestrita.

Pais e mães devem conquistar o amor de seus filhos pelo companheirismo e não impor-se pela violência ou pela chantagem emocional.

Dentre os itens mais importantes a serem ensinados conta-se a religiosidade, ou seja, a adoção de princípios ético-morais consubstanciados no Amor a Deus e na Fraternidade Universal, não importando tanto especificamente qual o credo religioso se escolha.

Outra grande lição é o trabalho honesto, sem o qual a vida redonda em tédio, deccorente da ociosidade, daí surgindo todos os vícios e defeitos morais.

O estudo é uma fonte de prazer intelectual e forma de enriquecer-se mentalmente, sendo necessário sempre esteja presente em nossas vidas, dentro e fora das escolas.

Não é difícil nem fácil educar-se os filhos: representa apenas a sequência natural de nossas vidas, sem a qual o vazio interior se nos instala no íntimo. Mais do que a Ciência que venhamos a ensinar aos nossos filhos, importa o Amor verdadeiro, mas ambos se completam.

3 – ESPORTES

A prática de Esporte representa uma opção de determinadas pessoas. Há outros que preferem os trabalhos braçais. Há ainda quem não goste de uma opção nem da outra, não se alegrando com nenhuma atividade física.

Vejo no Esporte muita utilidade para a formação física e psicológica das pessoas, sendo que, quanto a esta última, seja desenvolvida com intenções pacifistas.

Infelizmente, há muito de agressividade na mentalidade de esportistas e um excesso de espírito de competição. Tratam-se de deturpações, que devem ser corrigidas.

A nível de práticas amadoras não se deve encará-las como verdadeira “guerra” entre pessoas, como se os adversários fossem inimigos a ser massacrados.

Há quem escolha o Esporte como opção profissional, devendo seguir sempre as normas de uma Ética superior, trabalhando pela dignificação do ser humano e seu aperfeiçoamento físico-ético.

Para quem gosta de Esporte, é saudável sua prática até idade avançada, proporcionando saúde e alegria interior.

4 – FAMÍLIA

A Enciclopédia do Advogado assim esclarece sobre a expressão *família*:

Em sentido lato, pessoas ligadas por consangüinidade. Em sentido restrito os cônjuges e a prole. (Nota dos colaboradores da atualização - A entidade familiar, a partir da CF/88, compreende também a união estável entre o homem e a mulher e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (§ 3º e 4º do art. 226, CF/88). (Nota do revisor - A lei 8.971 de 29.12.1994 regulou o direito dos companheiros a alimentos e à sucessão e posteriormente a lei 9.278 de 10.05.1996 regulou inteiramente o artigo 226, § 3º da CF/88, reconhecendo, no seu artigo 1º, como entidade familiar a convivência duradoura, pública e contínua de um homem e uma mulher estabelecida com o objetivo de constituição de família. Vide o verbete concubinato, onde são comentadas mais largamente estas leis).

Há alguns anos atrás o famoso jurista Orlando Gomes já dizia que a família estava deixando de ser o grande agrupamento de pessoas ligadas pelo parentesco para restringir-se ao casal e seus filhos.

Realmente, o parentesco no sentido antigo está cada vez mais enfraquecido.

A verdade é que o próprio conjunto formado por marido e mulher e filhos tem perdido muito em termos de estabilidade.

Quanto à primeira situação acima referida, o distanciamento pode ser atribuído ao individualismo que se tomou como regra no mundo moderno, em que cada pessoa costuma priorizar seus objetivos e interesses pessoais acima de qualquer idéia de colaboração e associativismo.

Quanto à segunda situação, o mesmo individualismo tem separado pessoas que não têm muita paciência de suportar as diferenças de opiniões dos que com elas convivem.

O reconhecimento da união estável como entidade familiar visou a atender as reivindicações daqueles que não querem se ligar pelo casamento.

Sem querer, de minha parte, impor casamento a quem quer que seja, entendo que essa instituição ainda é uma forma de garantir segurança ao grupo formado pelo homem, sua mulher e os filhos. Outra forma de convivência gera, no mínimo, uma certa instabilidade entre os membros do grupo.

A facilidade em formar um grupo familiar e desfazê-lo com a mesma velocidade incentiva, indiretamente, a irresponsabilidade nas escolhas, que sempre traz prejuízos para as pessoas mais frágeis do grupo, que são, normalmente, os filhos.

Não se pretende o retorno à rigidez anterior à Lei do Divórcio, quando muitas mulheres atravessavam uma existência inteira suportando a infidelidade e a desfaçatez de maridos inconstantes simplesmente para não ficarem mal vistas na sociedade e sem meios materiais de sobrevivência.

Todavia, a irresponsabilidade sexual que se instituiu recentemente - com transtornos graves para os filhos em idade infantil ou adolescentes - é uma coisa séria para se pensar.

Nem falso moralismo nem libertinagem com ares de modernidade.

Identificar os rumos para o Futuro é uma das coisas mais importantes que podemos fazer.

Com relação à Família, percebe-se claramente a tendência para a concretização da igualdade de fato e de direito entre os cônjuges e seus filhos. Não mais a supremacia do varão sobre a esposa e de ambos sobre os filhos. O fato de alguém ser filho não pode retirar-lhe o direito à igualdade em relação aos pais.

O movimento feminista deu ênfase à indispensável atuação das mulheres na sociedade, enquanto que o movimento “*hippie*” representou o grito de liberdade dos jovens.

Essas iniciativas trabalharam pela implantação da Igualdade, um dos pilares do tríptico Liberdade-Igualdade-Fraternidade, base da sociedade realmente civilizada do Futuro.

O instituto Família representa a célula fundamental da sociedade, sem a qual ingressamos em processo acelerado de decadência, tal como ocorreu na Roma Antiga.

Para preservar a Família é preciso despirmo-nos do egoísmo individualista e pensarmos no “outro”, quais sejam, o cônjuge e a prole.

Um ser humano sem sua “cara metade” e seus filhos é apenas uma pessoa, mas, unido a esse grupo, representa uma coletividade, cujas forças se multiplicam em escala geométrica.

Pouco vale a figura do Estado se não se embasa na soma dos milhões de famílias: será, no máximo, apenas um “agrupamento desprezível de indivíduos respeitáveis”, conforme disse Emil Ludwig sobre o povo alemão, qualificado individualmente, mas desunido.

Um país não deve ser o conjunto de cidadãos, mas sim o conjunto de famílias.

Precisamos esclarecer nossos concidadãos da importância do grupo familiar, incentivando-os à estabilidade da “sociedade doméstica”, não importando se há casamento formal ou não: o que importa é a “*affectio societatis*” no sentido amplo.

É verdade que há quem trabalhe contra essa conquista, pregando o individualismo extremado, numa tentativa de volta ao período pré-histórico, onde a lei era o “cada um para si”. A Mídia, sobretudo, tem veiculado, através de mensagens subliminares, a idéia de que a união entre homens e mulheres deve se resumir a encontros fortuitos, onde os filhos serão mero detalhe sem maior importância.

A timidez dos bons em afirmar suas convicções contribui indiretamente para encorajar os mensageiros do Caos.

É preciso que cada um seja firme nas suas convicções e na divulgação dos seus exemplos de vida harmônica em família.

5 – RELIGIÃO

Disse Gibran Khalil Gibran acerca da Religião (2003: 98-100):

E um velho sacerdote disse: Fala-nos da Religião.

E ele disse:

Falei hoje de outra coisa?

A religião não é todos os feitos e toda reflexão,

E que não é nem feitos nem reflexão, mas uma maravilha e uma surpresa que surgem continuamente da alma, mesmo quando as mãos talham a pedra ou trabalham no tear?

Quem pode separar sua fé de suas ações, ou sua crença de suas ocupações?

Quem pode distribuir as horas à sua frente e dizer: “Isto é para Deus e isto é para mim; Isto é para minha alma e isto é para meu corpo”?

Todas as vossas horas são asas que batem através do espaço, de ser em ser.

Seria melhor que aquele que usa sua moralidade como sua melhor roupa andasse nu.

O vento e o sol não farão buracos em sua pele.

E aquele que define sua conduta pela ética aprisiona seu pássaro que canta em uma gaiola.

A canção mais livre não vem através de barras e arames.

E aquele para quem a adoração é uma janela, para ser aberta e também fechada, ainda não visitou a casa de sua alma, cujas janelas estão abertas da aurora até a aurora.

Vossa vida diária é o vosso templo e a vossa religião.

Quando entrardes nela, levai convosco o vosso todo.

Levai o arado, a forja, a marreta e a harpa,

As coisas que fabricastes por necessidade ou

gozo.

Pois, em verdade, não podeis elevar-vos acima de vossas realizações nem cairdes abaixo que vossos fracassos.

E levai-os todos convosco.

Pois, na adoração, não podereis voar mais alto que suas esperanças nem humilhar-vos mais abaixo que seu desespero.

E se conhecereis a Deus, que Ele não seja, portanto, o que resolve charadas.

Mas olhai ao vosso redor e O vereis brincando com vossos filhos.

E olhai para o espaço; O vereis caminhando nas nuvens, estendendo Seus braços no relâmpago e descendo com a chuva.

Vós o vereis sorrindo nas flores e elevando-se e abanando Seus braços nas árvores.

Gibran falava da Religião em todos os seus livros e quadros, tamanha era sua fé. Assim também fazemos nós, revelando nossa crença ou descrença em Deus e nas suas Leis.

Não dá para entender, segundo diz Gibran, como alguém separe, sem peso na consciência, determinados atos e momentos para Deus e outros para as atitudes e momentos antiéticos.

Somos monoblocos, vasos comunicantes, seres em que não há como separar um elemento interior dos outros. Tudo que pensamos e fazemos repercute no nosso conjunto interior.

Por isso, quanto mais investirmos no nosso lado mais elevado acabará sublimando os ângulos mais escuros da nossa personalidade.

Sobretudo, é importante entendermos a Religião resumida no brocardo: o Amor (Universal) cobre a multidão dos pecados.

6 – CASAMENTO

A respeito do Casamento disse Gibran Khalil Gibran (2003: 26-27):

Então, Almitra falou novamente e disse: E sobre o Casamento, mestre?

E ele respondeu, dizendo:

Vós nascestes juntos e juntos permacereis para sempre.

Estareis juntos quando as brancas asas da morte acabarem com os vossos dias.

Sim, estareis juntos mesmo na silenciosa memória de Deus.

Mas haverá lacunas em vossa união.

E deixem que os ventos dos céus dançam entre vós.

Amai um ao outro, mas não façais uma ligação de amor:

Deixai que seja como um mar em movimento entre as praias de vossas almas.

Enchei o cálice um do outro, mas não bebei do cálice do outro.

Dai um ao outro do vosso pão, mas não comei do mesmo pedaço.

Cantai e dançai juntos e sejais alegres, mas deixai que cada um fique sozinho,

Assim como as cordas de uma lira são sozinhas, apesar de vibrarem com a mesma música.

Daí vossos corações, mas não para que o outro os guarde.

Pois apenas a mão da Vida pode conter vossos corações.

E ficai juntos, mas não juntos demais:

Pois os pilares do templo ficam separados,

E o carvalho e o cipreste não crescem na sombra um do outro.

O casamento representa a união entre duas pessoas, mas não pode transformar-se na anulação delas como individualidades. Em caso contrário, caminha para o fracasso.

Muitos casamentos perdem o vigor, com o passar do tempo, justamente porque cada um dos cônjuges procura impedir que o outro evolua dentro da sua linha individual de ascensão intelectual-moral.

Ninguém é exatamente igual a outrem e, assim, cada um tem seu próprio foco de interesses e gostos.

O importante no casal, e que o mantém unido, é o respeito à individualidade de cada um.

Há uma dificuldade muito grande da maioria dos casais em agir de acordo com essa regra básica, mas importa que aprendam isso.

Hoje em dia, quando as mulheres procuram valorizar-se, é importante que a igualdade absoluta reine entre marido e mulher, não se admitindo que um tente sobrepujar o outro.

CONCLUSÕES

- 1) Conhecer a Verdade é o primeiro passo para o aperfeiçoamento interior.
- 2) Procurar viver de acordo com ela é o segundo.
- 3) Ensiná-la é o terceiro.

NOTAS

[1] Em http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus_Cristo se lê:

Jesus Cristo é a forma como a Bíblia se refere àquele cujos seguidores consideram Jesus o Messias, o Filho de Deus encarnado.

A expressão "Jesus Cristo" surge várias vezes nos escritos gregos da Bíblia, no Novo Testamento, e veio a tornar-se a forma respeitosa como os crístãos se referem a Jesus, Homem Judeu que, segundo os evangelhos, nasceu em Belém da Judeia e passou a maior parte da sua

vida em Nazaré, na Galileia, sendo por isso chamado, às vezes, de Jesus de Nazaré ou Nazareno. O título Cristo, portanto, confere uma perspectiva religiosa à figura histórica de Jesus.

Segundo os evangelhos, antes de ser preso e crucificado, Jesus Cristo celebrou sua última Páscoa judaica juntamente com seus apóstolos, pedindo que a partir daquele dia eles comessem o pão e tomassem o cálice de vinho em sua memória, pois Ele entregaria o seu corpo e o seu sangue no lugar dos pecadores.

Segundo o cristianismo, o Messias cumpriria algumas das profecias do Antigo Testamento. Tais como:

- *Nasceria em Belém de Judá (Miquéias 5:2)*
- *de uma virgem (gr. phaneros) (Isaías 7:14)*
- *por intermédio de Deus (Salmos 2:7)*
- *descendente de Jacó (Números 24:17)*
- *da tribo de Judá (Gênesis 49:10)*
- *iria para o Egito (Oséias 11:1)*
- *surgiria da Galiléia (Isaías 9:1)*
- *um mensageiro prepararia o seu caminho (Malaquias 3:1) clamando no deserto (Isaías 40:3)*
- *o Espírito de Deus iria repousar sobre Ele (Isaías 11:2)*
- *faria profecias (Deuteronômio 18:18)*
- *abriria os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos (Isaías 35:5)*
- *curaria os coxos e os mudos (Isaías 35:6)*
- *falaria em parábolas (Salmos 78:2)*
- *mesmo sendo pobre, seria aclamado rei, em um jumento (Zacarias 9:9)*
- *seria rejeitado (Salmos 118:22)*
- *traído por um amigo (Salmos 41:9)*
- *por trinta moedas de prata (Zacarias 11:12)*
- *moedas essas que seriam dadas a um oleiro (Zacarias 11:13)*

- *seria ferido, e depois abandonado por seus discípulos (Zacarias 13:7)*
- *seria acusado injustamente (Salmos 35:11)*
- *seria ferido pelas nossas transgressões (Isaías 53:5)*
- *não responderia aos seus acusadores (Isaías 53:7)*
- *seria cuspidado e esbofeteado (Isaías 50:6)*
- *seria zombado depois de preso (Salmos 22:7,8)*
- *teria os pés e mãos transpassados (Salmos 22:16)*
- *na terra dos seus amigos (Zacarias 13:6)*
- *junto com transgressores (Isaías 53:12)*
- *oraria pelos seus inimigos (Salmos 109:4)*
- *seria rejeitado e ferido por nossas iniquidades (Isaías 53:3-5)*
- *lançariam sortes para repartir as suas vestes (Salmos 22:18)*
- *o fariam beber vinagre (Salmos 69:21)*
- *clamará a Deus no seu desamparo (Salmos 22:1)*
- *entregaria seu espírito a Deus (Salmos 31:5)*
- *não teria os ossos quebrados (Salmos 34:20)*
- *a Terra se escureceria, mesmo sendo dia claro (Amós 8:9,10)*
- *um rico o sepultaria (Isaías 53:9)*
- *Ele ressuscitaria (Salmos 30:3)*
- *no terceiro dia (Oséias 6:2)*
- *subindo também aos céus (Salm. 68:18; Atos 1:11)*
- *e sendo recebido pelo seu Pai, à sua direita (Salm. 110:1; Atos 7:55)*

[2] Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ética> conferimos:

Ética (do grego ethos, que significa modo de ser, caráter, comportamento) é o ramo da filosofia que busca estudar e indicar o melhor modo de viver no cotidiano e na sociedade. Diferencia-se da

moral, pois enquanto esta se fundamenta na obediência a normas, tabus, costumes ou mandamentos culturais, hierárquicos ou religiosos recebidos, a ética, ao contrário, busca fundamentar o bom modo de viver pelo *pensamento humano*.

Na *filosofia clássica*, a ética não se resume ao estudo da moral (entendida como "costume", do *latim* mos, mores), mas a todo o campo do conhecimento que não é abrangido na *física*, *metafísica*, *estética*, na *lógica* e nem na *retórica*. Assim, a ética abrangia os campos que atualmente são denominados *antropologia*, *psicologia*, *sociologia*, *economia*, *pedagogia*, *educação física*, *dietética* e até mesmo *política*, em suma, campos direta ou indiretamente ligados a maneiras de viver.

Porém, com a crescente profissionalização e especialização do conhecimento que se seguiu à *revolução industrial*, a maioria dos campos que eram objeto de estudo da filosofia, particularmente da ética, foram estabelecidos como disciplinas científicas independentes. Assim, é comum que atualmente a ética seja definida como "a área da filosofia que se ocupa do estudo das normas morais nas sociedades humanas" e busca explicar e justificar os costumes de um determinado agrupamento humano, bem como fornecer subsídios para a solução de seus *dilemas* mais comuns. Neste sentido, ética pode ser definida como a ciência que estuda a conduta humana e a moral é a qualidade desta conduta, quando julga-se do ponto de vista do Bem e do Mal.

A ética também não deve ser confundida com a *lei*, embora com certa frequência a lei tenha como base princípios éticos. Ao contrário do que ocorre com a lei, nenhum indivíduo pode ser compelido, pelo Estado ou por outros indivíduos, a cumprir as normas éticas, nem sofrer qualquer sanção pela desobediência a estas; por outro lado, a lei pode ser omissa quanto a questões abrangidas no escopo da ética.

Hoje em dia, a maioria das profissões têm o seu próprio código de ética profissional, que é um conjunto de normas de cumprimento obrigatório, derivadas da ética, e que por ser um código escrito e freqüentemente incorporados à lei pública não deveria se chamar de "código de ética" e sim "Legislação da Profissão". Nesses casos, os princípios éticos passam a ter força de lei; note-se que, mesmo nos casos em que esses códigos não estão incorporados à lei, seu estudo tem alta probabilidade de exercer influência, por exemplo, em julgamentos nos quais se discutam fatos relativos à conduta profissional. Ademais, o seu não cumprimento pode resultar em sanções executadas pela sociedade profissional, como censura pública e suspensão temporária

ou definitiva do direito de exercer a profissão, situações essas algumas vezes revertidas pela justiça comum, principalmente quando os "códigos de ética" de certas profissões apresentam viés que contraria a lei ordinária.

[3] Verifica-se em <http://pt.wikilingue.com/es/Moral>:

Denomina-se moral ou moralidade ao conjunto de crenças e normas de uma pessoa ou grupo social que determinará o fazer (isto é, que orienta a respeito do bem ou do mau —correcto ou incorrecto— de uma acção ou acções).

A moral são as regras ou normas pelas que se rege a conduta de um ser humano em relação com a sociedade e consigo mesmo. Este termo tem um sentido positivo em frente aos de «inmoral» (contra a moral) e «amoral» (sem moral). A existência de acções e actividades susceptíveis de valoração moral fundamenta-se no ser humano como sujeito de actos voluntários. Por tanto, a moral relaciona-se com o estudo da liberdade e abarca a acção do homem em todas suas manifestações.

A palavra «moral» tem sua origem no termo latino mores, cujo significado é costume'. Moralis (< latín mos = grego 'costume'). Portanto «moral» não acarreta por sim o conceito de mau ou de bom. São, então, os costumes as que são virtuosas ou perniciosas.

Os antigos romanos concediam a more-las maiorum ('costumes dos maiores', os costumes de seus ancestros fixadas em uma série continuada de precedentes judiciais) uma importância capital na vida jurídica, a tal grau que durante mais de dois séculos (aproximadamente até o século II a. C.) foi a principal entre as fontes do Direito. Sua vigência perdura através da codificação de ditos precedentes em um texto que chega até nós como a Lei das XII Tabelas, elaborado ao redor do 450 a. C.

Os conceitos e crenças sobre moralidad são generalizados e codificados em uma cultura ou grupo e, portanto, servem para regular o comportamento de seus membros. A conformidade com ditas codificações é também conhecida como moral e a civilização depende do uso generalizado da moral para sua existência.

[4] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristianismo> registra:

Cristianismo (do grego Χριστός, "Cristo") é uma religião monoteísta centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tais como são apresentados no Novo Testamento. A fé cristã acredita essencialmente em Jesus como o Cristo, Filho de Deus, Salvador e Senhor.

A religião cristã tem três vertentes principais: o Catolicismo, a Ortodoxia Oriental (separada do catolicismo em 1054) e o protestantismo (que surgiu durante a Reforma Protestante do século XIV). O protestantismo é dividido em grupos menores chamados de denominações. Os cristãos acreditam que Jesus Cristo é o Filho de Deus que se tornou homem e o Salvador da humanidade, morrendo pelos pecados do mundo. Geralmente, os cristãos se referem a Jesus como o Cristo ou o Messias.

Os seguidores do cristianismo, conhecidos como cristãos, acreditam que Jesus seja o Messias profetizado na Bíblia Hebraica (a parte das escrituras comum tanto ao cristianismo quanto ao judaísmo). A teologia cristã ortodoxa alega que Jesus teria sofrido, morrido e ressuscitado para abrir o caminho para o céu aos humanos; Os cristãos acreditam que Jesus teria ascendido aos céus, e a maior parte das denominações ensina que Jesus irá retornar para julgar todos os seres humanos, vivos e mortos, e conceder a imortalidade aos seus seguidores. Jesus também é considerado para os cristãos como modelo de uma vida virtuosa, e tanto como o revelador quanto a encarnação de Deus. Os cristãos chamam a mensagem de Jesus Cristo de Evangelho ("Boas Novas"), e por isto referem-se aos primeiros relatos de seu ministério como evangelhos.

O cristianismo se iniciou como uma seita judaica e, como tal, da mesma maneira que o próprio judaísmo ou o islamismo, é classificada como uma religião abraâmica (ver também judaico-cristão). Após se originar no Mediterrâneo Oriental, rapidamente se expandiu em abrangência e influência, ao longo de poucas décadas; no século IV já havia se tornado a religião dominante no Império Romano. Durante a Idade Média a maior parte da Europa foi cristianizada, e os cristãos também seguiram sendo uma significativa minoria religiosa no Oriente Médio, Norte da África e em partes da Índia. Depois da Era das Descobertas, através de trabalho missionário e da colonização, o cristianismo se espalhou para as Américas e pelo resto do mundo.

O cristianismo desempenhou um papel de destaque na formação da civilização ocidental pelo menos desde o século IV. A primeira nação a adotar o cristianismo como religião oficial foi a Armênia, fundando a Igreja Ortodoxa Armênia, em 301.

No início do século XXI o cristianismo conta com entre 1,5 bilhão e 2,1 bilhões de seguidores, representando cerca de um quarto a um terço da população mundial, e é uma das maiores religiões do mundo. O cristianismo também é a religião de Estado de diversos países.

[5] Vê-se em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Concílio>:

Um concílio é uma reunião de autoridades eclesiásticas com o objetivo de discutir e deliberar sobre questões pastorais, de doutrina, fé e costumes (moral). Os concílios podem ser ecumênicos, plenários, nacionais, provinciais ou diocesanos, consoante o âmbito que abarquem.

O primeiro concílio ocorreu em Jerusalém, conforme pode ser lido no livro dos Atos dos Apóstolos, quando os Apóstolos se reuniram para tratar sobre os temas que estavam dividindo os primeiros cristãos: de um lado os judaizantes (judeus convertidos) e do outro os gentios (os convertidos não-judeus).

Os concílios são, naturalmente, um esforço comum da Igreja, ou parte da Igreja, para a sua própria preservação e defesa, ou guarda e clareza da Fé e da doutrina. Assim, quando parte da Igreja se encontra em necessidade, ou está ameaçada, as autoridades eclesiásticas locais talvez entendam como sendo prudente a convocação de um concílio. Neste caso, se convoca os Bispos pertinentes ao território que tal concílio pretende abranger. Este concílio, então, não obriga a todos os católicos vinculados a este território, pois trata-se apenas de um magistério episcopal, não universal, e só tem valor jurídico. (conf. Catholic Encyclopedia)

Da mesma forma, existem momentos na história da Igreja, onde a necessidade de defesa se faz de modo universal. Como que atacada por erros ou situações contemporâneas em proporções globais, a autoridade universal da Igreja, na pessoa do Papa, se encontra persuadida a convocar um concílio universal ou global, isto é, um concílio ecumênico. A força do Concílio não reside nos bispos ou em outros eclesiásticos, mas sim nas circunstâncias do poder e da Lei legada: o Papa como pastor universal que declara algo como sendo próprio das Verdades reveladas. Fora disso, o Concílio tem apenas poder sinodal. Porém, quando o concílio está em comunhão com o Papa, e se o Papa falar ali ex cathedra, o episcopado plenamente reunido torna-se também infalível.

[6] Encontra-se em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Verdade>:

A palavra verdade pode ter vários significados, desde “ser o caso”, “estar de acordo com os fatos ou a realidade”, ou ainda ser fiel às origens ou a um padrão. Usos mais antigos abarcavam o sentido de fidelidade, constância ou sinceridade em atos, palavras e caráter. Assim, “a verdade” pode significar o que é real ou possivelmente real dentro de um sistema de valores. Esta qualificação implica o imaginário, a realidade e a ficção, questões centrais tanto em antropologia cultural, artes, filosofia e a própria razão. Como não há um consenso entre filósofos e acadêmicos, várias teorias e visões a cerca da verdade existem e continuam sendo debatidas.

Para Nietzsche, por exemplo, a verdade é um ponto de vista. Ele não define nem aceita definição da verdade, porque não se pode alcançar uma certeza sobre a definição do oposto da mentira. Daí seu texto “como filosofar com o martelo”.

*Quem concorda sinceramente com uma frase está alegando que ela é verdadeira. A filosofia estuda a **verdade** de diversas maneiras. A metafísica se ocupa da natureza da verdade. A lógica se ocupa da preservação da verdade. A epistemologia se ocupa do conhecimento da verdade.*

As questões tipicamente debatidas incluem:

o O que pode ser classificado como falso ou verdadeiro?

o Como definir e identificar a verdade?

o A verdade é subjetiva, objetiva, relativa ou absoluta?

O primeiro problema para os filósofos é estabelecer que tipo de coisa é verdadeira ou falsa, qual o portador da verdade (em inglês truth-bearer). Depois há o problema de se explicar o que torna verdadeiro ou falso o portador da verdade. Há teorias robustas que tratam a verdade como uma propriedade. E há teorias deflacionárias, para as quais a verdade é apenas uma ferramenta conveniente da nossa linguagem. Desenvolvimentos da lógica formal trazem alguma luz sobre o modo como nos ocupamos da verdade nas linguagens naturais e em linguagens formais.

Há ainda o problema epistemológico do conhecimento da verdade. O modo como sabemos que estamos com dor de dente é diferente do modo como sabemos que o livro está sobre a mesa. A dor de dente é subjetiva, talvez determinada pela introspecção. O fato do livro estar

sobre a mesa é objetivo, determinado pela *percepção*, por observações que podem ser partilhadas com outras pessoas, por *raciocínios* e *cálculos*. Há ainda a distinção entre verdades relativas à posição de alguém e verdades absolutas.

[7] Encontra-se em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mundo>:

*Mundo é um nome para o universo que os seres ocupantes da Terra visto de um ponto de vista humano, como um lugar habitado por seres humanos. Frequentemente é usado para querer dizer a soma de experiência humana na *história*, ou a 'condição humana' em geral.*

*Especialmente num contexto metafísico, também pode referir a tudo que compõe a realidade, o *universo*.*

[8] [http://pt.wikipedia.org/wiki/História de Israel](http://pt.wikipedia.org/wiki/História_de_Israel) registra:

O registro histórico mais antigo que se conhece sobre o nome Israel data do ano 1210 a.C., mencionado na Estela de Merneptah (num poema dedicado ao faraó Merneptah), em que o nome não é associado a um local geográfico, mas a um povo.

*O Povo de Israel ("Aquele que luta ao lado de Deus") surgiu de grupos nômades que habitavam a *Mesopotâmia* há cerca de cinco mil anos e que posteriormente rumaram para a região do *Levante* por volta do ano 2000 a.C.. No fim do século XVII a.C., por motivo de uma grande fome, Israel emigrou ao *Egito*, onde o governador da época era José, filho de Jacó (Israel). Dentro de um período de quatrocentos anos, com a morte de José e a sucessão do faraó, o Egito com medo do grande crescimento do povo israelita, escravizou Israel.*

*Após o fim do cativeiro no Egito, os israelitas vagaram pela região da *Península do Sinai*, reconquistando uma parte de seu território original no Levante, sob o comando do rei *Saul* por volta de 1029 a.C.. Segundo os relatos tradicionais, foi durante o reinado de Saul que, pressionados pelas constantes guerras com os povos vizinhos, as *12 tribos* de Israel se unificaram, formando um único reino.*

*Saul foi sucedido por *David*, em torno do ano 1000 a.C., que expandiu o território de Israel e conquistou a cidade de *Jerusalém*, onde instalou a capital do seu reino. Sob o reinado de *Salomão* que Israel alcançou o apogeu, entre os anos *966 a.C.* e *926 a.C.**

**Roboão*, filho de Salomão, sucede-lhe como rei em *922 a.C.* Porém, o Reino de Israel foi dividido em dois: a Norte, o Reino das Dez Tribos,*

também chamado de Reino de Israel, e ao Sul, o Reino das Duas Tribos, também chamado de Reino de Judá, cuja capital ficou sendo Jerusalém.

Em 586 a.C. o imperador babilônio Nabucodonosor invade Jerusalém, destrói o Primeiro Templo e obriga os israelitas ao seu primeiro exílio.

Levados à força para a Babilônia, os prisioneiros de Judá e Israel passaram cerca de 50 anos como escravos sob o domínio babilônico. O fim do Primeiro Êxodo possibilitou a volta dos israelitas a Jerusalém, que foi reconstruída, juntamente com seu Grande Templo. Do nome de Judá nasceram as denominações judeu e judaísmo.

Entretanto, o território dos judeus foi sendo conquistado e influenciado por diversas potências de sua época: assírios, persas, gregos, selêucida e romanos.

Ao longo de toda a dominação romana houve duas grandes revoltas dos judeus. Antes, houve uma primeira revolta no ano 135 a.C., quando Antíoco IV Epifânio, ainda durante a dominação selêucida, profanou o Templo ao sacrificar uma porca (animal considerado impuro pelo judaísmo) em seu altar. A revolta, chamada de Hasmoniana foi vitoriosa e garantiu a independência de Israel até o ano 63 a.C., quando o reino é conquistado pelos romanos. Seria durante este domínio que surgiria o Cristianismo.

Os romanos estabeleceram no reino judeu um protetorado. Entretanto, a prática da religião hebraica era constantemente reprimida pelos romanos, que interferiam na administração do Templo e atacavam e profanavam os locais de culto.

A primeira grande revolta contra o domínio romano se iniciou no ano 66 da Era Comum. Também conhecida como Grande Revolta Judaica, a rebelião duraria até o ano 70 d.C., quando o general Tito invade a região e destrói Jerusalém e o Segundo Templo. Cerca de um milhão de judeus teriam morrido durante os combates, segundo alguns pesquisadores. A região é transformada em província romana e batizada com o nome de Província Judaica.

A segunda e última rebelião contra os romanos foi a Revolta de Bar Kochba. A revolta foi esmagada pelo imperador Adriano em 135 e os judeus sobreviventes foram feitos escravos e expulsos de sua terra.

Durante os dois mil anos de duração do Êxodo, a presença judaica em Jerusalém e seu entorno foi constante, embora diminuta. No mesmo ano de 135, Adriano renomeou a Província Judaea para Província Síria

Palaestina, um nome grego derivado de "Filistéia" (Em Hebraico, פלשתי, em Grego, Παλῆστῆ) como tentativa de desligar a terra de seu passado judaico. A Mishná e o Talmude Yerushalmi (dois dos textos sagrados judaicos mais importantes) foram escritos na região neste período. Depois dos romanos os bizantinos e finalmente os muçulmanos conquistaram a Palestina em 638. A área do Levante foi controlada por diferentes estados muçulmanos ao longo dos séculos (à exceção do controle dos cristãos cruzados) até fazer parte do Império Otomano, entre 1517 e 1917.

O Exílio E As Perseguições Antijudaicas

Sob o domínio de diversos povos, culturas e religiões, os judeus exilados não encontraram jamais um clima de liberdade plena. Embora hostilizados sob as mais diversas acusações e pretextos, os judeus sobreviveram às perseguições morais ou violentas em torno de sua religião e de sua cultura particular.

Na Península Árabe do século VII, onde, provavelmente, chegaram após a destruição do Segundo Templo, os judeus viram-se envolvidos nas lutas entre Maomé e os habitantes de Meca. De início, parte integrante da umma criada por Maomé em Medina, duas tribos judaicas seriam expulsas da cidade, enquanto que a terceira seria executada (com exceção das mulheres e das crianças). Este episódio não tem, contudo, nada a ver com manifestações de antissemitismo, encontrando-se integrado nas guerras entre Meca e Medina e na mentalidade do século VII[1].

Em 1066, ocorreu o Massacre de Granada e, entre os séculos XII e XV, os judeus foram expulsos do Norte da Europa cristão. Os grandes massacres de judeus se sucederam em diversos países: Alemanha, Inglaterra (1290), França (1306 e 1394) e Espanha (1391), culminando na expulsão de 1492 e no grande massacre de Lisboa em 1506. Os judeus passaram a habitar a Europa Oriental.

Com o fim da Idade Média e o Iluminismo, as perseguições diminuíram, embora prosseguissem. Durante a Era Moderna, os judeus da Rússia e de toda a região Leste da Europa foram constantemente perseguidos e massacrados sob os mais diversos pretextos e acusações. Em meados do século XIX, os pogroms forçaram as ondas de imigração judaica para a América e fomentaram o surgimento dos primeiros movimentos sionistas.

[9] Em <http://www.ebdweb.com.br/.../a-infancia-de-jesus-ev-luix-henrique> se lê:

O MENINO CRESCIA. Como verdadeiro homem, Jesus experimentou o crescimento físico e mental. Crescia em sabedoria, conforme a graça de Deus. Era perfeito quanto à natureza humana, prosseguindo para a maturidade, segundo a vontade de Deus. CRESCIA JESUS EM SABEDORIA. Entre 2.52 e 3.1, passaram-se cerca de 18 anos da vida de Jesus, sem haver menção deles. Como foi a sua vida durante esses anos? Mt 13.55 e Mc 6.3 nos deixam ver que Jesus cresceu em uma família numerosa (Mt 13.55 e Mc 6.3), que seu pai era carpinteiro e que Ele aprendera aquele ofício. É provável que José tenha morrido antes de Jesus começar seu ministério público, e que Jesus tenha sustentado sua mãe e seus irmãos e irmãs mais novos. O ofício de carpinteiro incluía os consertos domésticos, a fabricação de móveis e a construção de implementos agrícolas, tais como arados e jugos. Durante todos esses anos, Ele crescia e se desenvolvia tanto física como espiritualmente, de conformidade com a vontade de Deus, plenamente consciente de que Deus era seu Pai.

[10] Lê-se em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Essênios>:

Os Essênios ^(português brasileiro) ou Essénios ^(português europeu) (Issi'im) constituíam um grupo ou seita judaica ascética que teve existência desde mais ou menos o ano 150 a.C. até o ano 70 d.C. Estavam relacionados com outros grupos religioso-políticos, como os saduceus.

O nome essênio provém do termo sírio asaya, e do aramaico essaya ou essenóí, todos com o significado de médico, passa por orum do grego (grego therapeutés), e, finalmente, por essení do latim. Também se aceita a forma esseniano.

Durante o domínio da Dinastia Hasmonéa, os essênios foram perseguidos. Retiraram-se por isso para o deserto, vivendo em comunidade e em estrito cumprimento da lei mosaica, bem como da dos Profetas. Na Bíblia não há menção sobre eles. Sabemos a seu respeito por Flávio Josefo (historiador oficial judeu) e por Fílon de Alexandria (filósofo judeu). Flávio Josefo relata a divisão dos judeus do Segundo Templo em três grupos principais: Saduceus, Fariseus e Essênios. Os Essênios eram um grupo de separatistas, a partir do qual alguns membros formaram uma comunidade monástica ascética que se isolou no deserto. Acredita-se que a crise que desencadeou esse isolamento do judaísmo ocorreu quando os príncipes Macabeus no poder, Jonathan e Simão, usurparam o ofício do Sumo Sacerdote, consternando os judeus conservadores. Alguns não podiam tolerar a situação e

denunciaram os novos governantes. Josefo refere, na ocasião, a existência de cerca de 4000 membros do grupo, espalhados por aldeias e povoações rurais.

Era característica dos judeus essênios :

- *Dividiam-se em grupos de 12 com um líder chamado "mestre da justiça";*
- *Vestiam-se sempre de branco;*
- *Acreditavam em milagres pela mão , milagres físicos e bênção com as mãos.*
- *aboliam a propriedade privada;*
- *Alguns eram vegetarianos;*
- *Eram celibatários.*
- *Tomavam banho antes das refeições;*
- *A comida era sujeita a rígidas regras de purificação.*
- *Eram chamados de nazarenos por causa do voto nazarita.*

Eles se proclamavam "a nova aliança" de Deus com israel, mais tarde este mesmo termo aparece na literatura cristã como "novo testamento" e também grande parte das práticas judaicas essênias.

Não tinham amos nem escravos. A hierarquia estabelecia-se de acordo com graus de pureza espiritual dos irmãos, os sacerdotes que ocupassem o topo da ordem.

Dentre as comunidades, tornou-se conhecida a de Qumran, pelos manuscritos em pergaminhos que levam seu nome, também chamados Pergaminhos do Mar Morto ou Manuscritos do Mar Morto. Segundo Christian Ginsburg (historiador orientalista), os essênios foram os precursores do Cristianismo, pois a maior parte dos ensinamentos de Jesus, o idealismo ético, a pureza espiritual, remetem ao ideal essênio de vida espiritual. A prática de banhar-se com frequência, segundo alguns historiadores, estaria na origem do ritual cristão do Batismo, que era ministrado por São João Batista, às margens do Rio Jordão, próximo a Qumram.

[11] Lê-se em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esoterismo>:

Esoterismo é o nome genérico que designa um conjunto de tradições e interpretações filosóficas das doutrinas e religiões que buscam desvendar seu sentido supostamente oculto. O esoterismo é o termo para as doutrinas cujos princípios e conhecimentos não podem ou não devem ser "vulgarizados", sendo comunicados a um restrito número de discípulos escolhidos.

Segundo Blavatsky, criadora da moderna Teosofia, o termo "esotérico" refere-se ao que está "dentro", em oposição ao que está "fora" e que é designado como "exotérico". Designa o significado verdadeiro da doutrina, sua essência, em oposição ao exotérico que é a "vestimenta" da doutrina, sua "decoração". Também segundo Blavatsky, todas as religiões e filosofias concordam em sua essência, diferindo apenas na "vestimenta", pois todas foram inspiradas no que ela chamou de "Religião-Verdade".

Um sentido popular do termo é de afirmação ou conhecimento enigmático e impenetrável. Hoje em dia o termo é mais ligado ao misticismo, ou seja, à busca de supostas verdades e leis últimas que regem todo o universo, porém ligando ao mesmo tempo o natural com o sobrenatural.

Muitas doutrinas espiritualistas são também chamadas esotéricas.

[12] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Reencarnação> consigna:

Reencarnação é uma ideia central de diversos sistemas filosóficos e religiosos, segundo a qual uma porção do Ser é capaz de subsistir à morte do corpo. Chamada consciência, espírito ou alma, essa porção seria capaz de ligar-se sucessivamente a diversos corpos para a consecução de um fim específico, como o auto-aperfeiçoamento ou a anulação do carma.

A reencarnação é um dos pontos fundamentais do Espiritismo, codificado por Allan Kardec, do Hinduísmo, do Jainismo, da Teosofia, do Rosacruzianismo e da filosofia platônica. Existem vertentes místicas do Cristianismo como, por exemplo, o Cristianismo esotérico, que também admite a reencarnação.

Há referência recentes a conceitos que poderiam lembrar a reencarnação na maior parte das religiões, incluindo religiões do Egito Antigo, religiões indígenas, entre outras. A crença na reencarnação também é parte da cultura popular ocidental, e sua representação é frequente em filmes de Hollywood. É comum no Ocidente a ideia de que

o Budismo também pregue a reencarnação, supostamente porque o Budismo tenha se originado como uma religião independente do Hinduísmo. No entanto essa noção tem sido contestada por fontes budistas; para mais detalhes veja renascimento.

A crença na reencarnação tem suas origens nos primórdios da humanidade, nas culturas primitivas. De acordo com alguns estudiosos, a ideia se desenvolveu de duas crenças comuns que afirmam que:

- Os seres humanos têm alma, que pode ser separada de seu corpo, temporariamente no sono, e permanentemente na morte;
- As almas podem ser transferidas de um organismo para outro.

Entre as tentativas de dar uma base "científica" a essa crença, destaca-se o trabalho do Dr. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, Estados Unidos, que recolheu dados sobre mais de 2.000 casos em todo o mundo que evidenciarão a reencarnação. No Sri Lanka (país onde a crença é muito popular), os resultados foram bem expressivos.

Segundo os dados levantados pelo Dr. Stevenson, os relatos de vidas passadas surgem geralmente aos dois anos de idade, desaparecendo com o desenvolvimento do cérebro. Uma constante aparece na proximidade familiar, embora haja casos sem nenhum relacionamento étnico ou cultural. Mortes na infância, de forma violenta, aparentam ser mais relatadas. A repressão para proteger a criança ou a ignorância do assunto faz com que sinais que indiquem um caso suspeito normalmente sejam esquecidos ou escondidos.

Influências comportamentais como fragmentos de algum idioma, fobias, depressões, talentos precoces (como em crianças prodígio), etc, podem surgir, porém a associação peremptória desses fenômenos com encarnações passadas continua a carecer de fundamentação científica consistente.

Dentre os trabalhos desenvolvidos por Dr. Stevenson sobre a reencarnação, destaca-se a obra "Vinte casos sugestivos de reencarnação".

A transmigração das almas ou metempsicose é uma teoria diferente da reencarnação, seguida por alguns adeptos de ensinamentos místicos orientais, que propõe que o homem pode reencarnar de modo não-progressivo em animais, plantas ou minerais. Esta teoria não é aceita pelos adeptos do Espiritismo, que a consideram incompatível com o conceito de evolução por vidas sucessivas.

Diversos estudiosos espíritas e espiritualistas defendem que, durante os seis primeiros séculos de nossa era, a reencarnação era um conceito admitido por muitos cristãos. De acordo com eles, numerosos Padres da Igreja ensinaram essa doutrina e apenas após o Segundo Concílio de Constantinopla, em 553 d.C., é que a reencarnação foi proscrita na prática da igreja, apesar de tal decisão não ter constado dos anais do Concílio. Afirmam ainda que Orígenes (185-253 d.C.), que influenciou bastante a teologia cristã, defendeu a ideia da reencarnação,^[1] além dos escritos de Gregório de Nisa (um Bispo da igreja Cristã no século IV) entre outros. Entretanto, tais afirmativas carecem de fundamentação histórico-documental. Por isso, os teólogos cristãos não só se opõem à teoria da reencarnação, como, também, à ideia de que ela era admitida pelos cristãos primitivos. Argumentam que não há referências na Bíblia, nem citações de outros Padres da Igreja, e que as próprias afirmações de Orígenes e de Gregório de Nisa aduzidas pelos estudiosos espíritas e de outras crenças espiritualistas, não são por aqueles citadas senão para as refutarem. Por outro lado, com base na análise da atas conciliares do Concílio de Constantinopla, constatam que os que ali se reuniram sequer citaram a doutrina da reencarnação - fosse para a afirmar ou para a rejeitar. Contra a reencarnação ainda cita-se Hebreus 9:27, o episódio dos dois ladrões na cruz, em Lucas 23:39-44, a parábola do rico e Lázaro, em Lucas 16:19-31 e Jó 10:21.

Passagens do Novo Testamento, como Mateus 11:12-15, 16:13-17 e 17:10-13, Marcos 6:14-15 e 18:10-12, Lucas 9:7-9, João 3:1-12 são citados por espiritualistas como evidência de que Jesus teria explicitamente anunciado a reencarnação.

Tanto a Igreja Católica como os Protestantes em geral denunciam a crença na reencarnação como herética. O Cristianismo Esotérico, por outro lado, admite e endossa abertamente a reencarnação - que é, inclusive, um dos pilares de sua doutrina. As teses reencarnacionistas, portanto, independentemente de serem corretas ou não, não encontram apoio na tradição judaico-cristã, cuja ortodoxia as considera, na verdade, importações de outras tradições, tal como o Hinduísmo e o Budismo.

Existem provas históricas de que a doutrina da reencarnação contava com adeptos no antigo judaísmo, embora somente após escrita do Talmud - não há referências a ela neste livro, tampouco se conhecem alusões em escrituras prévias. A ideia da reencarnação, chamada gilgul, tornou-se comum na crença popular, como pode ser constatado

na literatura ídiche entre os judeus Ashkenazi. Entre poucos cabalistas, prosperou a crença de que algumas almas humanas poderiam reencarnar em corpos não-humanos. Essas ideias foram encontradas em diversas obras cabalísticas do século XIII, assim como entre muitos escritos místicos do século XVI. A coleção de histórias de Martin Buber sobre a vida de Baal Shem Tov inclui várias que se referem a pessoas reencarnando em sucessivas vidas.

[13] Encontramos no endereço http://pt.wikipedia.org/wiki/Segundo_Concílio_de_Constantinopla:

O Segundo Concílio de Constantinopla (que acredita-se ter sido o Quinto Concílio Ecuménico da Igreja) foi um concílio ecuménico realizado na cidade de Constantinopla (atual Istambul , Turquia) de 5 de maio a 2 de junho do ano 553. Foi convocado pelo imperador romano Justiniano, com participação majoritária de bispos orientais; apenas dezesseis bispos ocidentais estavam presentes, vindos das províncias romanas da África e da Ilíria. O Presidente foi o bispo Eutiquio, patriarca de Constantinopla.

O Concílio emitiu 14 cânones cristológicos e contra os Três Capítulos. E mais 15 cânones condenando os ensinamentos de Orígenes e Evágrio.

- 1. "Se alguém não reconhece a única natureza ou substância (ousia) do Pai, Filho e Espírito Santo, sua única virtude e poder, uma Trindade consubstancial, uma só divindade adorada em três pessoas (hipóstase) ou caracteres (prósopa), seja anátema. Porque existe um só Deus e Pai, do qual procedem todas as coisas, e um só Senhor Jesus Cristo, através do qual são todas as coisas, e um só Espírito Santo, no qual estão todas as coisas."
- 2. "Se alguém não confessa que há duas concepções do Verbo de Deus, uma antes dos tempos, do Pai, intemporal e incorporal, e a outra nos últimos dias, concepção da mesma pessoa, que desceu do céu e foi feito carne por obra do Espírito Santo e da gloriosa Genitora de Deus (theotokos) e sempre virgem Maria, e que dela nasceu, seja anátema."
- 3. "Se alguém disser que existiu um Deus-Verbo, que fez os milagres, e um Outro Cristo, que sofreu, ou que Deus, o Verbo, estava com Cristo quando nasceu de uma mulher, ou que estava nele como uma pessoa em outra, e que ele não era um só e o mesmo Senhor Jesus Cristo, encarnado e feito homem, e que os milagres e os sofrimentos que ele

suportou voluntariamente na carne não pertenciam à mesma pessoa, seja anátema."

- 4. Uma condenação aos ensinamentos de Teodoro de Mopsuéstia e Nestório sobre a natureza de Jesus.
- 5. "Se alguém conceber a única personalidade (hipóstase) de nosso Senhor Jesus Cristo de tal modo que permita ver nela diversas personalidades, tentando introduzir por este meio duas personalidades ou dois caracteres no mistério de Cristo, dizendo que dessas duas personalidades introduzidas por ele provém uma única personalidade quanto à dignidade, à honra e à adoração, como Teodoro e Nestório escreveram em sua loucura, caluniando o santo Concílio de Calcedônia ao alegar que a expressão "uma personalidade" foi por ele usada com essa ímpia intenção; e se não confessar que o Verbo de Deus foi unido à carne quanto à personalidade..."
- 6. "Se alguém aplicar à gloriosa e sempre virgem Maria o título de "genitora de Deus" (theotokos) num sentido irreal e não verdadeiro, como se um simples homem tivesse nascido dela e não o Deus Verbo feito carne e dela nascido, enquanto o nascimento só deve ser "relacionado" com Deus o Verbo, como dizem, porquanto ele estava com o homem que foi nascido..."
- 7, 8 e 9. Reafirmam a única natureza de Deus.
- 10. "Se alguém não confessar que aquele que foi crucificado na carne, Nosso Senhor Jesus Cristo, é o verdadeiro Deus e Senhor da glória, parte da santa Trindade, seja anátema."
- 11. Condenação à Orígenes
- 12. Condenação à Teodoro de Mopsuéstia e suas obras
- 13. Condenação às obras de Teodoreto contra Cirilo de Alexandria e o Primeiro Concílio de Éfeso
- 14. Condenação à carta de Ibas de Edesa para para Maris, bispo de Hardaschir, na Pérsia

BIBLIOGRAFIA

. GIBRAN, Gibran Khalil, O Profeta, Porto Alegre-RS: L&PM Editores, 2003.

. SOIBELMAN, Leib. *Enciclopédia do Advogado*, Editora Elfez, 1998.

CALMA E TOLERÂNCIA

Bem aventurados os pobres de espírito, pois deles é o Reino do Céu.
(Jesus Cristo)

ÍNDICE

Introdução

1– Calma

1.1- Calma no ambiente de trabalho

1.2– Calma na vida familiar

1.3 – Calma no estudo

1.4 – Calma na relação com Deus

1.5 – Calma nas esperanças

1.6 – Calma com a humanidade

2 – Tolerância

2.1 – Tolerância no ambiente de trabalho

2.2 – Tolerância na vida familiar

2.3 – Tolerância no estudo

2.4 – Dia internacional para a tolerância

2.5 - Ano das Nações Unidas para a tolerância

3 – Recorre à meditação

Conclusões

INTRODUÇÃO

Um dos filósofos mais importantes de todos os tempos recebeu relativamente pouca divulgação, justamente devido à imensa profundidade das suas reflexões, porque somente u'a minoria tem interesse em estudos dessa envergadura. Trata-se de Pietro Ubaldi, mais dos grandes valores que será reconhecido mais pelas gerações futuras do que pelos contemporâneos.

Para informação dos Prezados Leitores segue abaixo a referência de http://pt.wikipedia.org/wiki/Pietro_Ubaldi:

Pietro Ubaldi (Pietro de Alleori Ubaldi) (Foligno/Itália, 18 de Agosto de 1886 — São Vicente/Brasil, 29 de fevereiro de 1972) foi um filósofo e pensador espiritualista italiano.

Pietro de Alleori Ubaldi, filho de Lavínia e Sante Ubaldi, casou-se com Antonieta Solfanelli Ubaldi com quem teve três filhos: Franco (morto em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial), Vincenzina (falecida aos dois anos de idade, em 1919), e Agnese (falecida em S. Vicente (SP) – 1975). Viveu parte de sua vida na Itália e parte no Brasil. Conheceu vários países. Renunciou uma vultosa herança. Publicou 24 obras de conteúdo filosófico cristão, demonstrando a existência de uma Lei Natural, segundo os princípios de Sócrates e de Platão. Faleceu no Hospital São José, em São Vicente, quarto n.º 5, à 0:30 hora, em 29 de fevereiro de 1972.

Formado em Direito e Música, falava fluentemente inglês, francês, alemão, espanhol e português, além de conhecer também o latim e o grego. Dedicou boa parte da vida ao estudo da filosofia e da religião, o que o levou a escrever

diversas obras sobre o tema, num viés espírita e universalista.

A obra consta de vinte e quatro livros, metade dos quais escritos na Itália e a outra metade no Brasil. O livro "A Grande Síntese" é tido como uma das principais obras, versando sobre uma proposta de compreensão unificada entre as formas de conhecimento humano.

As 24 obras:

- *Grandes Mensagens. Introdução e início da obra de Ubaldo, considerada por ele "de origem exclusivamente inspirativa". A edição brasileira apresenta uma biografia do autor.*
- *A Grande Síntese. Começa com a epígrafe "Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito". Traça o caminho que o ser percorreria por meio da evolução, desde o "plano da matéria" até o "do espírito", e mostra a "via de retorno a Deus", que seria o fenômeno fundamental do Universo e escopo supremo da Vida. O problema da consciência é sintetizado numa visão unitária e monista.*
- *As Noúres. Fala sobre "Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento". Defende a existência de tais correntes e procura explicar como elas poderiam ser "captadas" pela intuição.*
- *Ascese Mística. Explica o fenômeno místico e descreve a experiência do autor nesse campo.*
- *História de um homem. O autor analisa as várias fases da vida, sobretudo em função de A Grande Síntese e Ascese*

Mística, que foram colocados pela Igreja, em 1939, no Index dos livros proibidos.

- *Fragmentos de Pensamento e de Paixão. Aplicação dos princípios expostos nos volumes precedentes, dos problemas individuais e sociais. Os ideais franciscanos. A "verdadeira religião".*
- *A nova civilização do terceiro milênio. O autor mostra que a idéia central, o escopo da obra, é o de contribuir conceptualmente para a formação de uma "nova civilização" que estaria para surgir. Faz previsões sobre o novo Cristianismo e estuda o fenômeno místico vivido por São Francisco.*
- *Problemas do futuro (O Problema Psicológico, Filosófico, Científico.) Propõe e apresenta solução aos problemas mais díspares, fundamentais ao Conhecimento.*
- *Ascensões humanas (O Problema Social, Biológico e Místico). O autor volta a observar a evolução da vida no aspecto espiritual.*
- *Deus e Universo Síntese teológica. Começa a enfrentar em linhas gerais o problema das primeiras origens do Universo e o aspecto cósmico do ciclo involução-evolução do ser.*
- *Profecias. O autor faz profecias que se cumpriram integralmente. Explica Nostradamus, o Apocalipse e os profetas do Velho Testamento.*
- *Comentários. Apresenta opiniões e críticas à primeira obra, escrita até 1951. Inclusive a carta de Albert Einstein.*

- Problemas atuais (*O Novo Mundo*). Faz uma crítica à Maquiavel, tratando da Estabilidade Monetária, da Patogênese do Câncer e da Teoria da Reencarnação.
- O Sistema (*Gênese e Estrutura do Universo*). É uma teologia científica que traça o caminho da existência do ser e as primeiras origens, mostrando a Obra de Deus na Criação.
- A Grande batalha. Descreve a luta que o indivíduo espiritualizado deve sustentar no ambiente terrestre, diante da necessidade prática contrastando com o Ideal.
- Evolução e Evangelho. Examina a posição do Evangelho diante da realidade da vida e a moral utilitária.
- A Lei de Deus. Com palavras simples, explica como funciona, no mundo, o pensamento diretivo de Deus.
- A Técnica funcional da Lei de Deus. Mostra o mecanismo da forças espirituais em ação; as trajetórias e ações; como se pode corrigir os destinos errados; qual é a técnica da redenção e salvação e como, racionalmente, se planifica a vida.
- Queda e Salvação. É uma continuação de *O Sistema*. Analisa o fenômeno da involução do espírito até a matéria (a descida), anterior e complementar ao fenômeno da evolução (subida), estudado em *A Grande Síntese*.
- Princípios de uma nova ética. Trata-se de uma nova moral racional, construída sobre bases científicas. Estuda a personalidade humana e o destino, sob uma nova psicanálise, psicodiagnose, psico-síntese, e a ética do sexo como fenômeno social.

- *A descida dos ideais. Fala-se de Teilhard de Chardin, de Jean-Paul Sartre, da crise do Catolicismo, Cristianismo e Comunismo, trabalho e propriedade etc.*
- *Um Destino Seguindo Cristo. Neste volume o Autor narra as experiências espirituais nos 40 anos dedicados à Obra.*
- *Pensamentos. Mostra como orientar-se na vida, e, através de casos verídicos, como é possível observar o funcionamento da Lei de Deus.*
- *Cristo. Analisa a personalidade de Jesus Cristo, o Evangelho e os problemas sociais. Cristo é pensado nessa obra como "o centro do fenômeno evolução-redenção-salvação".*

Pietro Ubaldi, ao informar sobre como funcionam as Leis Divinas, induz à calma e à tolerância, a primeira quando afirma que tudo tem seu tempo, não havendo como se alterarem os ciclos universais, e a segunda ao mostrar claramente que cada ser está localizado num estágio diferente da escala evolutiva, portanto, incapaz de compreender e realizar o que está fora da sua faixa específica.

Portanto, nem precipitação ou desespero, nem intransigência ou auto ou alocobrança rigorosa de resultados.

Ubaldi, com suas lições repassadas de Ciência e Filosofia, deixa subentendida sua profunda fé em Deus e em Jesus Cristo, subsidiando a Religião Universal, que muito lhe deve por conquistar a confiança das mentes que, até então, receavam entregar-se à Crença, talvez pelas reminiscências inconscientes das perseguições religiosas que infelicitaram a Europa até o século XIX.

Agradeço a Deus a oportunidade de escrever este artigo, através da qual aprendo junto com os Prezados Leitores.

Agradeço também a Pietro Ubaldi seu sacrifício de uma vida longa dedicada ao Progresso Humano, que ficou registrada através dos seus livros.

O Autor

1– CALMA

Calma não é a mesma coisa que preguiça nem desinteresse, mas sim autocontrole para realizar tudo no ritmo e no tempo certos.

A precipitação demonstra descontrole emocional, que pode levar ao fracasso muitos empreendimentos.

Pietro Ubaldi viveu 85 anos e escreveu 24 livros. Poderia ter escrito mais. Porém, reduziu-lhes a quantidade para concentrar-se na sua densidade. Não teve nenhuma precipitação em difundir suas idéias em tempo recorde, como sói acontecer com os escritores, uma vez que sabia que ocorre um período de tempo mais ou menos longo entre a sementeira e a colheira.

Sua calma se deveu ao reconhecimento de que temas de alta qualificação como os por ele abordados não iriam, certamente, cair na simpatia das massas rapidamente.

Inclusive, até hoje, contam-se nos dedos as pessoas que leram A Grande Síntese, uma das obras mais importantes que a humanidade viu nascer. Trata-se do “Evangelho da Ciência”, como o cognominaram.

A calma não deve ser incentivada sem que se lhe explique a razão profunda. Simplesmente sugerir a alguém que aja calmamente representa contrariar a tendência humana da impulsividade que trazemos do nosso passado no reino animal. Alguém que aprofunde, como Ubaldi, o conhecimento das Leis

que regulam o Universo procurará vencer qualquer tendência própria de precipitação e impaciência, uma vez que sabe dever simplesmente seguir o curso dos rios que o levarão ao oceano da Divindade.

A própria sucessão das estações mostra que cada época é propícia a algumas atividades e infensa a outras. Cada período retornará num ciclo interminável e previsível. Assim também acontece na sequência entre dias e noites e assimpor diante.

Somente o ser humano tenta contrariar essa lógica, prejudicando-se e causando danos aos outros.

A sabedoria ensina a procurar contar com os elementos favoráveis disponíveis no momento.

A calma não é apenas um dom de uns e virtude estranha a outros, mas sim uma conquista de todos que procuram entender o funcionamento do Universo.

1.1– CALMA NO AMBIENTE DE TRABALHO

Sendo cada pessoa um universo à parte, fruto de um rol de experiências específicas, não se pode esperar que os colegas de trabalho pensem todos da mesma forma. O normal de acontecer é que sejam muito diferentes, havendo, no máximo, um ou outro ponto de convergência.

Pretender a padronização total de todos é forçar o impossível.

O importante é que cada um a seu modo dê o melhor de si para o bom resultado final.

Excelências são programas forçados, que ocasionam estresse e desumanizam os membros da equipe de trabalho.

Alguns técnicos lançam programas de atuação de profissionais considerando-os como máquinas ao invés de seres humanos com tudo o que há de melhor e pior nessa característica.

Qualidade Total e outros programas desumanizadores traduzem a ganância por lucros exagerados.

A calma, no caso, será representada pela expectativa realista do que se pode esperar de cada trabalhador, sem levá-lo à estafa e também sem deixá-lo ocioso.

1.2– CALMA NA VIDA FAMILIAR

A vida em família é uma verdadeira escola de convivência, onde costumam vivenciar-se grandes problemas e onde surgem as soluções mais humanas.

Ali nem tudo são flores, porque cada um se sente com liberdade suficiente para manifestar suas tendências.

Nesse espaço entre quadro paredes a democracia deve exercitar-se plenamente.

É necessária calma por parte dos integrantes desse pequeno universo de pessoas, devendo cada qual esperar dos demais apenas o que têm condições de oferecer.

Pais quererem exigir absurdos de perfeição dos filhos, cônjuges cobrarem milagres um do outro ou filhos traçarem metas de super-homens para seus pais – essas as causas do insucesso de muitos lares.

Não transformar os outros membros da equipe familiar em meros subordinados é o começo do sucesso.

1.3 – CALMA NO ESTUDO

O progresso no estudo demanda planejamento e persistência.

Estudar atabalhoadamente é como misturar treinamentos de remo com tênis de mesa, ou seja, um não tem utilidade alguma para o outro, significando pura perda de tempo.

Sem continuidade no aprendizado, muitas informações adquiridas não chegam a um nível suficiente e não chegam a ter utilidade.

O aprendizado não pode ser nem rápido nem lento demais. No primeiro caso prejudica a assimilação e no segundo pode gerar o desânimo em continuar estudando.

Para quem não está interessado no assunto que está estudando é preciso motivar-se de alguma forma.

Para quem está empolgado como estudo tudo se faz mais fácil.

Por isso, é importante que cada um escolha sua profissão de acordo com sua real vocação, e não visando simplesmente u'a remuneração mais compensadora.

Infelizmente, há muita gente que prioriza o dinheiro e deixa de lado qualquer outro referencial.

Calma no estudar representa um dado importante para todos que estão ocupados em aprender alguma coisa.

1.4 – CALMA NA RELAÇÃO COM DEUS

Deus, Perfeito em todos os sentidos, não é suscetível de alterar a atuação das Suas Leis para atender aos interesses nem sempre bem intencionados das Suas criaturas.

Por isso, ao orarmos a Deus devemos nos colocar em Suas Mãos e pedirmos a Ele que nos encaminhe da melhor forma possível para nosso aprimoramento ético-moral, este sim que irá proporcionar nossa Felicidade.

Pedir a Deus o que não é justo desmerece nossa própria credibilidade perante o Pai.

Mas devemos orar com calma, esperando o atendimento na época e da forma como seja melhor para o nosso futuro espiritual.

Não devemos orar como as crianças exigem guloseimas de seus pais, insistentes, sem saber que elas ocasionam cáries e problemas digestivos.

1.5 – CALMA NAS ESPERANÇAS

A esperança é uma necessidade na vida de cada pessoa.

Viver aguardando eventos felizes no futuro é imprescindível para sentirmos alento nas situações dramáticas.

Todavia, devemos ter calma nas esperanças, não calentando sonhos irrealizáveis e fantasias infantis.

Todo sonho só merece ser vivido se for bom realmente.

Muitos sonham em ficar milionários para viver ociosamente ou rebolando-se nos vícios. Outros querem ser famosos para fazerem-se companheiros de amantes de luxo. Outros querem ter poder para impor-se perante as comunidades simplesmente por amor ao mando.

Ter calma nas esperanças é essencial para desejar o que redundará em continuidade da nossa vida de trabalho e estudo, metas sadias que não devemos esquecer.

1.5 – CALMA COM A HUMANIDADE

A evolução de tudo o que existe, como sobeja e claramente esclarecido por Pietro Ubaldi, ocorre conforme as Leis Divinas, da forma e nas épocas certas, sem pressa nem lentidão, estando os seres humanos submetidos a um *quantum* de liberdade e uma porção de determinismo.

Daqui a cerca de quatro décadas, nossa humanidade terá ingressado definitivamente em uma nova fase evolutiva, em que as pessoas ajudar-se-ão, trabalharão pelo bem comum ao invés de lutarem umas contra as outras quer individual quer coletivamente.

Podemos e devemos trabalhar para que essa mudança dos valores ético-morais ocorra, todavia já de antemão sabendo que estaremos somando algumas pedrinhas no edifício geral, mas não somos os donos da construção, que pertence a Deus.

A vaidade dificulta nosso contato com as Fontes Divinas, enquanto que o Desapego e a Fraternidade nos ligam a Deus e nos transformam em canal perene para as boas idéias e as boas realizações.

Feliz de quem trabalha em função do Progresso com o coração e o cérebro cheio de boa-vontade e idealismo.

Todavia, essa colaboração tem de ser dada com calma, ou seja, sem precipitação nem preguiça, com certeza da simplicidade da nossa presença no grupo de trabalho, mas com a felicidade interior de fazer parte desse grupo, formado por muitos milhões de idealistas espalhados por todas as cidades e todos os continentes.

2 – TOLERÂNCIA

Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tolerância> se lê:

A tolerância, do latim tolerare (sustentar, suportar), é um termo que define o grau de aceitação diante de um elemento contrário a uma regra moral, cultural, civil ou física.

Do ponto de vista da sociedade, a tolerância define a capacidade de uma pessoa ou grupo social de aceitar, noutra pessoa ou grupo social, uma atitude diferente das que são a norma no seu próprio grupo. Numa concepção moderna é também a atitude pessoal e comunitária face a valores diferentes daqueles adotados pelo grupo de pertença original.

O conceito de tolerância se aplica em diversos domínios:

- *Tolerância social: atitude de uma pessoa ou de um grupo social diante daquilo que é diferente de seus valores morais ou de suas normas.*
- *Tolerância civil: discrepância entre a legislação e sua aplicação e impunidade.*
- *Tolerância segundo Locke : «parar de combater o que não se pode mudar».*
- *Tolerância religiosa: atitude respeitosa e convivial diante das confissões de fé diferentes da sua.*
- *Tolerância farmacológica ou medicamentosa: diminuição da responsividade a um fármaco, ou seja, a diminuição do efeito farmacológico com a administração repetida da substância.*
- *Tolerância técnica: margem de erro aceitável (ver Tolerância (engenharia)), ou capacidade de resistência a uma força externa.*
- *Tolerância: em gestão de riscos constitui o nível de risco aceitável normalmente definido por critérios pré-estabelecidos.*

2.1 – TOLERÂNCIA NO AMBIENTE DE TRABALHO

Os seres humanos não são máquinas fabricadas em série, mas sim indivíduos caracterizados por peculiaridades muito específicas.

Como se sabe, mesmo as pessoas educadas em um mesmo ambiente e estilo mantêm diferenças marcantes, que as tornam um universo à parte em relação às demais.

Por isso, mesmo sabendo que todos que trabalham em um determinado setor têm de visar a mesma finalidade, qual seja, a realização do trabalho, não se deve pretender despersonalizar os trabalhadores em função da finalidade última.

Cada trabalhador tem direito à sua individualidade e aos seus objetivos pessoais fora do ambiente de trabalho.

Em tempos passados utilizava-se a mão de obra alheia como se as pessoas fossem meras alimárias, o que não se pode mais admitir.

2.2 – TOLERÂNCIA NA VIDA FAMILIAR

Algumas famílias têm pessoas ligadas pela simpatia e pela amizade, enquanto que outras não. Há famílias unidas e famílias desunidas.

De qualquer forma, se soubermos entender que tudo tem uma utilidade e Deus não faz nada por acaso, compreenderemos que nossa família, se é desunida, terá um lado positivo, qual seja a oportunidade de pessoas que pensam diferente aprenderem, no mínimo, o respeito às opiniões alheias.

Quando todos pensam da mesma forma, fica fácil a convivência. Mas quando todos pensam diferente, a vida em comum é uma verdadeira Escola de Democracia.

2.3 - TOLERÂNCIA NO ESTUDO

Cada autor ou professor tem suas idéias próprias. Assim, não há um livro ou aula que seja igual ao outro.

De certa forma, é útil conhecer pontos de vista divergentes, daí surgindo uma visão mais completa de cada tema.

A tolerância sempre é útil, principalmente para quem age de acordo com ela, pois preserva-se de lutar com quem esteja simplesmente querendo brigar.

2.4 – DIA INTERNACIONAL PARA A TOLERÂNCIA

http://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_Internacional_para_a_Tolerância registra:

O Dia Internacional para a Tolerância foi instituído pela ONU como sendo o dia 16 de Novembro de cada ano, em reconhecimento à Declaração de Paris, assinada no dia 12 deste mês, em 1995, tendo 185 Estados como signatários. Foi instituído pela Resolução 51/95 da UNESCO.

A Declaração da ONU fez parte do evento sobre o esforço internacional do Ano das Nações Unidas para a Tolerância. Nela os estados participantes reafirmaram a "fé nos Direitos Humanos fundamentais" e ainda na dignidade e valor da pessoa humana, além de poupar sucessivas gerações das guerras por questões culturais, para tanto devendo ser incentivada a prática da tolerância, a convivência pacífica entre os povos vizinhos.

Foi então evocado o dia 16 de Novembro, quando da assinatura da constituição da UNESCO em 1945. Remetia, ainda, à Declaração Universal dos Direitos Humanos que afirma:

- 1. Todas as pessoas têm direito à liberdade de pensamento, consciência e religião (Artigo 18);*

2. *Todos têm direito à liberdade de opinião e expressão (Artigo 19)*
3. *A educação deve promover a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações, grupos raciais e religiosos (Artigo 26).*

Para a consecução da tolerância entre os povos, são relacionados os seguintes instrumentos jurídicos internacionais:

- *Convenção Internacional dos Direitos Civis e Políticos.*
- *Convenção Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais.*
- *Convenção para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial.*
- *Convenção para a Prevenção e Combate ao Crime de Genocídio*
- *A Convenção de 1951 relativo aos Refugiados, e seus Protocolos de 1967 e, ainda, os instrumentos regionais.*
- *Convenção para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher.*
- *Convenção contra a Tortura e combate a todas as formas de tratamento cruel, desumano ou castigo degradante.*
- *Declaração de Eliminação de todas as formas de Intolerância baseada na religião ou crença.*
- *Declaração dos Direitos das Pessoas que pertencem a Nações ou Minorias Étnicas, Religiosas e Lingüísticas.*

- *Declaração de Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional.*
- *Declaração de Viena, e Programa de Ação da Conferência Mundial de Direitos Humanos.*
- *Declaração de Copenhague e Programa de Ação adotada pela Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Social.*
- *Declaração da UNESCO sobre Raça e Preconceito Racial.*
- *Convenção da UNESCO e Recomendação contra a Discriminação na Educação.*

2.5 – ANO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A TOLERÂNCIA

O Ano das Nações Unidas para a Tolerância - 1995 - foi escolhido pela Assembleia Geral da ONU de 20 de dezembro de 1993, tendo a UNESCO como entidade organizadora.

A idéia da tolerância foi implantada nas redes escolares de muitos dos estados-membros. A tolerância foi encarada como uma virtude em extinção em muitas partes do mundo, particularmente naquelas onde existem conflitos raciais e religiosos como motivadores. Na época, e posteriormente conflitos como os existentes em Ruanda e na Bósnia.

A UNESCO declarou que eram necessários cinco níveis de ação para superar a intolerância: a lei, a educação, o acesso à informação, a consciência individual e soluções locais. A tolerância é, assim, um dever político, legal e moral para a proteção e preservação dos Direitos Humanos.

O Dia Internacional para a Tolerância foi instituído, como sendo o 16 de Novembro de cada ano, em reconhecimento à Declaração de Paris, assinada neste dia, em 1945, tendo 185 Estados como signatários.

([http://pt.wikipedia.org/wiki/.../Ano das Na%C3%A7%C3%B5es Unidas para a Toler%C3%A2ncia](http://pt.wikipedia.org/wiki/.../Ano_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas_para_a_Toler%C3%A2ncia))

3 – RECORRE À MEDITAÇÃO

Para alcançar a calma e a tolerância necessárias não basta apenas o esforço persistente da vontade, mas faz-se imprescindível o recurso à meditação, esta que é objeto do livro *Momentos de Meditação*, de Joanna de Ângelis, um pequeno trecho do qual vai transcrito abaixo:

O homem que busca a realização pessoal, inevitavelmente é impelido à interiorização.

Seu pensamento deve manter firmeza no ideal que o fascina, e a fé de que logrará o êxito impulsiona-o a não intimidar-se diante dos impedimentos que o assaltam na execução do programa ao qual se propõe.

A meditação torna-se-lhe o meio eficaz para disciplinar a vontade, exercitando a paciência com que vencerá cada dia as tendências inferiores nas quais se agrilhoa.

Meditar é uma necessidade imperiosa que se impõe antes de qualquer realização.

Com esta atitude acalma-se a emoção e aclara-se o discernimento, harmonizando-se os sentimentos.

Não se torna indispensável que haja uma alienação, em fuga dos compromissos que lhe cumpre atender, face às responsabilidades humanas e sociais. Mas, que reserve

alguns espaços mentais e de tempo, a fim de lograr o cometimento.

Começa o teu treinamento, meditando diariamente num pensamento do Cristo, fixando-o pela repetição e aplicando-o na conduta através da ação.

Aumenta, a pouco e pouco, o tempo que lhe dediques, treinando o inquieto corcel mental e aquietando o corpo desacostumado.

Sensações e continuados comichões que surgem, atende-os com calma, a mente ligada à idéia central, até conseguires superá-los.

A meditação deve ser atenta, mas não tensa, rígida.

Concentra-te, assentado comodamente, não, porém, o suficiente para amolentar-te e conduzir-te ao sono.

Envida esforços para vencer os desejos inferiores e as más inclinações.

Escolhe um lugar asseado, agradável, se possível, que se te faça habitual, enriquecendo-lhe a psicosfera com a qualidade superior dos teus anelos.

Reserva-te uma hora calma, em que estejas repousado.

Invade o desconhecido país da tua mente, a princípio reflexionando sem censurar, nem julgar, qual observador equilibrado diante de acontecimentos que não pode evitar.

Respira, calmamente, sentindo o ar que te abençoa a vida.

Procura a companhia de pessoas moralmente sadias e sábias, que te harmonizem.

Dias haverá mais difíceis para o exercício. O treinamento, entretanto, se responsabilizará pelos resultados eficazes.

Não lutes contra os pensamentos. Conquista-os com paciência.

Tão natural se te tornará a realização que, diante de qualquer desafio ou problema, serás conduzido à idéia predominante em ti, portanto, a de tranqüilidade, de discernimento.

Gandhi jejuava em paz, por vários dias, sem sofrer distúrbios mentais, porque se habituara à meditação, à qual se entregava nessas oportunidades.

E Jesus, durante os quarenta dias de jejum, manteve-se em ligação com o Pai, renunciando o testemunho no Getsémani, quando entregue, em meditação profunda, na qual orava, deixou-se arrastar pelas mãos da injustiça, para o grande testemunho que viera oferecer à Humanidade.

CONCLUSÕES

- 1) Viver, estudar, trabalhar, orar e pensar com calma são necessidades da nossa evolução.
- 2) Pensar e agir com tolerância, respeitando o direito dos outros de pensar e agir como melhor lhes aprez é imprescindível para nosso aperfeiçoamento como seres humanos.

DESAPEGO E FRATERNIDADE

*Bem aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.
(Jesus Cristo)*

O cavaleiro de Darsonval, muitas vezes, quando saía do seu castelo no exercício dos afazeres cotidianos, via aproximar-se um homem maltrapilho, que ele, sem estacar na cavalgada e sem sequer olhar-lhe o rosto, lançava-lhe valiosas moedas.

Os anos se passaram, até que acompanhou uma Cruzada e, quando retomava, alquebrado, doente e ferido viu, mais uma vez, aproximar-se o maltrapilho, mas, pela primeira vez, dirigiu-lhe o olhar e a palavra, dizendo-lhe: '- Meu amigo, não tenho nada para . lhe dar e estou doente e ferido ... O maltrapilho, todavia, abraçou-o afetosamente endereçando-lhe estas palavras: - Eu não quero esmolas, nestes anos todos tenho esperado você. Eu quero é você, eu sou Jesus! No dia seguinte, quando os lavradores passaram por ali, rumo à gleba, encontraram o corpo do nobre cavaleiro estendido na beira do caminho. Darsonval estava morto.

(história medieval)

ÍNDICE

Introdução

1- Desapego

1.1- Desapego às coisas

1.2- Desapego às pessoas

1.3 - Desapego ao poder

1.4 - Desapego ao dinheiro

1.5 - Desapego ao prestígio

1.6 - Desapego à beleza

2 - Fraternidade universal

3 - Bem aventurados os mansos, porque herdarão a Terra

4 - Ensinar a Verdade

5 - O inconsciente

6 - Os pensamentos

7- Um Guru

8 - Onde o homem tiver seu tesouro aí estará seu coração

Conclusões

Notas

Bibliografia

INTRODUÇÃO

Mohandas K. Gandhi considerava o Sermão da Montanha como a mais bela peça literária de todos os tempos.

Realmente, não é a pura e simples sonoridade das palavras que destaca esse discurso maravilhoso, mas sim a densidade das idéias ali expostas, resumo de um programa de sublimação humana nunca igualado antes ou depois de Jesus Cristo.

Outros luminares chegaram a surpreender os povos com discursos revolucionários, como ocorreu com Moisés, ao comunicar aos hebreus os 10 Mandamentos, mas jamais se propôs a mudança tão radical de paradigma para a conduta humana.

Se Moisés fixou normas para a contenção dos instintos e impulsos do povo primitivo e rude, Jesus traçou o caminho para transformar-se a humanidade numa coletividade perfeita, onde a Fraternidade seria a regra geral. Ao invés da predominância dos defeitos morais do egoísmo, orgulho e vaidade, o exercício das suas opostas e respectivas virtudes: Desapego, Humildade e Simplicidade.

Pretendia realizar um estudo sobre o egoísmo. Todavia, por uma questão de didática, optei por abordar o reverso da moeda, no caso, o Desapego.

Mas, considerando o Desapego uma virtude um tanto "negativa", por verificar nela o risco da passividade estéril, preferi

incluir uma outra, a Fraternidade Universal, que representa atitudes de colaboração ao invés da mera renúncia.

O materialismo afirma que só existe matéria, desacreditando da existência da alma (espírito). O número de pessoas confessadamente materialista é estatisticamente reduzido.

Pelo fato da maioria da humanidade - espiritualista e adepta de algum credo religioso - investir relativamente pouco no estudo da alma, acaba duvidando da sua existência e praticamente se iguala aos materialistas nas atitudes diárias.

O importante, em suma, na religiosidade não é sua adoção formal, compondo estatísticas, mas sim a profundidade e a extensão da nossa melhoria interior no trato com as demais pessoas. Não faz sentido a religiosidade puramente formal ou teórica.

Sem querer dogmatizar defendendo a superioridade de Jesus Cristo frente aos demais luminares da humanidade, não há como negar que Sua ideologia e, sobretudo, Seu exemplo de vida, Ocolocam na posição de Mestre de todos os mestres que conhecemos.

Não se trata de proselitismo, mas apenas constatação de uma realidade.

A história do cavaleiro de Darsonval mostra a preocupação do Divino Mestre com sua convocação para a obra superior da Fraternidade Universal, um passo adiante da pura e simples compreensão e prática do Desapego aos bens materiais.

A história aparentemente termina na morte do discípulo, mas, na certa, continuaria além da morte e nas reencarnações futuras ...

Este estudo pretende abordar dois degraus do aperfeiçoamento humano, na superação gradativa do grave defeito do egoísmo.

Agradeço a Deus a oportunidade de realizar este trabalho e espero que incentive os Prezados Leitores a caminhar na sua evolução interior.

o Autor

I-DESAPEGO

Através da história do cavaleiro de Darsonval não se propõe o abandono aos compromissos sociais, familiares e profissionais, mas sim seu exercício com verdadeiro e sincero desprendimento interior.

O grande problema humano é o atavismo em relação às experiências do passado individual e às tradições conservadoras.

Somos espíritos eternos, que percorremos a escala evolutiva do vírus e bactéria até a fase de ser pensante primitivo em mais ou menos" um bilhão e meio de anos. Estamos, relativamente, há pouco tempo na fase hominal. Ouvimos o Sermão da Montanha (Discurso da Fraternidade Universal) há meros dois milênios e ainda praticamos muito pouco desse programa de aperfeiçoamento ético-moral. Acalentamos, com nossas ações e omissões, a desigualdade, a injustiça social e a indiferença numa sociedade onde pessoas morrem de fome nas ruas e favelas, onde se mata em assaltos à mão armada, onde os próprios Governos determinam o extermínio de cidadãos tidos como incorrigíveis etc. etc.

O egoísmo é ensinado através dos maus exemplos, nos lares, passando de pai para filho e na sociedade; é praticado nas relações interpessoais e incentivado pela desconfiança e pela descrença nos ideais mais altos.

É preciso trabalharmos o íntimo das pessoas, ao invés de simplesmente instruí-las na Cultura, ao invés de apenas dar-lhes

oportunidade de trabalho, e ao invés de apenas proporcionar-lhes realização profissional e lazer.

O ser humano é espírito eterno (que tem começo, mas não tem fim). Não é um autômato que nasce, vive e morre para coisa alguma.

Se o egoísmo serviu para o desenvolvimento das criaturas nas fases mais primitivas - como ferramenta imprescindível do instinto' de conservação - chegou a época em que tal atributo faz-lhes mal e não bem. Assemelha-se à situação da criança que virou adulto e não deve mais agir como infante, sob pena de viver em constante conflito com as regras sociais.

Estamos atravessando uma importante curva histórica: a humanidade ingressa na Nova Era, em que as pessoas deverão viver em regime de cooperação e não em luta umas contra as outras.

Isso demanda não só Desapego em relação aos padrões antigos, inconvenientes, mas também a adoção espontânea de uma conduta baseada na Fraternidade Universal, sonho dos antigos revolucionários da França de 1789, mas, muito antes, dos cristãos galvanizados pelo Sermão da Montanha.

1.1- DESAPEGO ÀS COISAS

A noção de propriedade surgiu nos primórdios da fase do "*homo sapiens* ", quando se passou a verificar a utilidade de cada qual manter sob sua posse exclusiva os objetos importantes para sua sobrevivência.

Todavia, isso ocorreu há muitos milênios e o excesso de preocupação com a propriedade gerou as' guerras (lutas entre coletividades), mera conseqüência das desavenças entre pessoas individualmente falando, provocadas ambas pelo apego exagerado aos bens materiais.

Convencionou-se valorizar determinadas coisas e passou-se a dar-lhes mais importância do que merecem. Hoje em dia, os ambiciosos "donos do mundo" se preocupam mais em dominar coletividades ideológica e economicamente do que invadindo militarmente os territórios onde elas habitam.

Tudo isso é fruto do apego aos bens materiais, esquecendo-se de que a vida passa rápido (menos de um século) e o exercício do poder costuma demorar, no máximo, alguns poucos anos. Com a morte perdemos definitivamente todos os títulos de poder e as riquezas...

Os religiosos de verdade sabem equilibrar-se na "corda bamba" da riqueza e do poder e transformam essas ferramentas em empregos para os trabalhadores, escolas para as crianças e riqueza para as comunidades.

Mas, para tanto, é preciso idealismo sincero, uma vez que os investimentos financeiros são mais lucrativos que a atividade produtiva.

1.2-DESAPEGO ÀS PESSOAS

Quantos problemas ocorrem por conta da mentalidade de posse que impõe à vida alheia. São cônjuges ciumentos, parentes dominadores, amigos exclusivistas...

Esquecem-se de que cada um tem direito ao seu "espaço vital", onde sua individualidade deve ser preservada.

Nenhum argumento justifica a escravização psicológica de pessoas, que devem ser livres para escolher suas afeições e opções profissionais.

Em nome do amor, transformam-se pessoas em "bonecos ambulantes", chantageia-se com argumentos falazes de amizade e apreço e diminui-se a autoestima de tantos a pretexto de protegê-los e desejar-lhes o bem.

Amar os parentes e amigos é lutar para dar-lhes "carta de alforria" e não mantê-los algemados, à força, aos nossos pulsos, sendo obrigados a seguir-nos no caminho.

Somente libertando os outros das amarras da possessão afetiva estaremos encaminhando-os para a Felicidade, que, se aproxima os afins, mostra, por outro lado, que toda a humanidade é uma única Família, onde todos somos irmãos, filhos do mesmo Pai.

1.3 - DESAPEGO AO PODER

O poder representa apenas uma das múltiplas formas de colaboração com a coletividade, mas não a única, nem a mais importante.

Infelizmente, todavia, a maioria dos que exerce o poder se julga superior aos demais membros da comunidade e passa a tratar os cidadãos como subordinados, quando, na verdade, a situação trata-se de mera "delegação", tal como afirmado por JEAN-JACQUES ROUSSEAU, no seu Contrato Social.

O exercício do poder não representa, todavia, uma "danação", mas simples forma de trabalho, que exige vocação acentuada.

Nem todas as pessoas têm dom para esse trabalho, que demanda "espírito público", ou seja, desprendimento, Desapego ao poder e respeito ao interesse público acima do seu próprio.

1.4 - DESAPEGO AO DINHEIRO

Quando Jesus Cristo disse ser mais "fácil fazer passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino do Céu" estaria utilizando mais a "linguagem figurada" do que afirmando um determinismo quanto aos afortunados do dinheiro.

O egoísmo existe em membros de todas as camadas sociais.

Assim é que há pobres egoístas como há pobres desapegados, bem como há ricos egoístas e ricos desprendidos.

O apego é interior e manifesta-se nas atitudes.

A remuneração do trabalho é necessária para a sobrevivência, mas o altruísmo sabe traçar os limites entre o justo e o injusto em termos de salário.

1.5 - DESAPEGO AO PRESTÍGIO

A procura por situações de evidência transforma-se, para muitos, em verdadeira obsessão, como conseqüência da vaidade incontrolada.

O prestígio é útil para a divulgação da Verdade, mas não é imprescindível.

O imperador romano Constantino colocou seu prestígio a serviço da propagação da ideologia cristã e acabou prestando-lhe um imenso desserviço, pois trouxe para seu seio homens e mulheres ambiciosos e dominadores, os quais a desvirtuaram, instituindo uma Religião Oficial, que abafou muitas informações importantes da Mensagem de Jesus Cristo, dentre as quais a reencarnação, por Ele divulgada.

A idéia obsessiva de prestígio desvirtua os bons propósitos e nos faz "vender a alma" em troca de cinco minutos de evidência e fama.

1.6 - DESAPEGO À BELEZA

A Beleza é um fator importante em tudo que existe.

O Belo representa uma das asas que trazemos na lateral esquerda do corpo. Todavia, o Bom é a outra asa, fixada no nosso flanco direito.

Ambas atuam juntas, propiciando vôo harmonioso.

Sendo uma mais fraca ou curta que a outra, voamos defeituosamente, assim mesmo quando tal se faça possível...

Vêm-se, infelizmente, muitos cultores do Belo com a mente distante do ideal do Bem, preocupados apenas com a sensualidade, desperdiçando energia vital sem nenhuma utilidade até para eles próprios. Vivem embriagados com as questionáveis belezas horizontais e não enxergam o que está acima de suas cabeças, na verticalidade.

Muito terão de sublimar-se para visualizar o Belo Divino.

Somente depois de, por muitos anos, exercitarem o Desapego, é que serão convidados pelo seu Guru a ingressar na esfera da Fraternidade Universal. Aí, sim, sua Arte será uma mensagem perene do Belo aliado ao Bom.

O Desapego à Beleza não significa que se propõe o endeusamento da fealdade e do desleixo, mas sim a valorização do Bom, pois nossa asa do Belo ainda é mais longa que a outra e precisamos igualar as duas.

Enquanto esse nivelamento não acontecer, estaremos distantes das grandes altitudes e do que podemos ver lá de cima.

2 - FRATERNIDADE UNIVERSAL

Enquanto não sentirmos um aperto no coração vendo a mendicância, os presídios, os drogados, a falta de oportunidade para a maioria da população e outras desigualdades, estaremos longe de entender a Fraternidade Universal.

2.1- COMUNISMO, FRATERNIDADE E CAPITALISMO

O comunismo é uma idéia que deve ter passado pela mentede muitos homens e mulheres idealistas da Antiguidade, mas somente encontrou campo para experimentação prática no

século XX após o amadurecimento intelectual do homem europeu como resultado do Renascimento e do Iluminismo. Diz a Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>):

O Comunismo é um sistema econômico, bem como uma doutrina política e social, cujo objetivo é a criação de uma sociedade sem classes, baseada na propriedade comum dos meios de produção, com a conseqüente abolição da propriedade privada. Sob tal sistema, o Estado passa a ser desnecessário e seria extinto.

O Comunismo tenta oferecer uma alternativa aos problemas que são entendidos como inerentes à economia capitalista e ao legado do imperialismo e do nacionalismo. De acordo com a ideologia comunista, a forma para superar esses problemas seria a derrocada da rica burguesia tida como classe dominante, em prol da classe trabalhadora - ou proletariado - para estabelecer uma sociedade pacífica, livre, sem classes, ou governo.

O pensamento comunista é normalmente considerado parte de um mais amplo movimento socialista^a, originário nos trabalhos de teóricos da Revolução Industrial e Revolução Francesa que remontam às obras de Karl Marx. As formas dominantes do comunismo, como o Leninismo, o Trotskismo e o Luxemburguismo, são baseadas no Marxismo; mas versões não-marxistas do comunismo (como o Comunismo Cristão, e o Anarcocomunismo) também existem e estão crescendo em importância, desde a queda da União Soviética.

O capitalismo é uma idéia que disputou com o monarquismo (e seus conseqüentes, inclusive a nobreza) e venceu-o, representando verdadeira evolução da sociedade, uma vez que,

apesar de suas imperfeições, é menos elitista, mais útil e menos conservadora que aquele.

Diz a Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>):

Capitalismo, sistema econômico, político e social no qual os agentes econômicos (empresários), proprietários dos meios de produção permitem que esta produção seja comercializada num mercado, onde as transações são de natureza monetária.

Comumente definido como um sistema de organização de sociedade baseado na propriedade privada dos meios de produção e propriedade intelectual. e na liberdade de contrato sobre estes bens (livre-mercado). As pessoas quando sujeitas a estas condições, com o intuito de satisfazer seus desejos e/ou necessidades, tendem espontaneamente a dirigir seus esforços no sentido de acumular capital, o qual é então usado como moeda de troca a fim de adquirir os serviços e produtos desejados.

"Como se percebe, o nome veio a calhar, pois informa diretamente uma das principais características imanentes, que é o acúmulo de capital (embora nenhum indivíduo seja obrigado legalmente a acumulá-lo). O capital, por sua vez, pode ser adquirido e/ou expandido basicamente pelo trabalho produtivo e o comércio, mas como o primeiro também pode se enquadrar na classificação de comércio, a rigor e em última instância, o acúmulo se dá pelo comércio voluntário. O Capitalismo, segundo seus defensores, é o meio mais eficiente e eficaz de prosperidade, desenvolvimento e eliminação de pobreza nas sociedades, devido ao seguinte argumento central: cada indivíduo, por depender basicamente do seu próprio esforço, por ter direito a acumular e desfrutar dos produtos gerados por

este esforço, por ter de assumir e colocar em risco seu próprio patrimônio é altamente motivado a utilizar seus recursos (materiais e intelectuais) da melhor forma (mais eficiente) possível, e a melhor possível é a que gera maior riqueza para a sociedade, já que os indivíduos dependem de transações voluntárias.

Quando John Kennedy lançou, na década de 1960, a Aliança para o Progresso, estava querendo inclusive opor uma barreira ao avanço comunista sobre os países da América Latina. Afirmava que os Estados Unidos tinham de provar para o mundo que o sistema capitalista era melhor que o comunista. Foi uma verdadeira "guerra" entre as duas correntes, um verdadeiro "vale tudo"...

Depois de extinta a União Soviética, na década de 1990, seria de se esperar que os Estados Unidos reinassem para sempre, representando o modelo capitalista... Mas não há nada que se etemize se não tiver o selo da veracidade. Então, surgiu a crise norte-americana, surpreendendo e prejudicando o mundo inteiro.

O que está por trás disso senão a falência do capitalismo?

Já tinha acontecido a falência do comunismo com a derrocada da União Soviética.

A China atual realiza um esforço hercúleo para superar os Estados Unidos à custa de grande sacrifício da sua população, que vive sem as garantias mínimas de previdência social e outras indispensáveis no atual estado da civilização.

O que deverá acontecer após? Não um sistema misto, mas sim um terceiro, onde deverá ser, pela primeira vez, contemplado; em primeiro lugar, o ser humano e sua dignidade como tal, ao invés das riquezas e da escravização indireta das pessoas.

Não há como se justificar que pessoas sejam usadas como máquinas de produção em troca de uma remuneração irrisória.

Tanto o comunismo quanto o capitalismo praticaram isso: simplesmente usam as pessoas, em benefício de poucos privilegiados, que se chamam governantes ou grandes empresários, o que falta é a abolição do egoísmo, que existiu durante os milênios do monarquismo, os poucos séculos do capitalismo e o século do comunismo.

O grande problema é o próprio ser humano, que precisa aprender a solidariedade ou, utilizando uma expressão dos franceses, a Fraternidade.

2.2 - A FRATERNIDADE DEVERIA SER UM DEVER JURÍDICO

Pessoalmente, entendo que cada cidadão tem o dever moral de contribuir para reduzir as desigualdades sociais.

Muitos dizem que pagam impostos justamente para os Governos terem recursos a serem destinados inclusive aos programas sociais. Todavia, sabe-se que ocorre, muitas vezes, malversação de verbas públicas, o que impede que grande parte das quantias arrecadadas a título de tributos chegue ao seu destinatário final, ou seja, o povo.

Uma das formas de suprir a omissão de alguns governantes é cada cidadão contribuir financeiramente ou com trabalho voluntário em favor das pessoas carentes, diretamente ou através de entidades filantrópicas particulares ou governamentais.

Se entendermos que somente os órgãos estatais têm a responsabilidade pela ajuda à população pobre, tudo continuará como atualmente, ou seja, a distância entre ricos e pobres permanecerá quilométrica e esses últimos continuarão vivendo como cidadãos de segunda classe.

As desigualdades sociais gritantes geram ou, pelo menos, incentivam assaltos, tráfico de drogas, seqüestros etc. A

criminalidade, regra geral, tem muito a ver com a pobreza, vitimada a população pobre pela falta de instrução, saúde, segurança, oportunidades...

Os ricos egoístas incentivam, de forma indireta, o ódio dos pobres. Estes últimos, muitas vezes, vingam-se das humilhações aterrizando populações, assaltando pessoas, vendendo drogas para os filhos dos ricos, seqüestrando os bem-nascidos etc.

O dever de colaborar para reduzir a pobreza deveria deixar de ser mero dever moral e tomar-se um deverjurídico.

Infelizmente, nossas leis cuidam apenas de proibirdeterminadas conduta, evitando-se a prática de atos socialmente danosos. Somos obrigados a "não fazer o mal".

Não somos compelidos a "fazer o bem". Só faz o bem quem quer.

Considera-se boa pessoa aquela que se abstém de prejudicar as outras, mesmo que nunca tenha feito nada de bom para ninguém.

Esse mero "não fazer o mal" representa muito pouco para a solução dos graves problemas sociais: representa poder-se viver friamente, alheio à avalanche de infelicidades que assola as pessoas em geral, principalmente as mais carentes.

Não se trata de preceito religioso (pois cada pessoa tem a liberdade de adotar a crença ou falta de crença que lhe aprouver), mas sim uma simples conclusão a respeito da cidadania, que engloba não só direitos como também deveres importantes para a boa convivência social e progresso da coletividade.

Ou arregaçamos as mangas em favor da dignidade da maioria da população - que vive miseravelmente - ou seremos assaltados nas mas e os traficantes alcançarão nossos filhos para vender-lhes drogas...

A fraternidade resolve mesmo que a adotemos sem nenhum

idealismo, e sim por pura conveniência...

2.3 - AGRESSIVIDADE, PACIFISMO, FRATERNIDADE E CIDADANIA

A Enciclopédia Jurídica Leib Soibelman fala sobre *agressividade*:

o que tem caráter de agressão. Hostilidade. Disposição para agredir. Dinamismo.

E sobre *pacifismo*:

Doutrina que prega a eliminação das guerras como forma de solução das contendas internacionais, a paz universal e o desarmamento dos povos. Opõe-se ao belicismo.

A *agressividade* é uma coisa excelente quando encarada sob o ângulo do *dinamismo*. Afinal, o *dinamismo* é imprescindível numa sociedade em que o Progresso é um dos principais objetivos. Sem *dinamismo* estaríamos condenados à estagnação.

Mas *agressividade* com as outras conotações (*o que tem caráter de agressão; hostilidade; disposição para agredir*) é um sério empecilho para a Paz. Sem a paz a civilização vive sob o perigo constante de perecer.

O *pacifismo* tem dois significados (*Doutrina que prega a eliminação das guerras como forma de solução das contendas internacionais, a paz universal e o desarmamento dos povos; opõe-se ao belicismo*, ambos extremamente úteis à sociedade.

A abolição das guerras é imprescindível à Paz Universal.

Todavia, no meio social há muita *agressividade* (no mau sentido) gerando desentendimentos que não chegam ao nível das guerras, mas que prejudicam a qualidade de vida das pessoas.

Observa-se a *agressividade* (no mau sentido) presente nas atitudes de muitos adultos, jovens e crianças. Manifesta-se de muitas maneiras diferentes, revelando desconsideração pela

dignidade das outras pessoas, desinteresse pelos problemas alheios e despreparo em lidar com as *diferenças*...

Para contrabalançar em nós a herança instintiva da *agressividade* (no mau sentido) há um remédio de amplo espectro que é a *fraternidade*. Representa o interesse sincero pelo bemestar alheio e, por via de conseqüência, recebe bem as manifestações dos demais sem se irritar com a forma diferenciada de pensar de cada um.

A respeito dela diz Michel de Villiers, no seu *Dictionnaire de droit constitutionnel* (paris: Masson & Armand Colin Editeurs, 1998): *Esse terceiro termo da divisa republicana, (artigo C. 2, al. 4) é devida aos republicanos de 1848. Todavia, enquanto que liberdade e a igualdade são direitos que não comportam obrigação como encargo de cada um a não ser de respeitar os direitos de outrem, a fraternidade deve ser sobretudo considerada como um dever, mas um dever moral, insuscetível de se traduzir por obrigações jurídicas, salvo se se instituir a tirania. Na Constituição, a noção que se aproxima mais da fraternidade é aquela da solidariedade (Pr. 46, al10 a 13). Para retomar uma expressão de R. Capitant, "afraternidade não é um princípio da democracia; ela é uma aplicação sua".*

Conforme vimos em Villiers, *a fraternidade deve ser sobretudo considerada como um dever, mas um dever moral, insuscetível de se traduzir por obrigações jurídicas, salvo se se instituir a tirania.*

O doutrinador francês não tem razão na sua afirmativa, pois a tendência é, cada vez mais, determinar-se a cada cidadão que *faça o bem aos demais ao invés de simplesmente não lhes fazer mal*. Essa evolução não será a consagração da *tirania*, mas sim o aperfeiçoamento da *cidadania*, que é um conceito que o futuro vai trabalhar lindamente.

3 - BEM AVENTURADOS OS MANSOS, PORQUE HERDARÃO A TERRA

Os guerreiros, ou sejam, as pessoas agressivas vêm trabalhando em função das mudanças exteriores, em função do progresso material: constroem estradas, mudam o curso dos rios, reformam as leis, abrem escolas e fabricam equipamentos e máquinas.

Todavia inquietam-se e desesperam quando a vida os surpreende com os fenômenos das doenças, do sofrimento moral ou da morte.

Para eles é imprescindível a presença dos homens e mulheres sintonizados com a vida interior, ou seja, a vida espiritual. Procuram-nos, lêem seus relatos e conselhos e não conseguem orientar-se a não ser por suas lições: assim é que as religiões são imprescindíveis para os povos. Sem elas a humanidade já teria se destruído há muito tempo.

Os mansos são, normalmente, aqueles que vivem a religiosidade num grau mais elevado: representam o que há de mais apurado na essência humana São exemplos o próprio Jesus, Gandhi, Francisco de Assis, Madre Teresa de Calcutá entre outros e outras.

A tendência é seu exemplo alastrar-se, representado principalmente pelas mulheres, mais sintonizadas, pela maternidade, com a religiosidade.

Eles herdarão a Terra, serão maiona, enquanto que os guerreiros vão-se vendo em quantidade cada vez menor, porque suas realizações no mundo material vão tendo de se adaptar às necessidades do espírito e não apenas do corpo.

Não precisamos de tantas mudanças legislativas e tanto conforto material, porque muito do que se faz é mero resultado da

inquietação e da falta de rumo superior onde se empregar a energia individual. Precisamos de evolução ético-moral, que somente se alcança pelo caminho da Religião, sobretudo a do Cristo, todavia, não nos moldes ultrapassados de antanho, mas aliada à moderna Ciência e à Filosofia.

4 - ENSINAR A VERDADE

Jesus, Sócrates, Francisco de Assis e outros luminares se preocupavam em ensinar a Verdade.

Nenhum deles escreveu tratados de Ética, Filosofia ou o que quer que seja, para colocar suas idéias ao alcance da posteridade, pois, diferentemente, marcavam a fogo as almas que os ouviam, ajudando-as na alquimia da transmutação interior, encarregandoas, direta ou indiretamente, de propagar as mudanças íntimas que sofreram.

Mais importante que ensinar academicamente a Verdade é incuti-la no psiquismo dos contemporâneos através do exemplo de vida, que esses divulgarão, certamente, também através do exemplo.

Muita leitura não significa progresso ético-moral, apesar de poder ajudá-lo.

5 - O INCONSCIENTE

Quando a Psicologia passou a considerar o inconsciente como realidade, ampliou-se a compreensão da Ciência a respeito da natureza humana.

Lá estão armazenadas as informações sobre tudo que vamos vivendo, como um fabuloso HD de computador.

Enquanto que o consciente representa a atuação cotidiana dos seres humanos, o inconsciente não só tem os dados arquivados do que aconteceu desde o início da nossa biografia

individual, após o instante da criação por Deus, até o momento presente. Esses dados, todavia, não são "inertes", mas sim "vivos" e costumam "pular para fora", interferindo no consciente, na vida diária.

Assim é que, mesmo procurando manter-se dentro de padrões de autocontrole, as criaturas, vez por outra, adotam determinadas atitudes estranhas: são vivências que ficaram sepultadas nos porões do inconsciente e que assomam à superfície.

Procurar conhecer, pelo menos, parte desses dados arquivados é importante, para não se dizer imprescindível para nossa evolução ético-moral.

Por essa razão, os contemporâneos de Sócrates orientavam para o "conhece-te a ti mesmo", ou seja, o aprofundamento da sonda investigatória portas a dentro da intimidade psicológica, dentre outros conhecimentos sobre nossa essência corpórea e espiritual.

Em momentos críticos de nossa vida costumam vir à tona dados guardados no inconsciente, o mesmo acontecendo quando alguém ingere bebidas alcoólicas, utiliza drogas etc.

Dizia-se na Roma antiga: "in vino veritas" para significar que as pessoas embriagadas dizem as verdades...

O estudo do próprio inconsciente pode ser feito com o auxílio de psicólogos qualificados ou sob orientação de leituras sérias, com resultados úteis para nosso crescimento como seres humanos.

6 - OS PENSAMENTOS

Ninguém consegue viver sem pensar, pois se trata de um atributo da espécie humana. Todavia, é preciso selecionarmos os

pensamentos sadios para povoar nossa mente e deixar de lado os nocivos.

Aconselha-se a não guerrearmos os pensamentos doentios, mas substituí-los pelos pensamentos saudáveis.

Todavia, é importante a gente gradativamente melhorar o nível dos pensamentos, o que se consegue através da oração e da meditação.

Orar não é a mesma coisa que repetir dezenas ou centenas de vezes preces decoradas, mas entrar em contato com Deus por meio da manifestação espontânea em atitude adequada.

Meditar é também entrar em contato com a Divindade.

Jesus Cristo e Mohandas Gandhi eram dados à meditação, sempre voltando renovados às lutas cotidianas.

Dentro da meditação podem-se realizar as chamadas "vizualizações terapêuticas" ultimamente muito divulgadas por Divaldo Pereira Franco através de CDs.

7-UM GURU

Os mestres religiosos indianos ensinam que só se consegue evoluir espiritualmente sob a orientação de um Guru, ou seja, um mestre dos conhecimentos espirituais.

Realmente assim acontece, pois as informações práticas não se acham todas enfeixadas em livros.

Cada um deve procurar seu mestre de acordo com suas simpatias.

Todavia, não há melhor do que o próprio Jesus, Mestre de todos os mestres.

Para encontrá-lo, todavia, não basta o desejo puro e simples nesse sentido, mas a procura de muitos anos, consubstanciada no aperfeiçoamento interior, sobretudo pela conduta de Desapego, tal qual o cavaleiro de Darsonval, ou da Fraternidade Universal.

Encontrá-lo depende d'Ele julgar-nos em condições de passar a viver essa experiência.

Trata-se da mais importante conquista do ser humano, nada se igualando a essa plenitude relativa: compensa todos os sacrifícios para se chegar lá e supera todos os amores humanos.

8 - ONDE O HOMEM TIVER SEU TESOIRO AÍ TERÁ SEU CORAÇÃO

O psiquismo humano funciona com um misto de automatismos ao lado de outras atividades governadas pela vontade.

Não somos interiormente totalmente livres nem totalmente obrigados pelos condicionamentos do inconsciente. De acordo com nossas opções de pensar e agir ficamos mais livres ou mais obrigados.

Se nossa tendência se inclina para as idéias de Desapego e Fraternidade Universal, alcançamos um grau elevado de liberdade interior. Se, todavia, consagramos o contrário, nossos instintos passam a governar nossa mente.

Não há meio-termo nessa decisão; não há como enganarmos a consciência; não há como conseguirmos conviver com boas e más intenções dentro do nosso psiquismo.

A fatalidade de todos os seres é a evolução rumo a Deus.

O melhor que se pode fazer é optar pelo rumo certo.

O que deixarmos para trás, em Desapego às horizontalidades, compensaremos com os prazeres e realizações do Mais Alto, que plenificam e nunca se extinguem.

CONCLUSÕES

1) O Desapego é o passo inicial da evolução consciente, vencendo-se o egoísmo.

- 2) A Fraternidade Universal é o segundo passo.
- 3) As orientações do Guru são imprescindíveis para a evolução.
- 4) Nenhum Guru há melhor que Jesus Cristo.

COMUNICAÇÃO COM O MUNDO ESPIRITUAL

Luiz Guilherme Marques

2.011

*No Novo testamento são enumerados 9 dons do Espírito Santo:
palavra de Sabedoria, palavra de Conhecimento (ciência), Fé,
dons de Curar, operações de Milagres, Profecia, Discernimento
de espíritos, variedade de Línguas, Interpretação de línguas
(Wikipédia)*

DEDICATÓRIA

- à minha esposa Terezinha e minhas filhas Jaqueline e Tereza

ÍNDICE

Introdução

1– Mediunidade

1.1- Proibição de Moisés

1.2– Templo de Apolo em Delfos

1.3 – Caça aos bruxos na Idade Média

1.4 – Médiuns na época de Allan Kardec

1.5 – Médiuns atuais

1.6 – Chico Xavier

2 – Psicologia clínica

2.1 – Carl Gustav Jung

2.2 – Joanna de Ângelis

2.3 – Visualizações terapêuticas

2.4 – Psicanálise com Jesus
 3 – Obsessão
 3.1 – Obsessores de Jesus
 Conclusões

INTRODUÇÃO

Todos nós, seres humanos, somos espíritos ora encarnados e ora desencarnados.

Emanamos nossos pensamentos e assimilamos os pensamentos alheios. Ninguém consegue viver sem pensar nem também isolar-se dos pensamentos dos outros.

Apesar de realizar-se de forma imperceptível, a interação entre os seres humanos se faz muito mais pelas trocas mentais do que pelos cinco sentidos. Sintonizamos com os pensamentos afins e, nessa situação, emitimos e recebemos pensamentos, que nos sustentam, com bons ou maus resultados, de acordo com a qualidade ético-moral desses pensamentos.

Como fiel da balança, atua nossa consciência, elo de ligação entre nós e o Pai, Criador e Mantenedor de tudo que existe.

Nossa comunicação com os encarnados se faz, na vida de relação, em grande parte pelos cinco sentidos, enquanto a que se processa com os desencarnados acontece unicamente pelo contato mental, chamado “carisma” no Novo Testamento e “mediunidade” na Doutrina Espírita.

No Novo Testamento fala-se em 9 carismas: *palavra de Sabedoria, palavra de Conhecimento (ciência), Fé, dons de Curar, operações de Milagres, Profecia, Discernimento de espíritos, variedade de Línguas, Interpretação de línguas.*

Quanto à mediunidade, Allan Kardec as classifica da forma como classifica os médiuns:

MÉDIUNS ESPECIAIS

Aptidões especiais dos médiuns –

Quadro sinótico das diferentes variedades de médiuns

185 Além das categorias de médiuns que acabamos de enumerar, a mediunidade apresenta uma variedade infinita de nuances, que constituem os médiuns especiais, com aptidões particulares ainda não muito definidas, consideradas à parte das qualidades e dos conhecimentos do Espírito que por meio deles se manifesta.

A natureza das comunicações é sempre relativa à natureza do Espírito, e traz o cunho de sua elevação ou inferioridade, de seu saber ou ignorância; mas, ainda que seja do mesmo grau, sob o ponto de vista hierárquico, o Espírito expressa incontestavelmente uma propensão para se ocupar mais com uma coisa do que com outra. Os Espíritos batedores, por exemplo, só fazem manifestações físicas. Outros que dão comunicações inteligentes podem ser poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos etc. Falamos de Espíritos de uma ordem mediana, porque, quando atingem um certo grau, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Porém, ao lado da aptidão do Espírito, há de se levar em conta também a do médium, que é, para o Espírito, um instrumento mais ou menos apropriado, mais ou menos flexível, e no qual o Espírito descobre qualidades imprescindíveis que não podemos apreciar.

Façamos uma comparação: um excelente músico tem à mão diversos violinos que parecem ser instrumentos muito bons, mas um artista experiente nota entre eles uma grande diferença; descobre nuances de extrema delicadeza, que o farão selecionar uns e rejeitar outros; essas delicadas diferenças ele percebe por intuição, visto que não as pode definir. O mesmo acontece em relação aos médiuns; em igualdade de condições quanto às características mediúnicas, o Espírito dará preferência a um ou a outro, de acordo com o gênero de comunicação que quer fazer. Assim, por exemplo, vemos pessoas escrever, como médiuns, admiráveis poesias, mas que em condições normais jamais poderiam ou saberiam fazer dois versos; outras, ao contrário, que são poetas e que, como médiuns, nunca puderam escrever senão prosa, apesar de desejarem escrever poesia. O mesmo acontece com o desenho, com a música etc. Há médiuns que, sem ter conhecimentos científicos, têm uma aptidão especial para receber comunicações eruditas; outros, para os estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérpretes de Espíritos moralistas. Numa palavra, seja qual for a maleabilidade do médium, as comunicações que ele recebe com maior facilidade têm uma tendência marcante; há até mesmo alguns que não saem de um certo círculo de idéias e, quando saem, têm apenas comunicações incompletas, lacônicas e muitas vezes falsas. Além da aptidão, os Espíritos se comunicam ainda mais ou

menos voluntariamente por este ou aquele médium, de acordo com suas simpatias; assim, em perfeita igualdade de condições, o mesmo Espírito será muito mais explícito com determinados médiuns, unicamente porque eles lhe convêm melhor.

186 Estaria, portanto, errado quem, simplesmente por dispor de um bom médium, pensasse obter por ele comunicações de qualquer gênero.

A primeira condição é, sem dúvida, assegurar-se da fonte de onde elas provêm, ou seja, das qualidades do Espírito que as transmite; porém, não é menos necessário ter em vista as qualidades do instrumento oferecido ao Espírito; é preciso estudar a natureza do médium como se estuda a natureza do Espírito, porque os dois elementos são essenciais para se obter um resultado satisfatório. Há ainda um terceiro, que desempenha um papel igualmente importante, que é a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável de quem o interroga, e isso se compreende: para que uma comunicação seja boa, é preciso que ela emane de um Espírito bom; para que esse bom Espírito POSSA transmiti-la, é preciso para ele um bom instrumento; para que ele QUEIRA transmiti-la, é preciso que o objetivo visado lhe convenha. O Espírito lê o pensamento e julga se a questão que lhe é proposta merece uma resposta séria e se a pessoa que a faz é digna de recebê-la; caso contrário, não perde seu tempo a semear bons grãos sobre as pedras, e é, então, que os Espíritos levianos e zombeteiros entram em ação, porquanto, pouco lhes importando a verdade, não a encaram de muito perto, e são geralmente bem pouco escrupulosos em relação ao fim e aos meios.

Resumimos aqui os principais gêneros de médiuns a fim de apresentarmos, de algum modo, o quadro sinótico, incluindo os que já descrevemos nos capítulos anteriores e indicando os números onde tratamos de cada um com detalhes.

Agrupamos as diferentes variedades de médiuns por semelhanças de causas e efeitos, sem que essa classificação tenha nada de absoluto.

Algumas são muito comuns; outras, ao contrário, são raras e até mesmo excepcionais, o que teremos o cuidado de mencionar. Essas indicações foram todas fornecidas pelos Espíritos, que, aliás, examinaram esse quadro com um cuidado todo particular e o completaram com numerosas observações e novas categorias, de tal modo que é, por assim dizer, uma obra completamente deles. Indicamos com aspas suas observações textuais que nos pareceu conveniente destacar. São, na sua maioria, de Erasto e de Sócrates.

187 Podemos dividir os médiuns em duas grandes categorias:

Médiuns de efeitos físicos: são os que têm o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas (Veja a questão no 160).

Médiuns de efeitos intelectuais: são os mais especialmente apropriados para receber e transmitir comunicações inteligentes (Veja as questões nos 65 e seguintes).

Todas as demais variedades se incluem diretamente numa ou noutra dessas duas categorias; algumas em ambas. Se analisarmos os diferentes fenômenos produzidos sob a influência mediúnica, veremos que, em todos, há um efeito físico, e que aos efeitos físicos alia-se quase sempre um efeito inteligente. O limite entre os dois é algumas vezes difícil de estabelecer, mas isso não é relevante. Compreendemos sob a denominação de médiuns de efeitos intelectuais os que podem mais especialmente servir de intermediários para as comunicações regulares e seguidas (Veja a questão no 133).

188 Variedades comuns a todos os gêneros de mediunidade Médiuns sensitivos: pessoas suscetíveis de sentir a presença de Espíritos por uma sensação geral ou local, indefinida ou explícita. A maioria distingue os bons dos maus pela natureza dessa sensação (Veja a questão no 164).

“Os médiuns delicados e muito impressionáveis devem se abster de comunicações com Espíritos violentos ou com sensações densas, pesadas, por causa da fadiga que disso resulta.”

Médiuns naturais ou inconscientes: são os que produzem os fenômenos espontaneamente, sem nenhuma participação de sua vontade, e, na maioria das vezes, à sua revelia (Veja a questão no 161).

Médiuns facultativos ou voluntários: são os que têm o poder de provocar os fenômenos por um ato de sua vontade (Veja a questão no 160).

“Seja qual for essa vontade, eles nada podem se os Espíritos se recusarem, o que prova a intervenção de um poder estranho.”

189 Variedades especiais para os efeitos físicos Médiuns tiptólogos: produzem os ruídos e as pancadas, com ou sem a sua vontade. Variedade bastante comum.*

** Tiptólogo: (do grego tiptô, eu bato). Variedade dos médiuns aptos à tiptologia. Médiun tiptólogo (N.E.).*

Médiuns motores: produzem o movimento dos corpos inertes. Também bastante comuns (Veja a questão no 61).

Médiuns de translações e de suspensões: produzem a translação aérea e a suspensão de corpos inertes no espaço sem um ponto de apoio. Há alguns que podem elevar a si mesmos. Mais ou menos raros,

de acordo com o desenvolvimento do fenômeno; muito raros no último caso (Veja as questões nos 75 e seguintes; e no 80).

Médiuns de efeitos musicais: provocam a execução de músicas em certos instrumentos sem o contato. Muito raros (Veja a questão no 74, item no 24).

Médiuns de aparições: podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis, visíveis para os assistentes. Muito excepcionais (Veja a questão no 100, item no 27; e a no 104).

Médiuns de transporte: podem servir de auxiliares aos Espíritos para o transporte de objetos materiais. Variedade dos médiuns motores e de translações. Excepcionais (Veja a questão no 96).

Médiuns noturnos: obtêm apenas alguns efeitos físicos na obscuridade. Eis a resposta de um Espírito à pergunta que fizemos sobre se esses médiuns poderiam ser considerados uma variedade.

“Pode-se certamente fazer disso uma especialidade, mas isso se deve mais às condições ambientes do que à natureza do médium ou dos Espíritos; devo acrescentar que alguns escapam dessa influência do meio e que a maioria dos médiuns noturnos poderia chegar, pelo exercício, a agir tão bem na luz quanto na obscuridade. Essa variedade de médiuns é pouco numerosa, e é preciso que fique bem claro que é graças a essa condição que se apresentam todas as facilidades para a realização dos truques, da ventriloquia e dos tubos acústicos, pelos quais os charlatões têm freqüentemente abusado da credulidade, fazendo-se passar por médiuns, a fim de ganhar dinheiro. Mas que importa? Os farsantes de salão, como os da praça pública, serão cruelmente desmascarados, e os Espíritos lhe provarão que agem mal intrometendo-se na obra deles.

Sim, repetimos, certos charlatões receberão, de modo bastante rude, o desagradável castigo de todos os falsos médiuns. Aliás, tudo isso não durará muito.” Erasto

Médiuns pneumatógrafos: obtêm a escrita direta. Fenômeno bastante raro, porém fácil de ser imitado por trapaceiros (Veja a questão no 177).

F Os Espíritos insistiram, contra nossa opinião, em incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, que: “Os efeitos inteligentes são aqueles de que o Espírito se serve dos materiais cerebrais do médium, o que não se dá na escrita direta; a ação do médium é aqui totalmente material, enquanto no médium escrevente, ainda que completamente mecânico, o cérebro tem sempre um papel ativo”.

Médiuns curadores: têm o poder de curar ou de aliviar o doente pela imposição das mãos ou pela prece.

“Essa faculdade não é essencialmente mediúnica; todos os que têm fé a possuem, sejam médiuns ou não; ela não passa de uma exaltação do poder magnético, fortificado, em caso de necessidade, pelo auxílio de bons Espíritos (Veja a questão no 175).”

Médiuns excitadores: pessoas que têm o poder de desenvolver nos outros, pela sua influência, a faculdade de escrever.

“Aqui há mais um efeito magnético do que um fato de mediunidade propriamente dita, porque nada prova a intervenção de um Espírito. Em todo caso, pertence à categoria dos efeitos físicos” (Veja o capítulo 17, “Formação dos médiuns”)

190 Médiuns especiais para os efeitos intelectuais

Aptidões diversas.

Médiuns auditivos: ouvem os Espíritos. Bastante comuns (Veja a questão no 165).

“Há muitos que imaginam ouvir aquilo que não é nada mais do que a imaginação.”

Médiuns falantes: falam sob a influência dos Espíritos. Bastante comuns (Veja a questão no 166).

Médiuns videntes: vêem os Espíritos no estado de vigília. A visão accidental e eventual de um Espírito, numa circunstância particular, é muito freqüente, mas a visão habitual a qualquer momento dos Espíritos, sem distinção, é excepcional (Veja a questão no 167).

“É uma aptidão à qual se opõe o estado atual dos órgãos visuais; é por isso que é bom nem sempre acreditar na palavra dos que dizem ver os Espíritos.”

Médiuns inspirados: aqueles a quem pensamentos são sugeridos pelos Espíritos, quase sempre sem disso terem noção, seja para atos comuns da vida, seja para grandes trabalhos de inteligência (Veja a questão no 182).

Médiuns de pressentimentos: pessoas que, em certas circunstâncias, possuem uma vaga intuição das coisas comuns do futuro (Veja a questão no 184).

Médiuns proféticos: variedade dos médiuns inspirados ou de pressentimentos; recebem, com a permissão de Deus e com mais precisão

do que os médiuns de pressentimentos, a revelação de coisas futuras de interesse geral e são encarregados de fazer com que os homens as conheçam para se instruírem.

“Se existem verdadeiros profetas, há ainda muito mais falsos profetas, que tomam os sonhos de sua imaginação como revelações, quando não são embusteiros que agem assim por ambição” (Veja em O Livro dos Espíritos, questão no 624).

Médiuns sonâmbulos: aqueles que, no estado de sonambulismo, são assistidos por Espíritos (Veja a questão no 172).

Médiuns extáticos: aqueles que, no estado de êxtase, recebem revelações da parte dos Espíritos.

“Muitos extáticos são joguetes de sua própria imaginação e de Espíritos zombeteiros, que se aproveitam de sua exaltação. Os que merecem inteira confiança são bastante raros.”

Médiuns pintores e desenhistas: pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos. Falamos dos que obtêm coisas sérias, porque não se pode dar esse nome a certos médiuns que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que desabonariam o mais atrasado estudante.

Os Espíritos levianos são imitadores. Na época em que apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu um grande número de pretensos médiuns desenhistas, com os quais os Espíritos zombeteiros se divertiram, fazendo-os desenhar as coisas mais ridículas. Um deles, entre outros, querendo eclipsar os desenhos de Júpiter, ao menos nas dimensões, quando não fosse na qualidade, fez com que um médium desenhasse um monumento que exigiu muitas folhas de papel para mostrar a altura de dois andares. Muitos outros se divertiram, fazendo com que os médiuns pintassem supostos retratos, que eram verdadeiras caricaturas (Revista Espírita, agosto de 1858).

Médiuns músicos: executam, compõem ou escrevem músicas sob a influência dos Espíritos. Há médiuns músicos mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados, assim como os há para as comunicações literárias.

(Veja a questão no 189, “Médiuns de efeitos musicais”).

Variedades de médiuns escreventes

191 1o) Conforme o modo de execução

Médiuns escreventes ou psicógrafos: possuem a faculdade de escrever por si mesmos sob a influência dos Espíritos.

Médiuns escreventes mecânicos: aqueles cuja mão recebe um impulso involuntário e que não têm nenhuma consciência do que escrevem. Muito raros (Veja a questão no 179).

Médiuns semimecânicos: aqueles cuja mão se move involuntariamente, mas que têm consciência instantânea das palavras ou das frases, à medida que escrevem. Os mais comuns (Veja a questão no 181).

Médiuns intuitivos: aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento, mas que escrevem por sua vontade. Diferem dos médiuns inspirados, porque estes últimos não precisam escrever, enquanto os médiuns intuitivos escrevem o pensamento que lhes é

sugerido instantaneamente sobre um assunto determinado e provocado (Veja a questão no 180).

“São muito comuns, porém também estão bastante sujeitos ao erro, porque, muitas vezes, não podem discernir entre o que vem dos Espíritos e de si mesmos.”

Médiuns polígrafos: aqueles cuja escrita muda conforme o Espírito que se comunica ou que são aptos a reproduzir a escrita que o Espírito tinha quando vivo. O primeiro caso é bastante comum; o segundo, o da identidade da escrita, é mais raro (Veja a questão no 219).

Médiuns políglotas: aqueles que têm a faculdade de falar ou escrever em línguas que lhes são desconhecidas. Muito raros.

Médiuns iletrados: aqueles que escrevem, como médiuns, sem saber ler nem escrever no estado normal.

“Mais raros do que os anteriores, pois há uma dificuldade material muito maior a ser vencida.”

192 2o) Conforme o desenvolvimento da faculdade Médiuns novatos: aqueles cujas faculdades ainda não estão completamente desenvolvidas e que não têm a experiência necessária.

Médiuns improdutivos: os que não chegam a obter mais do que coisas insignificantes, monossílabos, traços ou letras sem conexão (Veja o capítulo 17, “Formação dos médiuns”).

Médiuns feitos ou formados: aqueles cujas faculdades mediúnicas estão completamente desenvolvidas, que transmitem as comunicações com facilidade, presteza e sem hesitação. Concebe-se que esse resultado pode ser obtido apenas com o tempo, porque com os médiuns novatos as comunicações são lentas e difíceis.

Médiuns lacônicos: aqueles cujas comunicações, embora recebidas com facilidade, são breves e sem desenvolvimento.

Médiuns explícitos: as comunicações que eles obtêm possuem toda a amplitude e a extensão que se pode esperar de um escritor consumado.

“Essa aptidão resulta da expansão e da facilidade de combinação dos fluidos; os Espíritos os procuram para tratar de assuntos que envolvem grandes desenvolvimentos.”

Médiuns experimentados: a facilidade de execução é uma questão de hábito, e, muitas vezes, se adquire em pouco tempo, enquanto a experiência é o resultado de um estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do Espiritismo. A experiência dá ao médium o tato necessário para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, para julgar suas qualidades boas ou más pelos sinais mais minuciosos e para discernir o embuste dos Espíritos enganadores, que se acobertam com as aparências da verdade.

Compreende-se facilmente a importância dessa qualidade, sem a qual todas as outras não têm a menor utilidade. O mal é que muitos médiuns confundem a experiência, fruto do estudo, com a aptidão, que apenas depende do organismo. Julgam ser mestres por escreverem facilmente, repudiam todos os conselhos e tornam-se presas de Espíritos mentirosos e hipócritas, que os seduzem, exaltando-lhes o orgulho (Veja o capítulo 23, “Obsessão”).

Médiuns maleáveis: aqueles cuja faculdade se presta mais facilmente aos diversos gêneros de comunicação, e pelos quais todos os Espíritos, ou quase todos, podem se manifestar, espontaneamente ou por evocação.

“Essa variedade de médiuns se aproxima muito da dos médiuns sensitivos.”

Médiuns exclusivos: pelos quais um Espírito se manifesta de preferência, e até mesmo com exclusão de todos os outros, e ele mesmo responde por todos aqueles que são chamados por intervenção do médium.

“Isso resulta sempre da falta de maleabilidade; quando o Espírito é bom, pode ligar-se ao médium por simpatia ou por um objetivo louvável; quando é mau, é sempre com a intenção de colocar o médium sob sua dependência. É mais um defeito do que uma qualidade; é bastante próximo da obsessão” (Veja o capítulo 23, “Obsessão”).

Médiuns de evocações: os médiuns maleáveis são naturalmente os mais próprios para as evocações e para responder ao que se pode propor aos Espíritos. Há, por isso, médiuns inteiramente especiais. “Suas respostas se limitam geralmente a um quadro restrito, incompatível para o desenvolvimento de assuntos gerais.”

Médiuns para ditados espontâneos: eles recebem de preferência comunicações espontâneas da parte de Espíritos que se apresentam sem ser chamados. Quando essa faculdade é especial em um médium, fica difícil, algumas vezes até impossível, fazer uma evocação por seu intermédio. “Estes são mais bem aparelhados do que os da classe anterior. Compreendi que por aparelhagem entende-se os materiais do cérebro, porque muitas vezes é preciso, eu direi até mesmo que é sempre preciso, uma soma muito maior de inteligência para os ditados espontâneos do que para as evocações, quando eles merecem verdadeiramente aquele nome e não são algumas frases incompletas ou alguns pensamentos banais, que se encontram em todos os escritos humanos.”

193 3o) Conforme o gênero e a especialidade das comunicações

Médiuns versejadores: eles obtêm, mais facilmente do que os outros, comunicações em versos. Bastante comuns para os maus versos; bastante raros para os bons.

Médiuns poéticos: sem ser versejadores, as comunicações que recebem têm algo de sutil, de sentimental; nada que mostre rudeza; eles são, mais do que qualquer outro, próprios para a expressão dos sentimentos ternos e afetuosos. Tudo nas suas comunicações é vago, e seria inútil pedir-lhes idéias precisas. Bastante comuns.

Médiuns positivos: suas comunicações têm, geralmente, um caráter de nitidez e precisão que se presta muito ao detalhes circunstanciais, às informações exatas. Bastante raros.

Médiuns literários: não possuem nem o que há de vago nos médiuns poéticos nem a precisão dos médiuns positivos; mas dissertam com desembaraço; seu estilo é correto, elegante e, muitas vezes, de uma notável eloqüência.

Médiuns incorretos: podem obter coisas muito boas, pensamentos de uma moralidade inatacável, mas seu estilo é difuso, incorreto, sobrecarregado de repetições e de termos impróprios.

“A incorreção material do estilo decorre geralmente da falta de cultura intelectual do médium, que nesse caso não é, para o Espírito, um bom instrumento. O Espírito dá pouca importância a isso; para ele, o pensamento é a coisa mais essencial, e vos deixa livre para dar-lhe a forma que convenha. O mesmo já não acontece com as idéias falsas e ilógicas que uma comunicação pode conter; elas sempre são um indício da inferioridade do Espírito que se manifesta.”

Médiuns historiadores: aqueles que têm uma aptidão especial para os relatos históricos. Essa faculdade, assim como todas as outras, é independente dos conhecimentos do médium, pois vemos pessoas sem instrução, e até mesmo crianças, tratarem de assuntos bem acima de seu alcance. Variedade rara de médiuns positivos.

Médiuns científicos: não dizemos sábios, porque podem ser muito ignorantes; apesar disso, mostram-se mais especialmente apropriados às comunicações relativas às ciências.

Médiuns receitistas: sua qualidade é de servir mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas. Não devemos confundi-los com os médiuns curadores, porque eles não fazem nada mais do que transmitir o pensamento do Espírito e não exercem por si mesmos nenhuma influência. Bastante comuns.

Médiuns religiosos: recebem mais especialmente comunicações de caráter religioso ou que tratam de questões de religião, independentemente de suas crenças ou de seus hábitos.

Médiuns filósofos e moralistas: suas comunicações têm geralmente por objeto as questões da moral e da alta filosofia. Bastante comuns para as questões da moral.

“Todas essas nuances são variedades de aptidões dos bons médiuns. Quanto aos que têm uma aptidão especial para certas comunicações científicas, históricas, médicas ou outras, fora do alcance de sua capacidade atual, ficai certos de que eles possuíram esses conhecimentos em uma outra existência e de que esses conhecimentos permaneceram neles no estado latente e fazem parte dos materiais cerebrais necessários ao Espírito que se manifesta. São esses elementos que facilitam ao Espírito o caminho para comunicar suas próprias idéias, pois esses médiuns são para ele instrumentos mais inteligentes e mais maleáveis do que um que não os tem.” Erasto

Médiuns de comunicações triviais e obscenas: estas palavras indicam o gênero de comunicação que certos médiuns recebem habitualmente e a natureza dos Espíritos que as dão. Qualquer pessoa que estudou o mundo espírita em todos os graus da escala sabe que há Espíritos cuja perversidade é igual à dos homens mais depravados e que se comprazem em exprimir seus pensamentos nos termos mais grosseiros. Outros, menos perversos, contentam-se com expressões triviais. Compreendemos que esses médiuns tenham o desejo de se ver livres dessa preferência e que desejam ser como os que, nas comunicações que recebem, jamais escreveram uma palavra inconveniente. Seria preciso uma estranha aberração de idéias, uma total falta de bom senso, para acreditar que semelhante linguagem possa ser usada por bons Espíritos.

194 4o) Conforme as qualidades físicas do médium

Médiuns calmos: eles sempre escrevem com uma certa lentidão e sem a menor agitação.

Médiuns velozes: eles escrevem com uma rapidez maior do que poderiam fazer voluntariamente, no estado normal. Os Espíritos se comunicam por meio deles com a rapidez de um relâmpago; pode-se dizer que há neles uma superabundância de fluido, que lhes permite identificar-se instantaneamente com o Espírito. Essa qualidade tem, algumas vezes, seu inconveniente: a rapidez da escrita a torna muito difícil de ser lida por outra pessoa que não o médium.

“Ela é de fato bastante fatigante, porque desprende muito fluido inutilmente.”

Médiuns convulsivos: ficam em estado de sobreexcitação quase febril; a mão e, algumas vezes, todo corpo ficam agitados, num tremor impossível de dominar. A causa primeira está, sem dúvida, no organismo, mas também depende muito da natureza dos Espíritos que

por eles se comunicam. Os Espíritos bons e benevolentes sempre causam uma impressão doce e agradável; os maus, pelo contrário, causam uma impressão desagradável.

“Esses médiuns só raramente devem exercitar a sua faculdade mediúnica; o uso muito freqüente poderá lhes afetar o sistema nervoso.”

(Veja o capítulo 24, “Identidade dos Espíritos”, item “Distinção entre os bons e os maus Espíritos”).

195 5o) Conforme as qualidades morais do médium

Nós as mencionamos sumariamente e de memória, apenas para completar o quadro, visto que serão desenvolvidas adiante, nos capítulos: 20, 23 e 24, “A influência moral dos médiuns”, “Obsessão”, “A identidade dos Espíritos” respectivamente, e outros, para os quais chamamos a atenção em particular. Veremos a influência que as qualidades e os defeitos dos médiuns podem exercer quanto à segurança das comunicações e quais são os que podemos, com razão, considerar médiuns imperfeitos ou bons médiuns.

196 Médiuns imperfeitos

Médiuns obsidiados: os que não podem se desligar dos Espíritos inoportunos e enganadores, mas não enganam a si próprios.

Médiuns fascinados: são iludidos por Espíritos enganadores e se iludem em relação à natureza das comunicações que recebem.

Médiuns subjugados: sofrem uma dominação moral e freqüentemente material por parte de maus Espíritos.

Médiuns levianos: não tomam a sério suas faculdades e só se servem delas para divertimento ou coisas fúteis.

Médiuns indiferentes: não tiram nenhum proveito moral das instruções que recebem e não modificam em nada sua conduta e seus hábitos.

Médiuns presunçosos: Têm a pretensão de se acharem os únicos em comunicação só com Espíritos superiores. Eles acreditam ser infalíveis e consideram inferior e errôneo tudo aquilo que não vem deles.

Médiuns orgulhosos: os que se envaidecem das comunicações que recebem; acreditam não ter nada a aprender com o Espiritismo e não tomam para si as lições que recebem freqüentemente da parte dos Espíritos. Eles não se contentam com as faculdades que possuem: querem outras.

Médiuns suscetíveis: variedade dos médiuns orgulhosos; melindram-se com as críticas que se possam fazer às suas comunicações, aborrecem-se com a menor contradição e, se mostram o que obtêm, é para que seja admirado, e não admitem sobre isso opiniões. Geralmente, tomam aversão às pessoas que não os aplaudem sem restrições e fogem das reuniões onde não podem se impor e dominar.

“Deixai que se vão pavonear em outros lugares e procurar ouvidos mais complacentes ou que se isolem; as reuniões que não têm sua presença nada perdem.” Erasto

Médiuns mercenários: os que exploram sua faculdade.

Médiuns ambiciosos: os que, embora não coloquem preço na sua faculdade, esperam tirar dela algumas vantagens.

Médiuns de má-fé: os que, tendo algumas faculdades, simulam outras que não têm, para se darem importância. Não podemos dar o título de médium às pessoas que, não tendo nenhuma faculdade mediúnica, produzem apenas fenômenos falsos, por meio da charlatanice.

Médiuns egoístas: os que se servem de sua faculdade apenas para uso pessoal e guardam para si as comunicações que recebem.

Médiuns invejosos: os que vêem com despeito outros médiuns mais apreciados e que lhes são superiores.

Todas essas más qualidades têm necessariamente seu oposto no bem.
197 *Bons médiuns*

Médiuns sérios: os que se servem de sua faculdade apenas para o bem para coisas verdadeiramente úteis. Acreditam profaná-las utilizando-se delas para satisfação de curiosos e de indiferentes ou para futilidades.

Médiuns modestos: os que não atribuem a si nenhum mérito pelas comunicações que recebem, por mais belas que sejam; consideram-se estranhos a elas e não se julgam isentos das mistificações. Longe de evitarem as opiniões desinteressadas, eles as solicitam.

Médiuns devotados: compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão para cumprir e deve, quando for necessário, sacrificar seus gostos, hábitos, prazeres, tempo e até mesmo seus interesses materiais pelo bem dos outros.

Médiuns seguros: os que, além da facilidade de execução, merecem mais confiança, por seu próprio caráter e pela natureza elevada dos Espíritos que os assistem, e que são menos expostos a enganar. Veremos mais tarde que essa segurança não depende dos nomes mais ou menos respeitáveis com que os Espíritos se nomeiam.

“É incontestável, bem o sentis, que, mostrando assim as qualidades e os defeitos dos médiuns, isso suscitará contrariedades e até mesmo animosidades em alguns; mas que importa? A mediunidade se espalha cada vez mais, e o médium que levasse a mal essas reflexões provaria apenas uma coisa: que não é bom médium, ou seja, que é assistido por maus Espíritos. De resto, como já disse, tudo isso será passageiro, e os maus médiuns, que abusam ou usam mal suas faculdades, sofrerão tristes conseqüências, conforme já aconteceu com alguns; eles aprenderão a duras custas o que dá usar em proveito de suas

paixões terrenas um dom que Deus lhes deu apenas para o adiantamento moral deles. Se não puderdes reconduzi-los ao bom caminho, lamentai-os, porque, posso dizer: Deus os reprova.” Erasto
“Esse quadro é de grande importância não apenas para os médiuns sinceros que procurarão de boa-fé, ao lê-lo, preservar-se dos perigos a que estão expostos, mas também para todos os que se servem dos médiuns, porque lhes dará a medida do que podem racionalmente esperar.

Ele deveria estar constantemente sob as vistas de todo aquele que se ocupa de manifestações, do mesmo modo que a Escala Espírita, da qual é o complemento. Esses dois quadros resumem todos os princípios da Doutrina e contribuirão, mais do que acreditais, para fazer entrar o Espiritismo no verdadeiro caminho.” Sócrates

198 Todas essas variedades mediúnicas apresentam graus infinitos em sua intensidade; algumas constituem, propriamente falando, apenas nuances, mas nem por isso deixam de ser efeito de aptidões especiais. É de se compreender que é muito raro que a faculdade de um médium seja rigorosamente restrita a um só gênero; o mesmo médium pode, sem dúvida, ter diversas aptidões, mas sempre há uma que domina, e é a essa que ele deve se aplicar, se for útil. É um erro grave querer forçar de todo modo o desenvolvimento de uma faculdade que não se possui; é preciso desenvolver as que se possui em germe; porém, procurar outras é de início perda de tempo, e em segundo lugar perder talvez, enfraquecer com certeza, as de que se é dotado.

“Quando existe o princípio, o germe de uma faculdade, esta se manifesta por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, o médium pode tornar-se excelente e obter coisas grandes e belas; ao ocupar-se de tudo, não obterá nada de bom. Notai, de passagem, que o desejo de ampliar indefinidamente o círculo de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune. Os bons Espíritos abandonam sempre os presunçosos, que se tornam, assim, joguete dos mentirosos. Infelizmente, não é raro ver médiuns não se contentarem com os dons que receberam e aspirarem, por amor-próprio ou por ambição, faculdades excepcionais, capazes de os tornar famosos; essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a dos médiuns seguros.” Sócrates

199 O estudo da especialidade dos médiuns é necessário não apenas para eles, mas ainda mais para o evocador. Conforme a natureza do Espírito que se deseja chamar e as perguntas que se lhe quer dirigir, convém escolher o médium mais apto; dirigir-se ao primeiro que apareça é expor-se a respostas incompletas ou errôneas. Façamos uma comparação com fatos comuns. Não confiaríamos uma redação,

até mesmo uma simples cópia, ao primeiro que aparecesse só porque sabe escrever. Um músico quer que seja executado um trecho de um canto de sua autoria; ele tem à sua disposição diversos cantores, todos hábeis; entretanto, não tomará qualquer um ao acaso; ele escolherá para ser seu intérprete aquele cuja voz, expressão e todas as qualidades correspondam, em uma palavra, à natureza do trecho musical. Os Espíritos fazem o mesmo em relação aos médiuns, e devemos fazer o mesmo em relação aos Espíritos.

É preciso, além disso, notar que as distinções que a mediunidade apresenta, e às quais poderíamos ainda acrescentar outras, nem sempre estão relacionadas com o caráter do médium; assim, por exemplo, um médium naturalmente alegre e jovial pode ter habitualmente comunicações sérias, até mesmo severas, e vice-versa. Isso é ainda uma prova evidente de que ele age sob o impulso de uma influência estranha. Voltaremos a esse assunto no capítulo 20 que trata da influência moral do médium. (O Livro dos Médiuns, Cap.16)

O Autor

1– MEDIUNIDADE

Registra <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mediunidade>:

A mediunidade é o nome atribuído a uma capacidade humana que permite uma comunicação entre homens e Espíritos. Ela se manifestaria independente de religiões, de forma mais ou menos intensa em todos os indivíduos. Porém, usualmente apenas aqueles que apresentam num grau mais perceptível são chamados médiuns.

Assim, um espírito que deseja comunicar-se entra em contato com a mente do médium e, por esse meio, se comunica oralmente (psicofonia), pela escrita (psicografia), ou ainda se faz visível ao médium (vidência). Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita, descreve também fenômenos de ordem física, como batidas (tiptologia), escrita direta (pneumatografia), voz direta (pneumatofonia), e ainda materializações ectoplasmáticas em que o espírito desencarnado se faz visível e até palpável aos presentes no ambiente onde ocorra o fenômeno. Outras formas de comunicação com os espíritos podem ser encontradas em O Livro dos Médiuns.

Enquanto no meio espírita utiliza-se a palavra médium para designar o indivíduo que serve de instrumento de comunicação entre os homens e espíritos, outras doutrinas e correntes filosóficas utilizam termos como clarividente, intuitivo, sensitivo. No entanto, o significado desses termos pode ser considerado por alguns com o mesmo significado, porém

cada um pode ser distinguido como uma faculdade sensitiva diferente. Médiun seria aquele que serve de elo entre o mundo em que vivem os espíritos (plano espiritual, quarta vertical, quarta dimensão, mundo astral...) e o mundo terreno, assim este se abre para que o espírito se utilize dele. Clarividente é aquele que tem capacidade de enxergar o plano espiritual através da "terceira visão". Intuitivo é aquele que tem capacidade de sentir a cadeia dos acontecimentos e assim prevê-los, bem como o sensitivo que também se adequaria a esta faculdade.

*Os parapsicólogos forenses, também conhecidos como investigadores psíquicos (do inglês *Psychic Witness*), são sensitivos que trabalham em conjunto com a polícia na investigação de crimes de difícil solução (inexistência de testemunhas, escassez de provas, excesso de suspeitos,...). O papel desses paranormais, segundo Sérgio Pereira Couto em artigo na revista *Ciência Criminal*, "consiste basicamente em captar sensações sobre o que aconteceu nos locais dos crimes e passar as informações para que os detetives tomem as devidas providências administrativas, incluindo a detenção de suspeitos para interrogatório".*

Com o sucesso dos seriados em canais pagos que tratam do tema, as polícias de diversos estados americanos passaram a admitir em público o uso de paranormais em investigações onde a tecnologia mostra-se insuficiente.

O Discovery Channel elaborou um seriado para tratar desse tema, reportando as atividades de quinze investigadores psíquicos no apoio às polícias de diversos estados americanos, como a Califórnia, Ohio, a Pensilvânia, Carolina do Norte, a Louisiana, Texas e o Arizona.

Vale no entanto destacar que a Lei americana obriga a polícia a ouvir todos os que dizem saber algo sobre a investigação, incluindo aqueles que se intitulam médiuns ou sensitivos, que voluntariamente se apresentam para ajudar, não fazendo parte do procedimento policial a busca de cartomantes, médiuns, etc para a solução de crimes. Na Tv, o seriado chega a ser fantasioso e não apresenta os milhares de casos onde tal ajuda não resultou em sucesso, não se enquadrando, o entretenimento, em reportagem investigativa ou mesmo documentário sério.

Sally Headding, uma respeitada clarividente americana, formada em psicologia clínica e Ph.D. pela Universidade de Berkeley (Califórnia), aponta que atualmente o principal problema da popularidade dos investigadores psíquicos nos EUA é o surgimento de uma série de falsos médiuns que se apresentam para ajudar a polícia em casos de grande repercussão. No entanto, segundo as palavras de Sally, os verdadeiros médiuns dificilmente procuram a polícia, ao contrário, são convidados por esta para colaborar nas investigações, o que tecnicamente não é verdade segundo as leis americanas.

No *Brasil*, o uso de médiuns em processos da Justiça é reconhecido oficialmente apenas no Estado de *Pernambuco*, onde a *Constituição Estadual*, além de legitimar o testemunho de médiuns, prevê como obrigação daquele Estado e dos seus municípios a prestação de "assistência à pessoa dotada dessa faculdade, [desde que] comprovado por profissionais especializados". Essa comprovação é justamente um mecanismo para que se tenha certeza de não se tratar de um caso de *charlatanismo*. Infelizmente, o processo de definição pelo estado do que é *charlatanismo* ou não, não está claro.

Textos *psicografados* por médiuns como *Chico Xavier* e *Jorge José Santa Maria* (da Sociedade Beneficente Espírita Amor e Luz, no Município de *Porto Alegre*) já foram incorporados a processos criminais na forma de provas documentais.

Na segunda metade do *século XIX* diversos médiuns foram levados a realizar testes que tornaram supostamente plausíveis a existência de espíritos, por exemplo as médiuns *Leonora Piper* e *Gladys Osborne Leonard*. Os resultados obtidos na época, com cada uma dessas médiuns, foram bastante convincentes. Piper foi tão famosa que chegou a ser citada na *Enciclopédia Britânica* de 1911 em dois verbetes, e ainda admitida no discurso de *William James* publicado pela revista *Science* como possuidora de poderes paranormais .

O neurocientista *Núbor Orlando Facure* diz que a mediunidade é um fenômeno fisiológico, universal comum a todas as pessoas, e que pode se manifestar de diferentes maneiras. Nos estudos que realiza, busca compreender a relação entre os núcleos de base dos automatismos psico-motores e aqueles que geram o fenômeno da mediunidade. Em entrevista dada à revista *Universo Espírita* (Nº35, Ano 3), *Facure* aponta que os *neurônios* em espelho podem ser os responsáveis pela sintonia que permite sentirmos no lugar do outro. No entanto, *Facure* também diz que isso são apenas conjecturas e que atualmente não existe comprovação científica de que o fenômeno se dê dessa forma^[7].

Em pesquisa realizada por *Frederico Leão* e *Francisco Lotufo*, Médicos-psiquiatra da *Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo*, constatou-se uma melhora dos aspectos clínicos e comportamentais de "650 pacientes portadores de deficiências mental e múltiplas" ao submetê-los a um *tratamento espiritual* realizado através de reuniões mediúnicas. Como resultado do estudo, os autores sugerem a "aplicação do modelo de prática das comunicações mediúnicas como terapias complementares".

Outra importante pesquisa foi realizada pelo médico psiquiatra *Alexander Moreira de Almeida*, que no dia 22 de fevereiro de 2005 defendeu a tese *Fenomenologia das Experiências Mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas*, no *Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP*, da Faculdade de Medicina da USP. A tese pretendeu traçar um perfil de saúde mental de 115 médiuns

espíritas (escolhidos aleatoriamente), na qual foram testados e entrevistados com apurados instrumentos da Psiquiatria. Na conclusão do trabalho, Almeida diz que "os médiuns estudados evidenciaram alto nível socioeducacional, baixa prevalência de transtornos psiquiátricos menores e razoável adequação social. A mediunidade provavelmente se constitui numa vivência diferente do transtorno de identidade dissociativa. A maioria teve o início de suas manifestações mediúnicas na infância, e estas, atualmente, se caracterizam por vivências de influência ou alucinatórias, que não necessariamente implicam num diagnóstico de esquizofrenia". Desta forma, constatou-se que os médiuns estudados apresentaram boa saúde mental, apesar dos sintomas de visões ou interferências de pensamentos alheios, que não são sintomas de loucura, mas outro tipo de vivência, chamada pelos espíritas de Mediunidade.

1.1– PROIBIÇÃO DE MOISÉS

Moisés (1.592 a.C. – 1.472 a.C.) proibiu a evocação dos “mortos”, conforme as seguintes passagens bíblicas:

"Não vos desvieis do vosso Deus para procurar mágicos; não consulteis os adivinhos, e receai que vos contamineis dirigindo-vos a eles. Eu sou o Senhor vosso Deus." (Levítico, cap. XIX, v. 31.) O homem ou a mulher que tiver Espírito pitônico, ou de adivinho, morra de morte. Serão apedrejados, e o seu sangue recairá sobre eles." (Idem, cap. XX, v. 27.) Quando houverdes entrado na terra que o Senhor vosso Deus vos há de dar, guardai-vos; tomai cuidado em não imitar as abominações de tais povos; - e entre vós ninguém haja que pretenda purificar filho ou filha passando-os pelo fogo; que use de malefícios, sortilégios e encantamentos: que consulte os que têm o Espírito de Píton e se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade. O Senhor abomina todas essas coisas e exterminará todos esses povos, à vossa entrada, por causa dos crimes que têm cometido. (Deuteronômio, cap. XVIII, vv. 9, 10, 11 e 12.)

Não é fácil entender os motivos que teriam levado o grande profeta a expedir tal determinação, pois se trata de uma época muito diferente da nossa.

Cabe observar que os textos de autoria de Moisés fundamentam o Judaísmo e não o Cristianismo, este última que se baseia na Mensagem de Jesus.

No Novo Testamento não há proibição alguma nesse sentido. Portanto, não devemos levar em conta a referida

proibição, que foi adotada pela Igreja Romana a partir da Idade Média por razões políticas, mas caiu em descrédito gradativamente, graças à liberdade de crença que se foi instalando.

1.2– TEMPLO DE APOLO EM DELFOS

Veja-se em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Delfos>:

O primeiro oráculo de Delfos era conhecido geralmente como Sibila, embora seu nome fosse Herófila. Ela cantava as predições que recebia de Gaia. Mais tarde, Sibila tornou-se um título dado a qualquer sacerdotisa devotada ao oráculo. A Sibila apresentava-se sentada na rocha sibilina, respirando os vapores vindos do chão e emitindo as suas frequentemente intrigantes e confusas predições. Pausanias afirmava que a Sibila "nasceu entre o homem e a deusa, filha do monstro do mar e uma ninfa imortal". Outros disseram que era irmã ou filha de Apolo. Ainda outros reivindicaram que Sibila recebera os seus poderes de Gaia originalmente, que passou o oráculo a Têmis, que depois o passou a Phoebe. Este oráculo exerceu uma influência considerável através do país, e foi consultado antes de todos os empreendimentos principais: guerra, fundação das colônias, e assim por diante. Era também altamente respeitada em países semi-helênicos como Macedônia, Lídia, Cária e até mesmo Egipto. O rei Creso da Lídia consultou Delfos antes de atacar a Pérsia, e de acordo com Heródoto recebeu a resposta:

Se você o fizer, destruirá um grande império.

Creso achou a resposta favorável, atacou e foi completamente derrotado (resultando daí, naturalmente, a destruição de seu próprio império).

Alegadamente o oráculo também proclamou Sócrates o homem mais sábio na Grécia, ao que Sócrates respondeu que, se assim era, isso devia-se a ser o único que estava ciente da sua própria ignorância. A afirmação está relacionada com um dos lemas mais famosos de Delfos, que Sócrates disse ter aprendido lá, γνωθι σεαυτον (gnothi seauton, "conhece-te a ti próprio"). Um outro lema famoso de Delfos é μηδεν αγαν (meden agan, "nada em excesso"). No século III d.C., ante o domínio cristão crescente na região, o oráculo, por motivo desconhecido, declarou que a divindade não falaria lá por mais tempo.

1.3 – CAÇA AOS BRUXOS NA IDADE MÉDIA

Como se sabe, a Idade Média ficou conhecida pela religiosidade fanática, pelo baixo nível cultural do povo e pelas conseqüências nefastas que esses dois fatores costumam exercer.

Os médiuns (naquela época chamados de bruxos) foram perseguidos e mortos aos milhares. Caso típico foi o do cientista e filósofo italiano Giordano Bruno.

Segue abaixo uma breve referência a ele:

Giordano Bruno (Nola, 1548 — Roma, Campo de Fiori, 17 de fevereiro de 1600) foi um teólogo, filósofo, escritor e frade dominicano italiano, condenado à morte na fogueira, pela Inquisição romana (Congregação da Sacra, Romana e Universal Inquisição do Santo Ofício), por heresia. É também referido como Bruno de Nola ou Nolano.

Filho do militar João Bruno e de Flaulissa Savolino, seu nome de batismo era Filippo, tendo adotado o nome de Giordano quando ingressou na Ordem Dominicana (no convento de Nápoles em 1566). Lá, estudou profundamente a filosofia de Aristóteles e de São Tomás de Aquino, doutorando-se em Teologia.

Sempre contestador, não tarda a atrair contra si próprio opiniões contrárias e perseguições. Em 1576 abandona o hábito ao ser acusado de heresia por duvidar da Santíssima Trindade. Inicia, então, uma peregrinação que marcou sua vida, visitando Gênova, Toulouse, Paris e Londres, onde passou dois anos (1583 a 1585) sob proteção do embaixador francês, freqüentando o círculo de amigos do poeta inglês Sir Philip Sidney. Em 1585, Bruno retornou a Paris, indo em seguida para Marburg, Wittenberg, Praga, Helmstedt e Frankfurt, onde conseguiu publicar vários de seus escritos.

Defensor do humanismo, corrente filosófica do Renascimento (cujo principal representante é Erasmo), Bruno defendia o infinito cósmico e uma nova visão do homem. Embora a filosofia da sua época estivesse baseada nos clássicos antigos, dentre os quais principalmente Aristóteles, Bruno teorizou veementemente contra eles. Sua forma e conteúdo são muito semelhantes às de Platão, escrevendo na forma de diálogos e com a mesma visão.

Nômade por natureza e modo de vida, Bruno baseou sua filosofia apoiado nas suas intuições e vivências fora do comum. Defendeu teorias filosóficas que misturavam neoplatonismo místico e panteísmo. Acreditava que o Universo é infinito, que deus é a alma universal do mundo e que todas as coisas materiais são manifestações deste princípio infinito. Por tudo isso, Bruno é considerado um pioneiro da filosofia moderna, tendo influenciado decisivamente o filósofo holandês Baruch de Espinoza e o pensador alemão Gottfried Wilhelm von Leibniz.

Ao contrário do que se pensa comumente, Giordano Bruno não foi queimado na fogueira por defender o heliocentrismo de Copérnico.

Um dos pontos chaves de sua cosmologia é a tese do universo infinito e povoado por uma infinidade de estrelas, como o Sol, e por outros planetas, nos quais, assim como na Terra, existiria vida inteligente. Sua perspectiva se define a partir das idéias de Nicolau da Cusa, Copérnico e Giovanni Battista della Porta.

Segundo John Gribbin, em seu livro Science: A History (1543-2001), Bruno filiou-se ao hermetismo, baseado em escrituras egípcias, da época de Moisés. Entre outras referências, esse movimento utilizava os ensinamentos do deus egípcio Thoth, cujo equivalente grego era Hermes (daí hermetismo), conhecido pelos seguidores como Hermes Trimegistus. Bruno teria abraçado a teoria de Copérnico porque ela se encaixava bem na idéia egípcia de um universo centrado no sol.

Deus seria a força criadora perfeita que forma o mundo e que seria imanente a ele. Bruno defendia a crença nos poderes humanos extraordinários, e enfrentou abertamente a Igreja Católica e seus preceitos.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Giordano_Bruno)

Deve-se consignar que a Igreja Católica apenas dificultou a vida dos médiuns não-católicos, mas admitiu sempre a mediunidade dos seus adeptos, muitos dos quais classificou de santos e santas, beatos ou beatas. Essa é uma verdade que tem de ser conhecida para que não ocorram interpretações equivocadas.

1.4 – MÉDIUNS NA ÉPOCA DE ALLAN KARDEC

Na certa que em virtude de um planejamento de Jesus (Divino Governador da Terra) e Seus Assessores, no começo do século XIX nasceram muitos médiuns excepcionais em várias partes do mundo, principalmente na França, justamente para que o missionário Allan Kardec e seus auxiliares pudessem estudar as manifestações envolvendo a influência dos desencarnados no mundo dos encarnados.

Quem se proponha a ler, por exemplo, o livro História do Espiritismo, de Arthur Conan Doyle (1859 – 1930), terá uma

visão clara das pesquisas realizadas com vários médiuns não exatamente espíritas.

Todavia, se muitos cientistas já pesquisaram e escreveram sobre a mediunidade, ficando, todavia, adstritos à sobrevivência da alma após o decesso corporal e à possibilidade de sua comunicação com os “vivos” - foi Allan Kardec quem, depois de certificar-se desses fatos, formulou uma Doutrina, que chamou Espiritismo, dando-lhe o caráter de continuação à Mensagem de Jesus como sendo o Consolador prometido por Ele quando ainda vivo entre nós.

O Espiritismo, na verdade, é uma doutrina cristã, nascida na França e que se espalhou pelo mundo, tendo atualmente maior número de adeptos no Brasil.

Pode-se dizer que é uma religião, pois procura encaminhar os seres humanos para Deus, apesar de não ter um corpo de sacerdotes e outros aparatos das religiões tradicionais.

Kardec pesquisou por todas as formas possíveis, inclusive consultando os amigos desencarnados, para tanto contando com alguns médiuns, e formulou a Doutrina Espírita baseando-se na sua própria lógica de ferro e nas orientações dos espíritos.

Para alguns, esse seria um ponto fraco, por contar com a participação de seres invisíveis, mas, para nós, espíritas, é justamente aí que está sua força, pois, desenfaiados do corpo, nossos amigos têm uma visão mais clara da realidade, uma vez que o cérebro material nos limita muito.

Em resumo, os médiuns foram figuras decisivas na formulação da Doutrina Espírita e o continuam sendo.

Como todos alternamos períodos “aqui” e “lá”, nossos amigos que passam para “lá” continuam interagindo conosco, sendo os amigos de longa data de Kardec que o orientaram na formulação da Doutrina Espírita, esclarecendo-se que seus amigos

são justamente seus companheiros de dedicação multi-secular à evolução da humanidade.

1.5 – MÉDIUNS ATUAIS

Os médiuns atuais não mais enfrentam as perseguições vividas pelos antigos, cuja vida era um rosário de sofrimentos por causa da intransigência religiosa.

A Doutrina Espírita conta com alguns milhões adeptos no Brasil, havendo uma extensa literatura a respeito, devida principalmente à atuação de Chico Xavier, que psicografou mais de cinco centenas de livros e milhares de mensagens avulsas.

Infelizmente, há médiuns que auferem lucros financeiros com o exercício da mediunidade, o que não os qualifica como espíritas, pois em Espiritismo não se admite alguém “sobreviver da religião”.

Divaldo Pereira Franco e José Raul Teixeira são dois nomes importantes na Doutrina Espírita como oradores e psicógrafos, sendo suas obras das mais respeitáveis.

Por este imenso Brasil, todavia, contam-se aos milhares os médiuns dedicados à ajuda ao próximo, que sustentam o ideal espírita.

Há mediunidade entre crentes de todas as religiões - e até entre os avessos a qualquer idéia de religiosidade -, pois mediunidade é um dom natural, simples ferramenta de interação com os desenfaixados dos laços corporais.

A Doutrina Espírita é a que melhor trata da mediunidade, principalmente através de O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

2 – CHICO XAVIER

Trata-se de um homem excepcional, que influenciou o século XX de forma decisiva, fazendo com que a crença na

reencarnação se enraizasse no Brasil de forma definitiva. Sua humildade rara e o carinho sincero pelas pessoas propiciaram simpatia por suas obras, que foram e são lidas por milhões e traduzidas para dezenas de idiomas estrangeiros.

Vê-se em http://pt.wikipedia.org/wiki/Chico_Xavier:

Francisco Cândido Xavier (Pedro Leopoldo, 2 de abril de 1910 — Uberaba, 30 de junho de 2002), nascido como Francisco de Paula Cândido Xavier e mais conhecido popularmente por Chico Xavier, notabilizou-se como médium e divulgador do Espiritismo no Brasil.

O seu nome de batismo Francisco de Paula Cândido, em homenagem ao santo do dia de seu nascimento, foi substituído pelo nome paterno de Francisco Cândido Xavier logo que psicografou os primeiros livros, mudança oficializada em abril de 1966, quando chegou da sua segunda viagem aos Estados Unidos.

Primeira infância

Nascido no seio de uma família humilde, era filho de João Cândido Xavier, um modesto vendedor de bilhetes de loteria, e de Maria João de Deus, uma dona de casa católica e piedosa.

Segundo biógrafos, a mediunidade de Chico teria se manifestado pela primeira vez aos quatro anos de idade, quando ele respondeu ao pai sobre Ciências, durante conversa com uma senhora sobre gravidez. Ele dizia ver e ouvir os espíritos e conversava com eles.

Os abusos da madrinha

A mãe faleceu quando Francisco tinha apenas cinco anos de idade. Incapaz de criá-los, o pai distribuiu os nove filhos entre a parentela. Nos dois anos seguintes, Francisco foi criado pela madrinha e antiga amiga de sua mãe, Rita de Cássia, que logo se mostrou uma pessoa cruel, vestindo-o de menina e batendo-lhe diariamente, inicialmente por qualquer pretexto e, mais tarde, sob a alegação de que o "menino tinha o diabo no corpo". Não se contentando em açoitá-lo com uma vara de marmelo, Rita passou a cravar-lhe garfos de cozinha no ventre, não permitindo que ele os retirasse, o que ocasionou terríveis sofrimentos ao menino. Os únicos momentos de paz que tinha consistiam nos diálogos com o espírito de sua mãe, com quem se comunicava desde os cinco anos de idade: o menino viu-o após uma prece, junto à sombra de uma bananeira no quintal da casa. Nesses contatos, o espírito da mãe recomendava "paciência, resignação e fé em Jesus" ao filho.

A madrinha ainda criava outro filho adotivo, Moacir, que sofria de uma ferida incurável na perna. Rita decidiu seguir a simpatia de uma benzedeira, que consistia em fazer uma criança lambe a ferida durante três sextas-feiras em jejum, sendo a tarefa atribuída ao pequeno Francisco. Revoltado com a imposição, Francisco conversou novamente com o espírito da mãe, que lhe aconselhou a "lamber com paciência". O espírito explicou-lhe que a simpatia "não é remédio, mas poderia aplacar a ira da madrinha", esta sim passível de colocar em risco a sua vida. Os espíritos se encarregariam da cura da ferida. De fato, curada a perna de Moacir, Rita de Cássia melhorou o tratamento dado a Francisco.

A madrasta

O seu pai casou-se novamente, e a nova madrasta, Cidália Batista, exigiu a reunião dos nove filhos. Francisco tinha então sete anos de idade. O casal teve ainda mais seis filhos. Por insistência da madrasta, o menino foi matriculado na escola pública. Nesse período, o espírito de Maria João parou de manifestar-se. O jovem Francisco, para ajudar nas despesas da casa, começou a trabalhar vendendo os legumes da horta da casa.

Na escola, como na igreja, as faculdades paranormais de Francisco continuaram a causar-lhe problemas. Durante uma aula do 4º ano primário, afirmou ter visto um homem que lhe ditou as composições escolares, mas ninguém lhe deu crédito e a própria professora não se importou. Uma redação sua ganhou menção honrosa num concurso estadual de composições escolares comemorativas do centenário da Independência do Brasil, em 1922. Enfrentou o ceticismo dos colegas, que o acusaram de plágio, acusação essa que sofreu durante toda a vida. Desafiado a provar os seus dons, Francisco submeteu-se ao desafio de improvisar uma redação (com o auxílio de um espírito) sobre um grão de areia, tema escolhido ao acaso, o que realizou com êxito.

A madrasta Cidália pediu a Francisco que se aconselhasse com o espírito da falecida mãe dele sobre como evitar que uma vizinha continuasse a furtar hortaliças e esta lhe disse para torná-la responsável pelo cuidado da horta, conselho que, posto em prática, levou ao fim dos furtos.

Assustado com a mediunidade do jovem, o seu pai cogitou em interná-lo. O padre Scarzelli examinou-o e concluiu que seria um erro a internação, tratando-se apenas de "fantasias de menino". Scarzelli simplesmente aconselhou a família a restringir-lhe as leituras (tidas como motivo para as fantasias) e a colocá-lo no trabalho. Francisco, então, ingressou como operário em uma fábrica de tecidos, onde foi submetido à rigorosa disciplina do trabalho fabril, que lhe deixou sequelas para o resto da vida.

No ano de 1924 terminou o antigo curso primário e não mais voltou a estudar. Mudou de trabalho, empregando-se como caixeiro de venda, ainda em horários extensos. Apesar de católico devoto e das incontáveis penitências e contrições prescritas pelo padre confessor, não parou de ter visões e nem de conversar com espíritos.

O contato com a Doutrina Espírita

Em 1927, então com dezessete anos de idade, Francisco perdeu a madrastra Cidália, e se viu diante da insanidade de uma irmã, que descobriu ser causada por um processo de obsessão espiritual. Por orientação de um amigo, Francisco iniciou-se no estudo do espiritismo. No mês de maio desse mesmo ano recebeu nova mensagem de sua mãe, na qual lhe era recomendado o estudo das obras de Allan Kardec e o cumprimento de seus deveres. Em junho, ajudou a fundar o Centro Espírita Luiz Gonzaga, em um simples barracão de madeira de propriedade de um seu irmão. Em julho, por orientação dos espíritos seus mentores, iniciou-se na prática da psicografia, escrevendo 17 páginas. Nos quatro anos subseqüentes aperfeiçoou essa capacidade embora, como relata em nota no livro Parnaso de Além-Túmulo, ela somente tenha ganho maior clareza em finais de 1931. Desse modo, pela sua mediunidade começaram a manifestar-se diversos poetas falecidos, somente identificados a partir de 1931. Em 1928 começou a publicar as suas primeiras mensagens psicografadas nos periódicos O Jornal, do Rio de Janeiro, e Almanaque de Notícias, de Portugal.

As primeiras obras

Em 1931, em Pedro Leopoldo, iniciou a psicografia da obra "Parnaso de Além-Túmulo". Esse ano, que marca a "maioridade" do médium, é o ano do encontro com seu mentor espiritual Emmanuel, "...à sombra de uma árvore, na beira de uma represa..." (SOUTO MAIOR, 1995:31). O mentor informa-o sobre a sua missão de psicografar uma série de trinta livros, e explica-lhe que para isso são lhe exigidas três condições: "disciplina, disciplina e disciplina". Severo e exigente o mentor instruiu-o a manter-se fiel a Jesus e a Kardec, mesmo na eventualidade de conflito com a sua orientação.

Em 1932 foi publicado o "Parnaso de Além-Túmulo" pela Federação Espírita Brasileira (FEB). A obra, coletânea de poesias ditadas por espíritos de poetas brasileiros e portugueses, obteve grande repercussão junto à imprensa e à opinião pública brasileira, e causou espécie entre os literatos brasileiros, cujas opiniões se dividiram entre o reconhecimento e a acusação de pastiche. O impacto era aumentado ao se saber que a obra tinha sido escrita por um "modesto escriturário" de armazém do interior de Minas Gerais, que mal completara o primário. O espírito de sua mãe aconselhou-o a não responder aos críticos.

Os direitos autorais das suas obras são concedidos à FEB. Neste período inicia a sua relação com Manuel Quintão e Wantuil de Freitas. Ainda neste período descobriu ser portador de uma catarata ocular, problema que o acompanhou o resto da vida. Os espíritos seus mentores, Emmanuel e Bezerra de Menezes, orientam-no para tratar-se com os recursos da medicina humana e não contar com quaisquer privilégios dos espíritos. Continua com o seu emprego de escriturário e a exercer as suas funções no Centro Espírita Luís Gonzaga, atendendo aos necessitados com receitas, conselhos e psicografando as obras do Além. Paralelamente, inicia uma longa série de recusas de presentes e distinções, que também perdurará por toda a vida, como por exemplo, a de Fred Figner, que lhe legou vultosa soma em testamento, repassada pelo médium à FEB. Com a notoriedade, prosseguem os ataques de adversários que tentam desmoralizá-lo, e de inimigos espirituais, que buscam atingi-lo com fluidos negativos e tentações.

O processo da viúva de Humberto de Campos

No decorrer da década de 1930, destacaram-se ainda a publicação dos romances atribuídos a Emmanuel e da obra "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", atribuída ao espírito de Humberto de Campos, onde a história do Brasil é interpretada de forma mítica e teológica. Esta última obra trouxe como consequência uma ação judicial movida pela viúva do escritor, que pleiteou por essa via direitos autorais pelas obras psicografadas, caso se confirmasse a autoria do famoso escritor maranhense. A defesa do médium foi suportada pela FEB, e resultou, posteriormente, no clássico "A Psicografia Perante os Tribunais", do advogado Miguel Timponi. Em sua sentença, o juiz decidiu que os direitos autorais referiam-se à obra reconhecida em vida do autor, não havendo condição do tribunal se pronunciar sobre a existência ou não da mediunidade. Ainda assim, para evitar possíveis futuras polémicas, o nome do escritor falecido foi substituído pelo pseudônimo "Irmão X".

Neste período, Francisco ingressou no serviço público federal, como Auxiliar de Serviço no Ministério da Agricultura. Como curiosidade, refere-se que, em toda a sua carreira como funcionário público, não existe registro de qualquer falta ao serviço.

2.1 – CARL GUSTAV JUNG

http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung consigna:

Carl Gustav Jung (Kesswil, 26 de julho de 1875 — Küsnacht, 6 de junho de 1961) foi um psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, também conhecida como psicologia junguiana.

Juventude

Os assuntos com que Jung ocupou-se surgiram em parte do fundo pessoal que é vividamente descrito em sua *autobiografia*, "Memórias, Sonhos, Reflexões" (1961). Ao longo de sua vida Jung experimentou sonhos periódicos e visões com notáveis características mitológicas e religiosas, os quais despertaram o interesse por *mitos*, *sonhos* e a psicologia da *religião*. Ao lado destas experiências, certos fenômenos *parapsicológicos* emergiam, sempre para lhe redobrar o espanto e o questionamento.

Por muitos anos Jung sentiu possuir duas *personalidades* separadas: um *ego* público, exterior, que era envolvido com o mundo familiar, e um eu interno, secreto, que tinha uma proximidade especial para com *Deus*. Ele reconhecia ter herdado isso de sua mãe, que tinha a notável capacidade de "ver homens e coisas tais como são". A interação entre esses egos foi o tema central da sua vida pessoal e contribuiu mais tarde para a sua ênfase no esforço do indivíduo para integração e inteireza.

O pai, um *reverendo*, já deixou-lhe como *herança* uma *fé* cega que se mantinha a muito custo com o sacrifício da compreensão. A tarefa do filho seria responder a ele com uma fé renovada, baseada justamente no conhecimento tão rejeitado. Além disso, Jung viria a usar as escrituras como referência para a experiência interior de Deus, não como *dogmas* estáticos à espera de *devoção* muda, castradores do desenvolvimento pessoal. Ele lamentava que à religião faltasse o *empirismo*, que alimentaria a sede da personalidade:

n.º 1, e que às *ciências naturais*, que também tanto o fascinavam devido ao envolvimento com a realidade concreta, faltasse o significado, que saciaria a personalidade

n.º 2. Os dois aspectos, religião e *ciência*, não se tocavam, daí sua constante insatisfação, devido ao desencontro das duas instâncias interiores. E foi dessa tentativa de saciar tanto um aspecto quanto ao outro, de fazer justiça ao ser como um todo, que decidiu formar-se em *psiquiatria*: "Lá estava o campo comum da experiência dos dados biológicos e dados espirituais, que até então eu buscara inutilmente. Tratava-se, enfim, do lugar em que o encontro da natureza e do espírito se torna realidade".

Ao longo da sua juventude interessou-se por *filosofia* e por *literatura*, especialmente pelas obras de *Pitágoras*, *Empédocles*, *Heráclito*, *Platão*, *Kant* e *Goethe*. Uma das suas maiores revelações seria a obra de *Schopenhauer*. Jung concordava com o irracionalismo que este autor concedia à natureza humana, embora discordasse das soluções por ele apresentadas.

Primeiros estudos

Já estudante de medicina, decide dedicar-se à, então obscura, especialidade de psiquiatria, após a leitura ocasional de um livro do psiquiatra Krafft-Ebing. Em 1900, Jung tornou-se interno na Clínica Psiquiátrica Burgholzli, em Zurique, então dirigida pelo psiquiatra Eugen Bleuler, famoso pela sua concepção de esquizofrenia.

Seguindo o seu treino prático na clínica, ele conduziu estudos com a associação de palavras. Já nessa época Jung propunha uma atitude humanista frente aos pacientes. O médico deveria "propor perguntas que digam respeito ao homem em sua totalidade e não limitar-se apenas aos sintomas". Desde cedo ele já adiantava a idéia do que hoje está ganhando força em todos os campos com o nome de "Holismo", o ponto de vista do homem integral. A seus olhos "diante do paciente só existe a compreensão individual". Por isso evitava generalizar um método, uma panaceia para um determinado tipo de anomalia psíquica. Cada encontro é único e, sendo assim, não pode incorrer em qualquer tipo de padronização.

Encontro com Sigmund Freud

Em 1902 deslocou-se a Paris onde estudou com Pierre Janet, regressando no ano seguinte ao hospital de Burgholzli onde assumiu um cargo de chefia e onde, em 1904, montou um laboratório experimental em que implementou o seu célebre teste de associação de palavras para o diagnóstico psiquiátrico. Neste ínterim, Jung entra em contato com as obras de Sigmund Freud (1856-1939). Jung viu em Freud um companheiro para desbravar os caminhos da mente. Enviou-lhe cópias de seus trabalhos sobre a existência do inconsciente, confirmando concepções freudianas de recalque e repressão. Ambos encantaram-se um com o outro, principalmente porque os dois desenvolviam trabalhos inéditos em medicina e psiquiatria.

A partir de então Freud e Jung passaram a se corresponder (359 cartas que posteriormente foram publicadas entre 1906 a 1913). O primeiro encontro entre eles, em 27 de fevereiro de 1907, transformou-se numa conversa que durou treze horas ininterruptas. Depois deste encontro estabeleceram uma amizade de aproximadamente sete anos, durante a qual trocavam informações sobre seus sonhos, análises, trocavam confidências, discutiam casos clínicos.

Porém, tamanha identidade de pensamentos e amizade não conseguia esconder algumas diferenças fundamentais. Jung jamais conseguiu aceitar a insistência de Freud de que as causas dos conflitos psíquicos sempre envolveriam algum trauma de natureza sexual, e Freud não admitia o interesse de Jung pelos fenômenos espirituais como fontes válidas de estudo em si. O rompimento entre eles foi inevitável. Seria nos anos 30 do século XX que esta divergência atingiria o auge. Se por um lado os livros de Freud eram proibidos e queimados publicamente

pelos Nazistas, sendo Freud obrigado a deixar Viena pouco depois da anexação da Áustria, doente, nos seus 80 anos, para se dirigir ao exílio em Londres enquanto que quatro irmãs suas não foram autorizadas a deixar a Áustria, tendo perecido no Holocausto nos campos de concentração de Auschwitz e de Thereseinstadt, por seu lado Carl Jung tornar-se-ia neste mesmo período uma das faces mais visíveis da psiquiatria "alemã" da época.

Confronto com o inconsciente

Após a separação de Freud, Jung sentiu o chão desmoronar-se sob os pés. O sentido da sua vida ficou em primeiro plano. Seguiu-se uma série de sonhos e visões que forneceram material para o trabalho de toda uma vida. Dir-se-ia que se ele não houvesse se empenhado na integração de todo aquele material que jorrou qual lava derretida, teria fatalmente sucumbido a uma psicose. Mas algo nele o impelia a ir adiante na compreensão de tudo o que se originava naturalmente de seu inconsciente. Em suas palavras, "Os anos durante os quais me detive nessas imagens interiores constituíram a época mais importante da minha vida e neles todas as coisas essenciais se decidiram. (...) Toda a minha atividade ulterior consistiu em elaborar o que jorrava do inconsciente naqueles anos (...)".

Foi durante essa fase de confronto com o inconsciente que ele desenvolveu o que chamou de "imaginação ativa", um método de interação com o inconsciente onde este se investe espontaneamente de várias personificações (pessoas conhecidas e desconhecidas, animais, plantas, lugares, acontecimentos, etc.). Na imaginação ativa interagimos ativamente com elas, isto é, discordando, quando for o caso, opinando, questionando e até tomando providências com relação ao que é tratado, isso tudo pela imaginação. Ela difere da fantasia passiva porque nesta não atuamos no quadro mental, de forma a participarmos do drama vivenciado, mas apenas nos contentamos em assistir o desenrolar do roteiro desconhecido. Pela imaginação ativa existe não só a possibilidade de compreensão do inconsciente, mas também de interação com este, de forma que o transformamos e somos transformados no processo. Um personagem pode nos fazer entender falando explicitamente do motivo de, por exemplo, estarmos com insônia. Esse enfoque trata a psique como uma realidade em si, de forma tão literal interiormente, quanto uma maçã nos é real exteriormente, ao contrário de Freud que insistia em substituir uma determinada imagem por outra de cunho sexual.

Polêmicas sobre nazismo

Carl Jung, que alguns acham ter sido um simpatizante do nazismo, assumiu em 1933, ano da chegada ao poder de Adolf Hitler, a presidência da "Sociedade Médica Internacional Geral para a Psicoterapia", que contou como administrador, entre outros, um sobrinho de Hermann

Göring. No início de 1934, num artigo "Sobre a situação actual da psicoterapia", Jung afirma que o *Judeu*, como nómade, não pode jamais criar a sua cultura própria; para desenvolver os seus instintos e talentos tem de apoiar-se em um "povo anfitrião mais ou menos civilizado". Carl Jung viria mais tarde a deixar aquela organização.

Sejam examinados os fatos. O presidente da Sociedade era *Ernst Kretschmer*. Quando Hitler tomou o poder, Kretschmer deixou a presidência e os membros da Sociedade, compreensivelmente alarmados, dada a situação da Alemanha, pediram insistentemente a Jung que aceitasse a presidência. Sua autoridade científica e sua condição de suíço representavam verdadeira tábua de salvação. "Deveria eu, perguntou Jung a seus acusadores, na atitude de neutro prudente retirar-me para a segurança do lado de cá da fronteira e lavar as mãos em inocência, ou deveria segundo estava bem consciente arriscar minha pele e expor-me a inevitáveis mal-entendidos, aos quais não poderia escapar todo aquele que, por força de premente necessidade, tivesse de entrar em contato com os poderes políticos existentes na Alemanha"? Jung decidiu correr os riscos que previra. Sob a presidência de Jung, a Sociedade Médica Internacional de Psicoterapia conseguiu realizar dois congressos fora da Alemanha: um, em Copenhague (1937) e outro em Oxford (1938). Decerto esses encontros, noutros países, representaram verdadeiros respiradouros para muitos cientistas alemães (Silveira, 1981).

Jung interpretou o *nacional socialismo*, o *comunismo* e outros "ismos", em geral como fenômenos patológicos, de identidade. Uma irrupção do *inconsciente coletivo*. "Wotan" havia tomado posse da alma do povo alemão. E quem é Wotan? O deus *pagão* dos *germânicos*, "um deus das tempestades e da efervescência, desencadeia paixões e apetites combativos". Num ensaio publicado em 1936, Jung traça o paralelo entre Wotan redivivo e o fenômeno nazista. Wotan é uma personificação de forças psíquicas corresponde a "uma qualidade, um caráter fundamental da alma alemã, um "fator" psíquico de natureza irracional, um *ciclone* que anula e varre para longe a zona calma onde reina a cultura". Os fatores econômicos e políticos pareceram a Jung insuficientes para explicar todos os espantosos fenômenos que estavam ocorrendo na Alemanha. Wotan reativado no fundo do inconsciente, Wotan invasor, seria explicação mais pertinente. E estávamos apenas em 1936!

O argumento decisivo é, porém, a atitude dos nazistas em relação a Jung. Com o aparecimento do livro *PSICOLOGIA e RELIGIÃO*, 1940, as autoridades decidiram que toda a sua obra fosse interdita e queimada na Alemanha, bem como nos países ocupados por Hitler.

Outra acusação correlata com a de simpatizante do nazismo, foi a de anti-semita. Seria desde logo estranho admitir que um psicólogo, toda sua vida em busca do fundo psíquico comum a todos os homens

(inconsciente coletivo), eternamente existente sob as diferentes peculiaridades individuais, locais, nacionais, raciais, históricas, fosse partidário de discriminações entre esses mesmos homens cuja alma tinha para ele igual estrutura básica. Seria também extravagante que um anti-semita contasse entre seus discípulos mais próximos precisamente homens de origem semita. Basta lembrar alguns nomes. Erich Neumann, judeu alemão. Chefiava o grupo junguiano em Tel Aviv, Israel, onde morreu em 1960, Seus livros são originais aplicações da psicologia junguiana. AS ORIGENS E A HISTÓRIA DA CONSCIÊNCIA, sua obra principal, é prefaciada por Jung. Gerhard Adler, judeu alemão, refugiado do nazismo, um dos mais destacados elementos do grupo junguiano na Inglaterra, co-editor das obras completas de Jung. Adler define esses ataques a Jung como devidos a "completa ignorância ou, pior, a maldade intencional". Roland Cahen, francês de origem semita, é quem chefia a escola junguiana na França e dirige a publicação das obras de Jung em língua francesa. (cf: Silveira, 1981)

Em alguns documentos, afirmou num comentário de época sobre a cultura judaica que judeus em geral são mais conscientes e diferenciados, enquanto os 'arianos' comuns permaneceram próximos à barbárie (apud Lomeli, 1999).

A polêmica teórica mantida por Jung com Freud não chegou ao ponto de Jung fazer referências à origem religiosa ou racial de Freud, com vistas a conquistar a simpatia nazista. Nem no artigo de 1929, em que comparava as duas teorias (Gallard, 1994 apud Medweth, 1996), nem no discurso de Jung sobre Freud após a morte deste eminente pensador, em 1939, num momento que poderia ser propício a angariar aquele beneplácito (Medweth, 1996).

Sabe-se também que o obscurantismo atingiu obras de Jung que não interessavam ao regime nazista, tendo sido suprimidas em 1940 várias edições publicadas na Alemanha, e quando da invasão da França a Gestapo destruiu as traduções francesas da obra de Jung. (Medweth, 1996).

As primeiras providências de Jung quando assumiu a Überstaatliche Ärztliche Gesellschaft für Psychotherapie (Sociedade Médica Internacional para Psicoterapia), acumulando com a entidade suíça, em 1933, foram:

- A reformulação dos estatutos, para evitar o controle hegemônico por alguma das sociedades nacionais; como a Sociedade Internacional congregava as Sociedades Nacionais da Alemanha, Dinamarca, Grã-Bretanha, Países Baixos, Suécia e Suíça, era importante evitar o domínio isolado de uma delas (apud Lomeli, 1999; McGuire e Hull, 1982), de modo que as demais tivessem participação adequada e dividissem as responsabilidades;

- A aceitação na Sociedade Internacional dos membros judeus e *antinazistas* expulsos da Sociedade da Alemanha (apud Lomeli, 1999; McGuire e Hull, 1982), de modo que eles podiam exercer o seu ofício em outros países e garantir a sua subsistência como profissionais qualificados.

Sobre o editorial nazista publicado na revista editada pela Sociedade Médica Nacional da Alemanha para Psicoterapia, Jung declarou várias vezes que ele não teve ingerência no episódio. Pelas amizades que tinha com muitos representantes das vítimas do preconceito nazista, e pelo conteúdo de sua obra, é extremamente improvável que ele concordasse intelectualmente com o seu conteúdo, sob pena de perder esses relacionamentos.

As acusações sobre Jung, como resultantes de um mal-entendido, teriam sido logo liquidadas de modo definitivo, face a tantas documentações e testemunhos logicamente irrefutáveis. Entretanto, a persistência desses rumores bem indica que por trás deles podem fermentar ainda as divergências entre Jung e o grande judeu Freud, nunca perdoadas pelos discípulos do mestre ortodoxo. (Silveira, 1981)

Reconhecimento internacional

Em 1938, quando Freud saiu de Viena para Londres, a Dra. Iolande Jacobi também emigrou para Zurique, continuou seus estudos com Jung e posteriormente foi uma das fundadoras do Instituto C.G.Jung, tendo escrito a introdução às obras completas de Jung. (McGuire e Hull, 1982, p. 52). Ainda nesse ano, a Universidade de Oxford, na Inglaterra, concedeu-lhe o título de Doutor Honoris Causa.

Em 1939 Jung renunciou à presidência da Sociedade Médica Internacional para Psicoterapia. Alegou que já tentara por duas vezes anteriores a renúncia, tendo permanecido apenas devido a pedidos dos representantes *britânico* e *neerlandês*, somente se retirando quando foram interrompidas as comunicações internacionais e a sua permanência não era mais necessária (apud Lomeli).

Em 1946, em cerimônia realizada em Zurique, Winston Churchill pediu que o Dr. Jung compusesse a mesa e se sentasse a seu lado (Lomeli, 1999). Em abril desse ano Ernest Harms publicou um artigo cujo título é "Carl Gustav Jung – Defender of Freud and the Jews" na *Psychiatric Quarterly* (McGuire e Hull, 1982, p. 70).

Alguns dos seus mais devotados pupilos – Erich Neumann, Gerhard Adler, James Kirsch e Aniela Jaffe – eram judeus (Medweth, 1996). - Citações: Lomeli, 1999; Medweth, 1996; McGuire, William e Hull, R.F.C. (1982). C.C.Jung: entrevistas e encontros. São Paulo: Cultrix.

Últimos dias

Carl Gustav Jung morreu a 6 de junho de 1961, aos 86 anos, em sua casa, nas margens do lago de Zurique, em Küsnacht após uma longa vida produtiva, que marcou - e tudo leva a crer que ainda marcará mais - a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia, e também, em outros campos como a Arte, a Literatura e a Mitologia.

A psicologia analítica

Anterior mesmo ao período em que estavam juntos, Jung começou a desenvolver um sistema teórico que chamou, originalmente, de "Psicologia dos Complexos", mais tarde chamando-o de "Psicologia Analítica", como resultado direto de seu contato prático com seus pacientes. O conceito de inconsciente já está bem sedimentado na sólida base psiquiátrica de Jung antes de seu contato pessoal com Freud, mas foi com Freud, real formulador do conceito em termos clínicos, que Jung pôde se basear para aprofundar seus próprios estudos. O contato entre os dois homens foi extremamente rico para ambos, durante o período de parceria entre eles. Aliás, foi Jung quem cunhou o termo e a noção básica de "complexo", que foi adotado por Freud.

Utilizando-se do conceito de "complexos" e do estudo dos sonhos e de desenhos, Jung passou a se dedicar profundamente aos meios pelos quais se expressa o inconsciente. Em sua teoria, enquanto o inconsciente pessoal consiste fundamentalmente de material reprimido e de complexos, o inconsciente coletivo é composto fundamentalmente de uma tendência para sensibilizar-se com certas imagens, ou melhor, símbolos que constelam sentimentos profundos de apelo universal, os arquétipos: da mesma forma que animais e homens parecem possuir atitudes inatas, chamadas de instintos ("fato" este negado por correntes de ciências humanas, como por exemplo em antropologia o culturalismo de Franz Boas), também é provável que em nosso psiquismo exista um material psíquico com alguma analogia com os instintos.

Os tipos psicológicos

Jung sentia que a ênfase da psicanálise nos fatores eróticos era um ponto de vista unilateral, uma visão reducionista da motivação humana e do seu comportamento. Ele propôs que a motivação do homem fosse entendida em termos de uma energia de vida criativa geral - a libido - capaz de ser investida em direções diferentes, assumindo grande variedade de formas. A libido corresponderia ao conceito de energia adotado na Física, a qual pode ser interpretada em termos de calor, eletricidade, motricidade, etc. As duas direções principais da libido são conhecidas como extroversão (projetada no mundo exterior, nas outras pessoas e objetos) e introversão (dirigida para dentro do reino das imagens, das ideias, e do inconsciente). As pessoas em quem a

primeira tendência direcional predomina são chamadas extrovertidas, e introvertidas aquelas em quem a segunda direção é mais forte.

A sua necessidade em criar uma tipologia psíquica decorreu da questão que nasceu em seu interior acerca de sua divergência com Freud e até com outros profissionais. Ele poderia, assim, ter perguntado: "Por que divirjo de Freud?". A resposta tomou forma na análise que fez das teorias psicológicas de seu mestre e de Adler, também um ex-discípulo de Freud. Para este as neuroses derivavam de problemas com os instintos, para o outro do próprio ego, no seu sentimento de superioridade ou inferioridade. Um, portanto, extrovertido, e o outro introvertido. Jung também propôs que se poderia agrupar as pessoas de acordo com o seu maior desenvolvimento em uma das quatro funções psicológicas: pensamento, sentimento, sensação, ou intuição. Transformações de libido de uma esfera de expressão para outra - por exemplo, de sexualidade para religião - são realizadas por símbolos que são gerados durante a mudança de personalidade.

A psicologia junguiana também merece outro destaque: o processo de individuação. Conforme Nise da Silveira (2006) todo ser tende a realizar o que existe nele, em germe, a crescer, a completar-se. Assim é para a semente do vegetal e para o embrião do animal. Assim é para o homem, embora o desenvolvimento de suas potencialidades seja impulsionado por forças instintivas inconscientes, isso adquire um caráter peculiar: o homem é capaz de tomar consciência desse desenvolvimento e de influenciá-lo. Precisamente no confronto do inconsciente com o consciente, no conflito como na colaboração entre ambos é que os diversos componentes da personalidade amadurecem e unem-se numa síntese, na realização de um indivíduo específico e inteiro. Essa confrontação "é o velho jogo do martelo e da bigorna: entre os dois, o homem, como o ferro, é forjado num todo indestrutível, num indivíduo. Isso, em termos toscos, é o que eu entendo por processo de individuação" (Jung).

O processo de individuação não consiste num desenvolvimento linear. É um movimento de circunvolução que conduz a um novo centro psíquico. Jung denominou esse centro de Self (si mesmo). Quando consciente e inconsciente vêm ordenar-se em torno do Self, a personalidade completa-se. O Self será o centro da personalidade total, como o ego é o centro do campo do consciente. O conceito junguiano de individuação tem sido muitas vezes deturpado. Entretanto é claro e simples na sua essência: tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas. Mas, de fato, a psique humana é tão complexa, são de tal modo intrincados os componentes em jogo, tão variáveis as intervenções do ego consciente, tantas as vicissitudes que podem ocorrer, que o processo de totalização da personalidade não poderia jamais ser um caminho reto e curto de chão bem batido. Ao contrário, será um percurso longo e difícil.

A psique objetiva

Jung percebeu que a compreensão da criação de símbolos era crucial para o entendimento da natureza humana. Ele então explorou as correspondências entre os símbolos que surgem nas lutas da vida dos indivíduos e as imagens simbólicas religiosas subjacentes, sistemas mitológicos, e mágicos de muitas culturas e eras. Graças à forte impressão que lhe causou as muitas notáveis semelhanças dos símbolos, apesar de sua origem independente nas pessoas e nas culturas (muitos sonhos e desenhos de seus pacientes de variadas nacionalidades exprimiam temas mitológicos longínquos), foi que ele sugeriu a existência de duas camadas da psique inconsciente: a pessoal e a coletiva. O inconsciente pessoal inclui conteúdos mentais adquiridos durante a vida do indivíduo que foram esquecidos ou reprimidos, enquanto que o inconsciente coletivo é uma estrutura herdada comum a toda a humanidade composta dos arquétipos - predisposições inatas para experimentar e simbolizar situações humanas universais de diferentes maneiras. Há arquétipos que correspondem a várias situações, tais como as relações com os pais, o casamento, o nascimento dos filhos, o confronto com a morte. Uma elaboração altamente derivada destes arquétipos povoa todos os grandes sistemas mitológicos e religiosos do mundo.

Na qualidade de cientista altamente desapegado e desconfiado do favorecimento que se dá a certas verdades, para ele materialismo e ciência não eram sinônimos. O materialismo não passa o culto a um deus exteriormente concreto por meio da razão, um tipo de fé nos princípios limitadores das leis físicas. "A razão nos impõe limites muito estreitos e apenas nos convida a viver o conhecido". Para sermos realmente justos, convém recebermos igualmente os aspectos racionais e irracionais da vida.

Jung conheceu aspectos da Teoria da Relatividade e da Física Quântica, especialmente o Princípio da Incerteza, da Complementaridade e da Não-Localidade, por intermédio principalmente dos físicos Wolfgang Pauli e Albert Einstein, e foi informado das pesquisas em parapsicologia de Joseph Banks Rhine, na Univeridade de Duke. Isso, associado a experiências pessoais e de seus pacientes, o levou a sugerir que as camadas mais profundas do inconsciente independem das leis de espaço, tempo e causalidade, produzindo fenômenos paranormais como a clarividência e a precognição, que também deveriam ser estudados pela psicologia. A estas correspondências entre acontecimentos interiores e exteriores, por meio de um significado comum, ele deu o nome de sincronicidade, que é estudada hoje também no contexto da linha de pesquisa Física e Psicologia. Muitos fatos ocorridos enquanto tratava seus clientes o fizeram crer que os acontecimentos se dispunham "de tal modo, como se fossem o sonho de uma 'consciência maior e mais abrangente, por nós desconhecida'" (Obras Completas Vol. VIII, p. 450).

Sincronicidade

O termo sincronicidade é uma tentativa de encontrar formas de explicação racional para fenômenos que a ciência de então não alcançava, tais como os referidos acima, fenômenos não causais que não podem ser explicados pela razão, porém são significativos para o indivíduo que os experimenta. Para uma abordagem sobre a construção do conceito veja-se Capriotti, Leticia. Jung e sincronicidade: a construção do conceito. Para uma explanação sintética e didática de sincronicidade, veja-se Capriotti, Leticia. Jung e sincronicidade: o conceito e suas armadilhas.)

A construção do conceito de sincronicidade surgiu da leitura que Jung fez de um grande número de obras sobre alquimia e o pensamento renascentista. Jung chegou a possuir grande quantidade de textos alquímicos originais, que o levaram também a usar a expressão *Unus Mundus* em sua autobiografia, e a idéia de *Anima Mundi*.

Uma interessante análise da contribuição da psicologia profunda de Freud – Jung para a formação do pensamento ocidental, mostrando como Jung tinha preocupações epistemológicas rigorosas pode ser vista em Tarnas. Em função disso, tais fenômenos puderam ser examinados, mas apenas como algo psicológico, e não propriamente da natureza, resultando em algumas distorções interpretativas, em inúmeros sentidos.

A crítica de Richard Tarnas é pertinente, pois embora Jung ressalte a importância da religiosidade como qualidade intrínseca do ser humano, sua teoria apenas valida a experiência religiosa como fenômeno psicológico, uma posição paradoxalmente reducionista, que nega a compatibilidade entre razão e experiência espiritual. Nessa linha, considerou insubstancial o movimento esotérico moderno, como a teosofia e a antroposofia. Veja em Jung e Teosofia

A partir da contribuição de Jung, vários desenvolvimentos em diferentes áreas do conhecimento têm ampliado a compreensão da relação entre os processos psíquicos e o mundo exterior. O conceito de inconsciente coletivo, por exemplo, encontra ecos na física do holomovimento de Bohm, na ecopedagogia de Capra, na transdisciplinaridade de Rocha Filho, na alma do mundo de Goswami, nos campos morfogenéticos de Sheldrake, na psicologia profunda e na ecopsicologia norte-americana.

Imagens do inconsciente

No Brasil, Jung teve uma conhecida aluna, a Dra. Nise da Silveira, fundadora do Museu de Imagens do Inconsciente. Ela escreveu, dentre outros, o livro “Jung: vida e obra”, publicado em primeira edição em 1968.

Jung - Uma resposta ao nosso tempo

Na terapia junguiana, que explora extensivamente os sonhos e fantasias, um diálogo é estabelecido entre a mente consciente e os conteúdos do inconsciente. A doença psíquica é tida como uma consequência da separação rígida entre elas. Os pacientes são orientados a ficarem atentos aos significados pessoal e coletivo (arquétipo) inerente aos seus sintomas e dificuldades. Sob condições favoráveis eles poderão ingressar no processo de individuação: uma longa série de transformações psicológicas que culminam na integração de tendências e funções opostas, e na realização da totalidade. Jung trilhou a individuação, pois havia a necessidade imperiosa nele de ir ao inferno e voltar para poder mostrar o caminho da volta àqueles que ficaram perdidos pelo caminho da vida. Tornou-se ele uma resposta sincera e corajosa ao nosso tempo. "Sou eu próprio uma questão colocada ao mundo e devo fornecer minha resposta; caso contrário, estarei reduzido à resposta que o mundo me der".

Infelizmente, tanto Jung quanto outros cientistas, pararam às portas do mundo espiritual. Talvez tivessem pensado demais no prestígio que perderiam nas Academias e Universidades...

2.2 – JOANNA DE ÂNGELIS

Vê-se em http://pt.wikipedia.org/wiki/Joanna_de_Ângelis:

Joanna de Ângelis é a guia espiritual do médium espírita brasileiro Divaldo Franco, entidade à qual é atribuída a autoria da maior parte das suas obras psicografadas.

A obra mediúnica de Joanna de Ângelis é composta por dezenas de livros, muitos deles traduzidos para diversos idiomas, versando sobre temas existenciais, filosóficos, religiosos, psicológicos e transcendentais.

Dentre as suas obras destacam-se as da Série Psicológica, composta por mais de uma dezena de livros, nos quais a entidade estabelece uma ponte entre a Doutrina Espírita e as modernas correntes da Psicologia, em especial a transpessoal e junguiana.

Segundo Divaldo Franco, em sua primeira manifestação, a 5 de dezembro de 1945, Joanna de Ângelis se apresentou com o epíteto "um Espírito amigo", que por muitos anos teria sido um pseudônimo utilizado por ela.

Na obra A veneranda Joanna de Ângelis (Salvador: LEAL, 1987), os autores Celeste Santos e Divaldo Franco defendem que esse Espírito teria sido, em uma de suas encarnações, Joana de Cusa - uma das

mulheres que acompanhavam Jesus no momento da crucificação. (Vide também: Boa Nova - Humberto de Campos/Chico Xavier, FEB)

Atribuem-se ainda a ela as seguintes personalidades históricas:

- *Santa Clara de Assis (1194-1253) que viveu no século XIII, seguidora de São Francisco de Assis e fundadora da Ordem das Clarissas (obs: ainda sem confirmação).*
- *Juana Inés de La Cruz (1651-1695) (pseudônimo religioso da poetisa mexicana Juana de Asbaje, que viveu durante o século XVII).*
- *Joanna Angélica de Jesus (1761-1822), também sóror e depois abadessa que viveu no início do século XIX e protagonizou doloroso drama na Independência da Bahia.*

Dentre os livros psicografados por Divaldo que trazem a assinatura de Joanna de Ângelis, sobressaem:

- *Dimensões da Verdade - 1965 (conceitos evangélicos e doutrinários)*
- *Messe de Amor - 1964 (mensagens, dedicadas ao centenário de O Evangelho Segundo o Espiritismo)*
- *Leis Morais da Vida - 1976 (análises sobre as Leis Divinas)*

Da intitulada Série Psicológica

- *Jesus e a atualidade- 1989*
- *O homem integral- 1990*
- *Plenitude - 1991*
- *Momentos de Saúde - 1992*
- *O Ser Consciente- 1993*
- *Autodescobrimento - 1995*
- *Desperte e seja feliz- 1996*
- *Vida: Desafios e Soluções - 1997*
- *Amor, imbatível amor- 1998*
- *O Despertar do Espírito- 2000*
- *Jesus e o evangelho a luz da psicologia profunda- 2000*
- *Triunfo Pessoal - 2002*
- *" Conflitos Existenciais" - 2005*
- *" O Amor como Solução" - 2006*

- "Iluminação Interior" - 2006
- "Encontro com a paz e a Saúde" - 2007
- Em Busca da Verdade - 2009
- "Atitudes Renovadas" - 2009

Ressalta-se também a série momentos, com temas sobre alegria, meditação, saúde, felicidade entre outros.

2.3 – VISUALIZAÇÕES TERAPÊUTICAS

Divaldo Pereira Franco tem divulgado o tema principalmente em dois CDs sob esse título, onde apresenta exercícios para a implantação no inconsciente de novos paradigmas de conduta. Apesar de afirmar que não se filiam a nenhuma corrente religiosa, destacam a figura de Jesus, o que é salutar, uma vez que nenhum caminho realmente saudável deixa de passar pelo coração amoroso do Divino Mestre.

Não se trata de fanatismo valorizar Jesus, e sim o reconhecimento da verdade insofismável de que representa o Caminho, a Verdade e a Vida.

Infelizmente, o radicalismo e a mentalidade mercenária de alguns sacerdotes cristãos criou uma resistência muito grande contra o nome de Jesus. Até hoje pagamos por isso: reflexos da Inquisição e das Cruzadas...

Realmente, o inconsciente controla nossa vida muito mais do que pensamos, representando a massa de hábitos consolidados em milhares de milênios. Com as visualizações terapêuticas passamos a injetar no inconsciente “arquivos” novos, saudáveis.

2.4 – PSICANÁLISE COM JESUS

A Psicanálise é salutar quando bem conduzida, representando uma forma de aperfeiçoar nosso inconsciente,

inserindo nele dados mais saudáveis do que muitos que ali arquivamos nas nossas múltiplas andanças desta e de outras vidas.

Se o psicanalista é bem orientado, seus pacientes são levados a um estilo de vida melhor. Caso contrário, confundem-se as idiossincrasias do paciente e do psicoterapeuta.

Ninguém melhor do que Jesus para analisar as dificuldades ético-morais e dar-lhes solução.

Através das visualizações terapêuticas, por exemplo, esses tratamentos podem ser realizados, o mesmo sendo possível através da meditação e da oração.

3 – OBSESSÃO

Allan Kardec foi o primeiro a abordar o assunto racionalmente, sem as cores do terror tão do agrado das religiões tradicionalistas. O Livro dos Médiuns é uma das obras básicas a respeito.

Obsessão é a influência negativa de espíritos desencarnados mal intencionados sobre algum encarnado.

Algumas religiões consideram esses desencarnados como seres essencialmente maldosos, enquanto que a Doutrina Espírita cuida deles como seres temporariamente equivocados, mas que seguirão, como todos, o caminho do progresso rumo a Deus. Portanto, trata-se de uma forma totalmente diferente de entender os obsessores.

Todas as pessoas têm, querendo ou não, algum desafeto. Esses podem se tornar seus obsessores, que, se há sintonia por algum defeito moral, costumam influenciar os encarnados para a prática de atitudes prejudiciais.

Na literatura espírita há muitos livros que retratam casos de obsessão, merecendo destaque os psicografados por Chico Xavier.

3.1 – OBSESSORES DE JESUS

É muito conhecida a passagem bíblica em que Jesus é “tentado” por um espírito obsessor, que procura dissuadí-lo da Sua Missão. Eis aí um exemplo do que sói acontecer com cada um de nós.

A diferença é que Jesus, como Ser que alcançou a Perfeição, é insuscetível de interesse por qualquer objetivo que não realizar o Bem, enquanto que nós estamos ainda a meio na caminhada evolutiva.

CONCLUSÕES

- 1) Todos os seres humanos vivem num oceano de pensamentos, que cruzam o Universo em todas as direções, emitindo e assimilando as ondas mentais que lhes são afins.
- 2) Devemos sintonizar com as correntes do Bem, pois, se “a sementeira é espontânea, a colheita é obrigatória”.
- 3) Nunca é tarde para mudar de rumo, sendo ferramentas úteis as visualizações terapêuticas, a meditação e a oração, aliadas às boas ações, trabalho honesto e estudo.

JESUS SEGUNDO OS ESPÍRITAS

Luiz Guilherme Marques

2.011

*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.
Ninguém vai ao Pai a não ser por Mim.
(Jesus Cristo)*

DEDICATÓRIA

- à minha esposa Terezinha e minhas filhas Jaqueline e Tereza

ÍNDICE

Introdução

1– Obras da codificação kardequiana

2 – A caminho da luz

3 – Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho

4 – A grande espera

5 – Há 2.000 anos

6 – A grande síntese, de Pietro Ubaldi

7 – O verdadeiro retrato de Jesus

8 – A coleção de Amélia Rodrigues

9 – Retrato falado de Jesus

10 – Visualizações terapêuticas

Conclusões

INTRODUÇÃO

O Cristianismo teve um grande impulso, expandindo-se além de Israel, graças principalmente a Paulo de Tarso, que o divulgou por várias regiões, onde fundou grupos cristãos. Suas Epístolas retratam um tanto desse trabalho doutrinário.

Com as relativas facilidades de comunicação entre as regiões colonizadas por Roma, o Cristianismo difundiu-se rapidamente, chegando a influenciar até muitos romanos, normalmente avessos à religiosidade à moda judaica, sendo

politeístas, enquanto que os judeus já tinham conquistado um grande progresso nessa área, graças aos esforços de Moisés e dos profetas do Judaísmo.

Relativamente poucos judeus tornaram-se cristãos, permanecendo fiéis ao Judaísmo até hoje.

A maioria dos cristãos era remanescente do Paganismo, sendo politeístas. Inconscientemente, trouxeram para o nascente Cristianismo seus atavismos, resultando, quando da conversão do imperador Constantino, na adoção de muitas tradições do Paganismo: culto de imagens, consagração de classe sacerdotal como representante da Divindade, prática de cultos exteriores, contribuições mais ou menos obrigatórias dos adeptos para o sustento da classe sacerdotal etc. etc.

Assim, Jesus, de homem desapegado totalmente das coisas materiais, passou a ser tratado como rei, imitando-se os monarcas terrenos, distantes do povo e ávidos da adoração dos súditos.

Distorções graves se impuseram à figura psicológica do Divino Mestre, amigo de todos e Organizador de todos os surtos evolutivos do nosso planeta.

O Cristianismo, graças às interferências dolosas ou inconscientes de muitos dos seus sacerdotes, fez-se uma pálida imagem do Evangelho de Jesus, em grande parte graças aos fomentadores das Cruzadas, que provocaram a animosidade dos maometanos, e aos implantadores da Inquisição, que atizou a aversão dos livre-pensadores, contribuindo para o materialismo, que espocou a partir do século XIX, e o surgimento do Protestantismo, hoje fortíssimo, com a multiplicação das Seitas e Religiões Evangélicas.

Nesse tumulto de disputa pela dominação religiosa dos povos, a concepção de Jesus variou do fanatismo ignaro de uns à total descrença de outros.

Somente com o advento do Espiritismo, principalmente graças aos esforços de Allan Kardec (1804 – 1869) e Francisco Cândido Xavier (1910 – 2002), passou-se a ter de Jesus uma idéia clara do que Ele sempre foi: o Divino Governador da Terra, que a criou materialmente e se responsabiliza perante Deus pela evolução de todos os seres que aqui habitam, desde os vírus e bactérias até os homens e mulheres mais adiantados.

Este estudo pretende abordar a figura do Jesus verdadeiro, real, presente na vida da nossa humanidade desde o início da elaboração do nosso planeta.

Agradeço a Deus a oportunidade de realizar este trabalho, que desejo passa ser útil aos Prezados Leitores.

O Autor

1– OBRAS DA CODIFICAÇÃO KARDEQUIANA

O Pentateuco Kardequiano (O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, A Gênese e o Céu e o Inferno) aliado às obras kardequianas complementares (A Obsessão, Catálogo Racional para a Criação de uma Biblioteca Espírita, Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas, O Espiritismo em sua mais Simples Expressão, O que é o Espiritismo, Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas, Revista Espírita, e Viagem Espírita em 1862), forma a base da Doutrina Espírita.

É evidente que Kardec não pôde aprofundar todas as questões que abordou em parceria com os espíritos orientadores, comandados pelo próprio Jesus, supervisor dos escritos do codificador.

Importantes as obras de Léon Denis e outros filósofos e cientistas contemporâneos da Kardec, que os espíritas devem ler.

Posteriormente, surgiram outros luminares, que desdobraram as lições sintéticas da fase inicial, destacando-se Francisco Cândido Xavier, principalmente através das obras

ditadas por Emmanuel e André Luiz, o primeiro mais voltado para os estudos evangélicos e o segundo para a área científica.

Merecem lugar de destaque igualmente as revelações sobre o mundo espiritual efetuadas pelas obras de André Luiz através de Chico Xavier, as da médium Yvonne do Amaral Pereira e as de Inácio Ferreira, através do médium Carlos A. Baccelli.

Hermínio C. Miranda retrata em vários de seus livros os diálogos que manteve com espíritos desencarnados, sendo conveniente sua leitura.

O médium Divaldo Pereira Franco psicografou a famosa Série Psicológica de Joanna de Ângelis, onde ela traça um paralelo entre a Psicologia de Jung e dos Humanistas e a Doutrina Espírita.

A menção aos autores e médiuns acima se fez sumária simplesmente por uma questão de impossibilidade de citar todos aqueles que têm trabalhado amorosamente sob o comando de Jesus para o progresso da nossa humanidade.

2- A CAMINHO DA LUZ

Trata-se de uma obra de Emmanuel, psicografada por Francisco Cândido Xavier, que retrata a marcha da humanidade terrena, desde a criação do planeta por Jesus e Seus assessores até o período que antecedeu a 2ª Guerra Mundial.

A leitura desse livro se faz imprescindível a todos os espíritas, para que conheçam quem é realmente Jesus e como Ele atua seguramente na condução dos nossos destinos em termos coletivos.

Nada foge ao Seu controle consciente e tudo se faz em prol da evolução da nossa humanidade.

Daí surge uma fé inquebrantável em Deus, que, através do Divino Governador da Terra, dirige nossos destinos.

Com essa leitura deixa-se de lado a desinformação, que desemboca no fanatismo ou na descrença, ambas muito perniciosas para os seres humanos.

Segue, abaixo, o início da obra:

I

A Gênese planetária

A COMUNIDADE DOS ESPÍRITOS PUROS

Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias.

Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção.

A CIÊNCIA DE TODOS OS TEMPOS

Não é nosso propósito trazer à consideração dos estudiosos uma nova teoria da formação do mundo. A Ciência de todos os séculos está cheia de apóstolos e missionários. Todos eles foram inspirados ao seu tempo, refletindo a claridade das Alturas, que as experiências do Infinito lhes imprimiram na memória espiritual, e exteriorizando os defeitos e concepções da época em que viveram, na feição humana de sua personalidade.

Na sua condição de operários do progresso universal, foram portadores de revelações gradativas, no domínio dos conhecimentos superiores da Humanidade. Inspirados de Deus nos penosos esforços da verdadeira civilização, as suas idéias e trabalhos merecem o respeito de todas as gerações da Terra, ainda que as novas expressões evolutivas do plano cultural das sociedades mundanas tenham sido obrigadas a proscrever as suas teorias e antigas fórmulas.

Lembrando-nos, porém, mais detidamente, de quantos souberam receber a intuição da realidade nas perquirições do Infinito, busquemos recordar o globo terráqueo nos seus primeiros dias.

OS PRIMEIROS TEMPOS DO ORBE TERRESTRE

Que força sobre-humana pôde manter o equilíbrio da nebulosa terrestre, destacada do núcleo central do sistema, conferindo-lhe um conjunto de leis matemáticas, dentro das quais se iam manifestar todos os fenômenos inteligentes e harmônicos de sua vida, por milênios de

milênios? Distanto do Sol cerca de 149.600.000 quilômetros e deslocando-se no espaço com a velocidade diária de 2.500.000 quilômetros, em torno do grande astro do dia, imaginemos a sua composição nos primeiros tempos de existência, como planeta.

Laboratório de matérias ignescentes, o conflito das forças telúricas e das energias físico-químicas opera as grandiosas construções do teatro da vida, no imenso cadinho onde a temperatura se eleva, por vezes, a 2.000 graus de calor, como se a matéria colocada num forno, incandescente, estivesse sendo submetida aos mais diversos ensaios, para examinar-se a sua qualidade e possibilidades na edificação da nova escola dos seres. As descargas elétricas, em proporções jamais vistas da Humanidade, despertam estranhas comoções no grande organismo planetário, cuja formação se processa nas oficinas do Infinito.

A CRIAÇÃO DA LUA

Nessa computação de valores cósmicos em que laboram os operários da espiritualidade sob a orientação misericordiosa do Cristo, delibera-se a formação do satélite terrestre.

O programa de trabalhos a realizar-se no mundo requeria o concurso da Lua, nos seus mais íntimos detalhes. Ela seria a âncora do equilíbrio terrestre nos movimentos de translação que o globo efetuará em torno da sede do sistema; o manancial de forças ordenadoras da estabilidade planetária e, sobretudo, o orbe nascente necessitaria da sua luz polarizada, cujo suave magnetismo atuaria decisivamente no drama infinito da criação e da reprodução de todas as espécies, nos variados remos da Natureza.

A SOLIDIFICAÇÃO DA MATÉRIA

Na grande oficina surge, então, a diferenciação da matéria ponderável, dando origem ao hidrogênio.

As vastidões atmosféricas são amplo repositório de energias elétricas e de vapores que trabalham as substâncias torturadas no orbe terrestre. O frio dos espaços atua, porém, sobre esse laboratório de energias incandescentes e a condensação dos metais verifica-se com a leve formação da crosta solidificada.

É o primeiro descanso das tumultuosas comoções geológicas do globo. Formam-se os primitivos oceanos, onde a água tépida sofre pressão difícil de descrever-se. A atmosfera está carregada de vapores aquosos e as grandes tempestades varrem, em todas as direções, a superfície do planeta, mas sobre a Terra o caos fica dominado como por encanto. As paisagens aclaram-se, fixando a luz solar que se projeta nesse novo teatro de evolução e vida.

As mãos de Jesus haviam descansado, após o longo período de confusão dos elementos físicos da organização planetária.

O DIVINO ESCULTOR

Sim, Ele havia vencido todos os pavores das energias desencadeadas; com as suas legiões de trabalhadores divinos, lançou o escopro da sua misericórdia sobre o bloco de matéria informe, que a Sabedoria do Pai deslocara do Sol para as suas mãos augustas e compassivas. Operou

a escultura geológica do orbe terreno, talhando a escola abençoada e grandiosa, na qual o seu coração haveria de expandir-se em amor, claridade e justiça. Com os seus exércitos de trabalhadores devotados, estatuiu os regulamentos dos fenômenos físicos da Terra, organizando-lhes o equilíbrio futuro na base dos corpos simples de matéria, cuja unidade substancial os espectroscópios terrenos puderam identificar por toda a parte no universo galáxico. Organizou o cenário da vida, criando, sob as vistas de Deus, o indispensável à existência dos seres do porvir. Fez a pressão atmosférica adequada ao homem, antecipando-se ao seu nascimento no mundo, no curso dos milênios; estabeleceu os grandes centros de força da ionosfera e da estratosfera, onde se harmonizam os fenômenos elétricos da existência planetária, e edificou as usinas de ozônio a 40 e 60 quilômetros de altitude, para que filtrassem convenientemente os raios solares, manipulando-lhes a composição precisa à manutenção da vida organizada no orbe. Definiu todas as linhas de progresso da humanidade futura, engendrando a harmonia de todas as forças físicas que presidem ao ciclo das atividades planetárias.

O VERBO NA CRIAÇÃO TERRESTRE

A ciência do mundo não lhe viu as mãos augustas e sábias na intimidade das energias que vitalizam o organismo do Globo. Substituíram-lhe a providência com a palavra "natureza", em todos os seus estudos e análises da existência, mas o seu amor foi o Verbo da criação do princípio, como é e será a coroa gloriosa dos seres terrestres na imortalidade sem fim.

E quando serenaram os elementos do mundo nascente, quando a luz do Sol beijava, em silêncio, a beleza melancólica dos continentes e dos mares primitivos, Jesus reuniu nas Alturas os intérpretes divinos do seu pensamento. Viu-se, então, descer sobre a Terra, das amplidões dos espaços ilimitados, uma nuvem de forças cósmicas, que envolveu o imenso laboratório planetário em repouso.

Daí a algum tempo, na crosta solidificada do planeta, como no fundo dos oceanos, podia-se observar a existência de um elemento viscoso que cobria toda a Terra.

Estavam dados os primeiros passos no caminho da vida organizada.

Com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens.

II

A vida organizada

AS CONSTRUÇÕES CELULARES

Sob a orientação misericordiosa e sábia do Cristo, laboravam na Terra numerosas assembléias de operários espirituais.

Como a engenharia moderna, que constrói um edifício prevendo os menores requisitos de sua finalidade, os artistas da espiritualidade edificavam o mundo das células iniciando, nos dias primeiros, a construção das formas organizadas e inteligentes dos séculos porvindouros.

O ideal da beleza foi a sua preocupação dos primeiros momentos, no que se referia às edificações celulares das origens.

É por isso que, em todos os tempos, a beleza, junto à ordem, constituiu um dos traços indelévels de toda a criação.

As formas de todos os reinos da natureza terrestre foram estudadas e previstas. Os fluidos da vida foram manipulados de modo a se adaptarem às condições físicas do planeta, encenando-se as construções celulares segundo as possibilidades do ambiente terrestre, tudo obedecendo a um plano preestabelecido pela misericordiosa sabedoria do Cristo, consideradas as leis do princípio e do desenvolvimento geral.

OS PRIMEIROS HABITANTES DA TERRA

Dizíamos que uma camada de matéria gelatinosa envolvia o orbe terreno em seus mais íntimos contornos. Essa matéria, amorfa e viscosa, era o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos.

Os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminóides, as amebas e todas as organizações unicelulares, isoladas e livres, que se multiplicam prodigiosamente na temperatura tépida dos oceanos.

Com o escoar incessante do tempo, esses seres primordiais se movem ao longo das águas, onde encontram o oxigênio necessário ao entretenimento da vida, elemento que a terra firme não possuía ainda em proporções de manter a existência animal, antes das grandes vegetações; esses seres rudimentares somente revelam um sentido - o do tato, que deu origem a todos os outros, em função de aperfeiçoamento dos organismos superiores.

A ELABORAÇÃO PACIENTE DAS FORMAS

Decorrido muito tempo, eis que as amebas primitivas se associam para a vida celular em comum, formando-se as colônias de infusórios, de polípeiros, em obediência aos planos da construção definitiva do porvir, emanados do mundo espiritual onde todo o progresso da Terra tem a sua gênese.

Os reinos vegetal e animal parecem confundidos nas profundidades oceânicas. Não existem formas definidas nem expressão individual nessas sociedades de infusórios; mas, desses conjuntos singulares, formam-se ensaios de vida que já apresentam caracteres e rudimentos dos organismos superiores.

Milhares de anos foram precisos aos operários de Jesus, nos serviços da elaboração paciente das formas.

A princípio, coordenam os elementos da nutrição e da conservação da existência. O coração e os brônquios são conquistados e, após eles, formam-se os pródromos celulares do sistema nervoso e dos órgãos da procriação, que se aperfeiçoam, definindo-se nos seres.

AS FORMAS INTERMEDIÁRIAS DA NATUREZA

A atmosfera está ainda saturada de umidade e vapores, e a terra sólida está coberta de lodo e pântanos inimagináveis.

Todavia, as derradeiras convulsões interiores do orbe localizam os calores centrais do planeta, restringindo a zona das influências telúricas necessárias à manutenção da vida animal.

Esses fenômenos geológicos estabelecem os contornos geográficos do globo, delineando os continentes e fixando a posição dos oceanos, surgindo, desse modo, as grandes extensões de terra firme, aptas a receber as sementes prolíficas da vida.

Os primeiros crustáceos terrestres são um prolongamento dos crustáceos marinhos. Seguindo-lhes as pegadas, aparecem os batráquios, que trocam as águas pelas regiões lodosas e firmes.

Nessa fase evolutiva do planeta, todo o globo se veste de vegetação luxuriante, prodigiosa, de cujas florestas opulentas e desmesuradas as minas carboníferas dos tempos modernos são os petrificados vestígios.

OS ENSAIOS ASSOMBROSOS

Nessa altura, os artistas da criação inauguram novos períodos evolutivos, no plano das formas.

A Natureza torna-se uma grande oficina de ensaios monstruosos.

Após os répteis, surgem os animais horrendos das eras primitivas.

Os trabalhadores do Cristo, como os alquimistas que estudam a combinação das substâncias, na retorta de acuradas observações, analisavam, igualmente, a combinação prodigiosa dos complexos celulares, cuja formação eles próprios haviam delineado, executando, com as suas experiências, uma justa aferição de valores, prevendo todas as possibilidades e necessidades do porvir.

Todas as arestas foram eliminadas. Aplainaram-se dificuldades e realizaram-se novas conquistas. A máquina celular foi aperfeiçoada, no limite do possível, em face das leis físicas do globo. Os tipos adequados à Terra foram consumados em todos os reinos da Natureza, eliminando-se os frutos teratológicos e estranhos, do laboratório de suas perseverantes experiências. A prova da intervenção das forças espirituais, nesse vasto campo de operações, é que, enquanto o escorpião, gêmeo dos crustáceos marinhos, conserva até hoje, de modo geral, a forma primitiva, os animais monstruosos das épocas remotas, que lhe foram posteriores, desapareceram para sempre da fauna terrestre, guardando os museus do mundo as interessantes reminiscências de suas formas atormentadas.

OS ANTEPASSADOS DO HOMEM

O reino animal experimenta as mais estranhas transições no período terciário, sob as influências do meio e em face dos imperativos da lei de seleção.

Mas, o nosso raciocínio ansioso procura os legítimos antepassados das criaturas humanas, nessa imensa vastidão do prosaetório da evolução anímica.

Onde está Adão com a sua queda do paraíso? Debalde nossos olhos procuram, aflitos, essas figuras legendárias, com o propósito de localizá-las no Espaço e no Tempo. Compreendemos, afinal, que Adão

e Eva constituem uma lembrança dos Espíritos degredados ria paisagem obscura da Terra, como Caim e Abel são dois símbolos para a personalidade das criaturas.

Examinada, porém, a questão nos seus prismas reais, vamos encontrar os primeiros antepassados do homem sofrendo os processos de aperfeiçoamento da Natureza. No período terciário a que nos reportamos, sob a orientação das esferas espirituais notavam-se algumas raças de antropóides, no Plioceno inferior. Esses antropóides, antepassados do homem terrestre, e os ascendentes dos símios que ainda existem no mundo, tiveram a sua evolução em pontos convergentes, e daí os parentescos sorológicos entre o organismo do homem moderno e o do chimpanzé da atualidade.

Reportando-nos, todavia, aos eminentes naturalistas dos últimos tempos, que examinaram meticulosamente os transcendentais assuntos do evolucionismo, somos compelidos a esclarecer que não houve propriamente uma "descida da árvore", no início da evolução humana.

As forças espirituais que dirigem os fenômenos terrestres, sob a orientação do Cristo, estabeleceram, na época da grande maleabilidade dos elementos materiais, uma linhagem definitiva para todas as espécies, dentro das quais o princípio espiritual encontraria o processo de seu acrisolamento, em marcha para a racionalidade.

Os peixes, os répteis, os mamíferos, tiveram suas linhagens fixas de desenvolvimento e o homem não escaparia a essa regra geral.

A GRANDE TRANSIÇÃO

Os antropóides das cavernas espalharam-se, então, aos grupos, pela superfície do globo, no curso vagaroso dos séculos, sofrendo as influências do meio e formando os pródromos das raças futuras em seus tipos diversificados; a realidade, porém, é que as entidades espirituais auxiliaram o homem do sílex, imprimindo-lhe novas expressões biológicas.

Extraordinárias experiências foram realizadas pelos mensageiros do invisível. As pesquisas recentes da Ciência sobre o tipo de Neanderthal, reconhecendo nele uma espécie de homem bestializado, e outras descobertas interessantes da Paleontologia, quanto ao homem fóssil, são um atestado dos experimentos biológicos a que procederam os prepostos de Jesus, até fixarem no "primata" os característicos aproximados do homem futuro.

Os séculos correram o seu velário de experiências penosas sobre a frente dessas criaturas de braços alongados e de pelos densos, até que um dia as hostes do invisível operaram uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente, dos homens primitivos, nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencarnações.

Surgem os primeiros selvagens de compleição melhorada, tendendo à elegância dos tempos do porvir.

Uma transformação visceral verificara-se na estrutura dos antepassados das raças humanas.

Como poderia operar-se semelhante transição? Perguntará o vosso critério científico.

Muito naturalmente.

Também as crianças têm os defeitos da infância corrigidos pelos pais, que as preparam em face da vida, sem que, na maioridade, elas se lembrem disso.

III

As raças adâmicas

O SISTEMA DE CAPELA

Nos mapas zodiacais, que os astrônomos terrestres compulsam em seus estudos, observa-se desenhada uma grande estrela na Constelação do Cocheiro, que recebeu, na Terra, o nome de Cabra ou Capela. Magnífico sol entre os astros que nos são mais vizinhos, ela, na sua trajetória pelo Infinito, faz-se acompanhar, igualmente, da sua família de mundos, cantando as glórias divinas do Ilimitado. A sua luz gasta cerca de 42 anos para chegar à face da Terra, considerando-se, desse modo, a regular distância existente entre a Capela e o nosso planeta, já que a luz percorre o espaço com a velocidade aproximada de 300.000 quilômetros por segundo.

Quase todos os mundos que lhe são dependentes já se purificaram física e moralmente, examinadas as condições de atraso moral da Terra, onde o homem se reconforta com as vísceras dos seus irmãos inferiores, como nas eras pré-históricas de sua existência, marcham uns contra os outros ao som de hinos guerreiros, desconhecendo os mais mezinhos princípios de fraternidade e pouco realizando em favor da extinção do egoísmo, da vaidade, do seu infeliz orgulho.

UM MUNDO EM TRANSIÇÕES

Há muitos milênios, um dos orbes da Capela, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos.

As lutas finais de um longo aperfeiçoamento estavam delineadas, como ora acontece convosco, relativamente às transições esperadas no século XX, neste crepúsculo de civilização.

Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação desaneamento geral os alijaria daquela humanidade, que fizera jus à concórdia perpétua, para a edificação dos seus elevados trabalhos. As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberaram, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração e impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores.

ESPÍRITOS EXILADOS NA TERRA

Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes.

Com a sua palavra sábia e compassiva, exortou essas almas desventuradas à edificação da consciência pelo cumprimento dos

deveres de solidariedade e de amor, no esforço regenerador de si mesmas.

Mostrou-lhes os campos imensos de luta que se desdobravam na Terra, envolvendo-as no halo bendito da sua misericórdia e da sua caridade sem limites. Abençoou-lhes as lágrimas santificadoras, fazendo-lhes sentir os sagrados triunfos do futuro e prometendo-lhes a sua colaboração cotidiana e a sua vinda no porvir.

Aqueles seres angustiados e aflitos, que deixavam atrás de si todo um mundo de afetos, não obstante os seus corações empedernidos na prática do mal, seriam degredados na face obscura do planeta terrestre; andariam desprezados na noite dos milênios da saudade e da amargura; reencarnariam no seio das raças ignorantes e primitivas, a lembrarem o paraíso perdido nos firmamentos distantes. Por muitos séculos não veriam a suave luz da Capela, mas trabalhariam na Terra acariciados por Jesus e confortados na sua imensa misericórdia.

FIXAÇÃO DOS CARACTERES RACIAIS

Com o auxílio desses Espíritos degredados, naquelas eras remotíssimas, as falanges do Cristo operavam ainda as últimas experiências sobre os fluidos renovadores da vida, aperfeiçoando os caracteres biológicos das raças humanas. A Natureza ainda era, para os trabalhadores da espiritualidade, um campo vasto de experiências infinitas; tanto assim que, se as observações do mendelismo fossem transferidas àqueles milênios distantes, não se encontraria nenhuma equação definitiva nos seus estudos de biologia. A moderna genética não poderia fixar, como hoje, as expressões dos "genes", porquanto, no laboratório das forças invisíveis, as células ainda sofriam longos processos de acrisolamento, imprimindo-se-lhes elementos de astralidade, consolidando-se-lhes as expressões definitivas, com vistas às organizações do porvir.

Se a gênese do planeta se processara com a cooperação dos milênios, a gênese das raças humanas requeria a contribuição do tempo, até que se abandonasse a penosa e longa tarefa da sua fixação.

ORIGEM DAS RAÇAS BRANCAS

Aquelas almas aflitas e atormentadas reencarnaram, proporcionalmente, nas regiões mais importantes, onde se haviam localizado as tribos e famílias primitivas, descendentes dos "primatas", a que nos referimos ainda há pouco. Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleciam-se fatores definitivos na história etnológica dos seres.

Um grande acontecimento se verificara no planeta É que, com essas entidades, nasceram no orbe os ascendentes das raças brancas.

Em sua maioria, estabeleceram-se na Ásia, de onde atravessaram o istmo de Suez para a África, na região do Egito, encaminhando-se igualmente para a longínqua Atlântida, de que várias regiões da América guardam assinalados vestígios.

Não obstante as lições recebidas da palavra sábia e mansa do Cristo, os homens brancos olvidaram os seus sagrados compromissos.

Grande percentagem daqueles Espíritos rebeldes, com muitas exceções, só puderam voltar ao país da luz e da verdade depois de muitos séculos de sofrimentos expiatórios; outros, porém, infelizes e retrógrados, permanecem ainda na Terra, nos dias que correm, contrariando a regra geral, em virtude do seu elevado passivo de débitos clamorosos.

QUATRO GRANDES POVOS

As raças adâmicas guardavam vaga lembrança da sua situação pregressa, tecendo o hino sagrado das reminiscências.

As tradições do paraíso perdido passaram de gerações a gerações, até que ficassem arquivadas nas páginas da Bíblia.

Aqueles seres decaídos e degradados, a maneira de suas vidas passadas no mundo distante da Capela, com o transcurso dos anos reuniram-se em quatro grandes grupos que se fixaram depois nos povos mais antigos, obedecendo às afinidades sentimentais e lingüísticas que os associavam na constelação do Cocheiro. Unidos, novamente, na esteira do Tempo, formaram desse modo o grupo dos árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia.

Dos árias descende a maioria dos povos brancos da família indoeuropéia nessa descendência, porém, é necessário incluir os latinos, os celtas e os gregos, além dos germanos e dos eslavos.

As quatro grandes massas de degradados formaram os pródromos de toda a organização das civilizações futuras, introduzindo os mais largos benefícios no seio da raça amarela e da raça negra, que já existiam.

É de grande interesse o estudo de sua movimentação no curso da História. Através dessa análise, é possível examinares os defeitos e virtudes que trouxeram do seu paraíso longínquo, bem como os antagonismos e idiosincrasias peculiares a cada qual.

AS PROMESSAS DO CRISTO

Tendo ouvido a palavra do Divino Mestre antes de se estabelecerem no mundo, as raças adâmicas, nos seus grupos insulados, guardaram a reminiscência das promessas do Cristo, que, por sua vez, as fortaleceu no seio das massas, enviando-lhes periodicamente os seus missionários e mensageiros.

Eis por que as epopéias do Evangelho foram previstas e cantadas alguns milênios antes da vinda do Sublime Emissário.

Os enviados do Infinito falaram, na China milenária, da celeste figura do Salvador, muitos séculos antes do advento de Jesus. Os iniciados do Egito esperavam-no com as suas profecias. Na Pérsia, idealizaram a sua trajetória, antevendo-lhe os passos nos caminhos do porvir; na Índia védica, era conhecida quase toda a história evangélica, que o sol dos milênios futuros iluminaria na região escabrosa da Palestina, e o povo de Israel, durante muitos séculos, cantou-lhe as glórias divinas, na exaltação do amor e da resignação, da piedade e do martírio, através da palavra de seus profetas mais eminentes.

Uma secreta intuição iluminava o espírito divinatório das massas populares.

Todos os povos O esperavam em seu seio acolhedor; todos O queriam, localizando em seus caminhos a sua expressão sublime e divinizada. Todavia, apesar de surgir um dia no mundo, como Alegria de todos os tristes e Providência de todos os infortunados, à sombra do trono de Jessé, o Filho de Deus em todas as circunstâncias seria o Verbo de Luz e de Amor do Princípio, cuja genealogia se confunde na poeira dos sóis que rolam no Infinito.

3 – BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PÁTRIA DO EVANGELHO

No final da Idade Média Jesus reuniu seus assessores mais importantes e determinou o deslocamento dos focos de progresso para o continente americano, ainda habitado apenas pelos indígenas.

Tal se fez porque a Europa tinha se demonstrado incapaz de superar os ódios ali enraizados em séculos de lutas sem fim.

Nesse livro se esclarecem as missões do Brasil e dos Estados Unidos, o primeiro como o coração e o segundo como o cérebro do planeta.

4 – A GRANDE ESPERA

Trata-se de uma importante obra, de Eurípedes Barsanulfo, psicografada por Corina Novelino, onde se relata a atuação de Jesus no período que antecedeu sua pregação pública. O Adolescente ali aparece aos nossos olhos como o Divino Mestre preparando o terreno para ali semear daí a alguns anos.

5 – HÁ 2.000 ANOS

Nesse livro maravilhoso, Emmanuel, através da pena de Chico Xavier, conta sua vida como contemporâneo de Jesus, relatando várias passagens da vida do Divino Mestre, inclusive seu inesquecível encontro com Ele.

Veja-se como ocorreu, nas palavras do próprio escritor:

Após haver percorrido uns trezentos metros de caminho, encontrou transeuntes e pescadores, que se recolhiam e o encaravam com mal disfarçada curiosidade.

Uma hora passou sobre as suas amargas cogitações íntimas.

Um velário imenso de sombras invadia toda a região, cheia de vitalidade e de perfumes.

Onde estaria o profeta de Nazaré naquele instante? Não seria uma ilusão a história dos seus milagres e da sua encantadora magia sobre as almas? Não seria um absurdo procurá-lo ao longo dos caminhos, abstraindo-se dos imperativos da hierarquia social? Em todo caso, deveria tratar-se de homem simples e ignorante, dada a sua preferência por Cafarnaum e pelos pescadores.

Dando curso às idéias que lhe fluíam da mente incendiada e abatida, Públio Lentulus considerou difícilíssima a hipótese do seu encontro com o mestre de Nazaré.

Como se entenderiam?

Não lhe interessara o conhecimento minucioso dos dialetos do povo e, certamente, Jesus lhe falaria no aramaico comumente usado na bacia de Tiberíades.

Profundas cismas entornavam-lhe do cérebro para o coração, como as sombras do crepúsculo que precediam a noite.

O céu, porém, àquela hora, era de um azul maravilhoso, enquanto as claridades opalinas do luar não haviam esperado o fechamento absoluto do leque imenso da noite.

O senador sentiu o coração perdido num abismo de cogitações infinitas, ouvindo-lhe o palpitar descompassado no peito oprimido.

Dolorosa emoção lhe compungia agora as fibras mais íntimas do espírito.

Apoiara-se, insensivelmente, num banco de pedras enfeitado de silvas, deixara-se ali ficar, sondando o ilimitado do pensamento.

Nunca experimentara sensação idêntica, senão no sonho memorável, relatado unicamente a Flamínio.

Recordava-se dos menores feitos da sua vida terrestre, afigurandose-lhe haver abandonado, temporariamente, o cárcere do corpo material.

Sentia profundo êxtase, diante da Natureza e das suas maravilhas, sem saber como expressar a admiração e reconhecimento aos poderes celestes, tal a clausura em que sempre mantivera o coração insubmisso e orgulhoso.

Das águas mansas do lago de Genesaré parecia-lhe emanarem suavíssimos perfumes, casando-se deliciosamente ao aroma agreste da folhagem.

Foi nesse instante que, com o espírito como se estivesse sob o império de estranho e suave magnetismo, ouviu passos brandos de alguém que buscava aquele sítio.

Diante de seus olhos ansiosos, estacara personalidade inconfundível e única. Tratava-se de um homem ainda moço, que deixava transparecer nos olhos, profundamente misericordiosos, uma beleza suave e

indefinível. Longos e sedosos cabelos molduravam-lhe o semblante compassivo, como se fossem fios castanhos, levemente dourados por luz desconhecida. Sorriso divino, revelando ao mesmo tempo bondade imensa e singular energia, irradiava da sua melancólica e majestosa figura uma fascinação irresistível.

Públio Lentulus não teve dificuldade em identificar aquela criatura impressionante, mas, no seu coração marulhavam ondas de sentimentos que, até então, lhe eram ignorados. Nem a sua apresentação a Tíbério, nas magnificências de Capri, lhe havia imprimido tal emotividade ao coração.

Lágrimas ardentes rolaram-lhe dos olhos, que raras vezes haviam chorado, e força misteriosa e invencível fê-lo ajoelhar-se na relva lavada em luar.

Desejou falar, mas tinha o peito sufocado e oprimido. Foi quando, então, num gesto de doce e soberana bondade, o meigo Nazareno caminhou para ele, qual visão concretizada de um dos deuses de suas antigas crenças, e, pousando carinhosamente a destra em sua fronte, exclamou em linguagem encantadora, que Públio entendeu perfeitamente, como se ouvisse o idioma patrício, dando-lhe a inesquecível impressão de que a palavra era de espírito para espírito, de coração para coração:

- Senador, por que me procuras? - e, espraiando o olhar profundo na paisagem, como se desejasse que a sua voz fosse ouvida por todos os homens do planeta, rematou com serena nobreza: - Fôra melhor que me procurasses publicamente e na hora mais clara do dia, para que pudesses adquirir, de uma só vez e para toda a vida, a lição sublime da fé e da humildade...

Mas, eu não vim ao mundo para derogar as leis supremas da Natureza e venho ao encontro do teu coração desfalecido!...

Públio Lentulus nada pôde exprimir, além das suas lágrimas copiosas, pensando amargamente na filhinha; mas o profeta, como se prescindisse das suas palavras articuladas, continuou:

- Sim... não venho buscar o homem de Estado, superficial e orgulhoso, que só os séculos de sofrimento podem encaminhar ao regaço de meu Pai; venho atender às súplicas de um coração desditoso e oprimido e, ainda assim, meu amigo, não é o teu sentimento que salva a filhinha leprosa e desvalida pela ciência do mundo, porque tens ainda a razão egoística e humana; é, sim, a fé e o amor de tua mulher, porque a fé é divina... Basta um raio só de suas energias poderosas para que se pulverizem todos os monumentos das vaidades da Terra...

Comovido e magnetizado, o senador considerou, intimamente, que seu espírito pairava numa atmosfera de sonho, tais as comoções desconhecidas e imprevistas que se lhe represavam no coração, querendo crer que os seus sentidos reais se achavam travados num jogo incompreensível de completa ilusão.

- Não, meu amigo, não estás sonhando... - exclamou meigo e enérgico o Mestre, adivinhando-lhe os pensamentos. - Depois de longos anos de

desvio do bom caminho, pelo sendal dos erros clamorosos, encontras, hoje, um ponto de referência para a regeneração de toda a tua vida.

Está, porém, no teu querer o aproveitá-lo agora, ou daqui a alguns milênios... Se o desdobramento da vida humana está subordinado às circunstâncias, és obrigado a considerar que elas existem de toda a natureza, cumprindo às criaturas a obrigação de exercitar o poder da vontade e do sentimento, buscando aproximar seus destinos das correntes do bem e do amor aos semelhantes.

Soa para teu espírito, neste momento, um minuto glorioso, se conseguires utilizar tua liberdade para que seja ele, em teu coração, doravante, um cântico de amor, de humildade e de fé, na hora indeterminável da redenção, dentro da eternidade...

Mas, ninguém poderá agir contra a tua própria consciência, se quiseres desprezar indefinidamente este minuto ditoso!

Pastor das almas humanas, desde a formação deste planeta, há muitos milênios venho procurando reunir as ovelhas tresmalhadas, tentando trazer-lhes ao coração as alegrias eternas do reinado de Deus e de sua justiça!

Públio fitou aquele homem extraordinário, cujo desassombro provocava admiração e espanto.

Humildade? que credenciais lhe apresentava o profeta para lhe falar assim, a ele senador do Império, revestido de todos os poderes diante de um vassalo?

Num minuto, lembrou a cidade dos césores, coberta de triunfos e glórias, cujos monumentos e poderes acreditava, naquele momento, fossem imortais.

- Todos os poderes do teu império são bem fracos e todas as suas riquezas bem miseráveis.

As magnificências dos césores são ilusões efêmeras de um dia, porque todos os sábios, como todos os guerreiros, são chamados no momento oportuno aos tribunais da justiça de meu Pai que está no Céu.

Um dia, deixarão de existir as suas águias poderosas, sob um punhado de cinzas misérrimas. Suas ciências se transformarão ao sopro dos esforços de outros trabalhadores mais dignos do progresso, suas leis iníquas serão tragadas no abismo tenebroso destes séculos de impiedade, porque só uma lei existe e sobreviverá aos escombros da inquietação do homem – a lei do amor, instituída por meu Pai, desde o princípio da criação...

Agora, volta ao lar, consciente das responsabilidades do teu destino...

Se a fé instituiu na tua casa o que consideras a alegria com o restabelecimento de tua filha, não te esqueças que isso representa umagravo de deveres para o teu coração, diante de nosso Pai, Todo-Poderoso!...

O senador quis falar, mas a voz tornara-se-lhe embargada de comoção e de profundos sentimentos.

Desejou retirar-se, porém, nesse momento, notou que o profeta de Nazaré se transfigurava, de olhos fitos no céu...

Aquele sítio deveria ser um santuário de suas meditações e de suas preces, no coração perfumado da Natureza, porque Públio adivinhou que ele orava intensamente, observando que lágrimas copiosas lhe lavavam o rosto, banhado então por uma claridade branda, evidenciando a sua beleza serena e indefinível melancolia..

Nesse instante, contudo, suave torpor paralisou as faculdades de observação do patrício, que se aquietou estarecido.

Deviam ser vinte e uma horas, quando o senador sentiu que despertava.

Leve aragem acariciava-lhe os cabelos e a Lua entornava seus raios argênteos no espelho carinhoso e imenso das águas.

Guardando na memória os mínimos pormenores daquele minutoinesquecível, Públio sentiu-se humilhado e diminuído, em face da fraqueza de que dera testemunho diante daquele homem extraordinário.

Uma torrente de idéias antagônicas represava-se-lhe no cérebro, acerca de suas admoestações e daquelas palavras agora arquivadas para sempre no âmago da sua consciência.

Também Roma não possuía os seus feiticeiros? Buscou rememorar todos os dramas misteriosos da cidade distante, com as suas figuras impressionantes e incompreensíveis.

Não seria aquele homem uma cópia fiel dos magos e adivinhos que preocupavam igualmente a sociedade romana?

Deveria ele, então, abandonar as suas mais caras tradições de pátria e família para tornar-se um homem humilde e irmão de todas as criaturas?

Sorria consigo mesmo, na sua presumida superioridade, examinando a inanidade daquelas exortações que considerava desprezíveis. Entretanto, subiam-lhe do coração ao cérebro outros apelos comovedores. Não falara o profeta da oportunidade única e maravilhosa? Não prometera, com firmeza, a cura da filhinha à conta da fé ardente de Lívia?

Mergulhado nessas cogitações íntimas, abriu cautelosamente a porta da residência, encaminhando-se ansioso ao quarto da enferma e, oh! suave milagre! a filhinha repousava nos braços de Lívia, com absoluta serenidade.

Sobre-humana e desconhecida força mitigara-lhe os padecimentos atrozes, porque seus olhos deixavam entrever uma doce satisfação infantil, iluminando-lhe o semblante risonho. Lívia contou-lhe, então, cheia de júbilo maternal, que, em dado momento, a pequenina dissera experimentar na frente o contacto de mãos carinhosas, sentando-se em seguida no leito, como se uma energia misteriosa lhe vitalizasse o organismo de maneira imprevista. Alimentara-se, a febre desaparecera contra todas as expectativas; ela já revelava atitudes de convalescente palestrando com a mãezinha, com a graça espontânea da sua meninice.

(<http://www.allankardec.ca/books/ha-2000-anos.pdf>)

6 – A GRANDE SÍNTESE, DE PIETRO UBALDI

Trata-se de uma obra ditada pelo próprio Jesus, através da mediunidade de Ubaldi.

Sua leitura exige uma acentuada cultura geral, uma vez que visa a debater com os cérebros enferrujados pelo materialismo as grandes questões que importam ao ser humano: usa a racionalidade estrita para convencer aqueles que só acreditam na razão.

Eis as primeiras palavras do Divino Autor:

Em outro lugar e de outra forma, falei especialmente ao coração, usando linguagem simples, adaptada aos humildes e aos justos que sabem chorar e crer. Aqui falo à inteligência, à razão cética, à ciência sem fé, a fim de vencê-la, superando-a com suas próprias armas. A palavra doce que atrai e arrasta, porque comove, foi dita. Indico-vos agora a mesma meta, mas por outros caminhos, feitos de ousadias e potência de pensamento, pois quem pede isso não saberia ver de outra forma, por faltar-lhe a fé ou incapacidade de orientação para compreender.

O pensamento humano avança. Cada século, cada povo segue um conceito de acordo com o desenvolvimento que obedece a leis a que estais submetidos. Em qualquer campo, a nova idéia vem sempre do Alto e é intuída pelo gênio. Depois, dela vos apoderais, a observais, a decompodes, a viveis, passando, então, à vossa vida e às leis. Assim, desce a idéia e, quando se fixa na matéria, já esgotou seu ciclo, já aproveitastes todo seu suco e a jogais fora para absorverdes, em vossa alma individual e coletiva novo sopro divino.

Vosso século possuiu e desenvolveu uma idéia toda própria que os séculos precedentes não viam, pois estavam atentos em receber e desenvolver outras. Vossa idéia foi a ciência, com que acreditastes descobrir o absoluto, embora essa também seja uma idéia relativa que, esgotado seu ciclo, passa; eu venho falar-vos exatamente porque ela está passando.

Vossa ciência lançou-se num beco escuro, sem saída, onde vossa mente não tem amanhã. Que vos deu o último século? Máquinas como jamais o mundo as teve (mas que, no entanto, são apenas máquinas) e, em compensação, ressecou vossa alma. Essa ciência passou como um furacão destruidor de toda a fé e vos impõe, com a máscara do ceticismo, um rosto sem alma. Sorris despreocupados, mas vosso espírito morre de tédio e ouvem-se gritos dilacerantes. Até vossa própria ciência é uma espécie de desespero metódico, fatal, sem mais esperanças. Terá ela resolvido o problema da dor? Que uso sabe fazer dos poderosos meios que lhe deram os segredos arrancados da

natureza? Em vossas mãos, o saber e a força transformam-se sempre em meios de destruição.

Para que serve, então, o saber, se ao invés de impulsionar-vos para o Alto, tornando-vos melhores, para vós se torna instrumento de perdição? Não riais, ó cétricos, que julgais ter resolvido tudo, porque sufocastes o grito de vossa alma que anseia por subir! A dor vos persegue e vos encontrará em qualquer lugar. Sois crianças que julgais evitar o perigo escondendo a cabeça e fechando os olhos, mas existe uma Lei, invisível para vós, todavia mais forte que a rocha, mais poderosa que o furacão, que caminha inexorável movimentando tudo, animando tudo; essa Lei é Deus. Ela está dentro de vós, vossa vida é uma exteriorização dela e derramará sobre vós alegria ou dor, de acordo com a justiça, como o merecerdes. Eis a síntese que vossa ciência, perdida nos infinitos pormenores da análise, jamais poderá reconstituir. Eis a visão unitária, a concepção apocalíptica que venho trazer-vos.

Para que me possa fazer compreender, é mister que fale de acordo com vossa mentalidade e me coloque no momento psicológico que vosso século está vivendo. É indispensável que eu parta justamente dos postulados da vossa ciência, para dar-lhe uma direção totalmente nova. Vosso sistema de pesquisa objetiva, à base da observação e experiência, não vos pode levar além de certos resultados. Cada meio pode fornecer certo rendimento e nada mais, e a razão é um meio. A análise não poderia chegar à grande síntese, grande aspiração que ferve no fundo de todas as almas, senão por meio de um tempo infinito, de que não dispodes. Vossa ciência arrisca-se a não concluir jamais e o "ignorabimus" quer dizer falência. A tarefa da ciência não pode ser apenas a de multiplicar vossas comodidades. Não estranguleis, não sufoqueis a luz de vosso espírito, única alegria e centelha da vida, até o ponto de tornar a ciência, que nasce do vosso intelecto, uma fábrica de comodidades. Esta é prostituição do espírito, é vergonhosa venda de vós mesmos à matéria.

A ciência pela ciência não tem valor, vale apenas como meio de ascensão da vida. Vossa ciência tem um pecado original: dirigir-se apenas à conquista do bem-estar material. A verdadeira ciência deve ter como finalidade tornar melhores os homens. Eis a nova estrada que precisa ser palmilhada. Essa é a minha ciência.

* * *

Não falo para ostentar sabedoria ou para satisfazer a curiosidade humana, vou direto ao objetivo: para melhorar-vos moralmente, pois venho para fazer-vos o bem. Não me vereis despende qualquer esforço para adaptar e enquadrar meu pensamento ao pensamento filosófico humano, ao qual me referirei o menos possível. Ao contrário, ver-me-eis permanecer continuamente em contato com a fenomenologia do universo. Importa escutar verdadeiramente essa voz, que contém o pensamento de Deus. Compreendei-me, vós que não

acreditais, vós céticos, que julgais sabedoria a ignorância das coisas do espírito e, no entanto, admirais o esforço de conquista que o homem, diariamente, exerce sobre as forças da natureza. Ensinar-vos-ei a vencer a morte, a superar a dor, a viver na grandiosidade imensa de vossa vida eterna . Não acorrereis com entusiasmo ao esforço necessário para obter tão grandes resultados? Vamos, pois, homens de boa vontade, ouvi-me! Primeiro compreendei-me com o intelecto e quando este ficar iluminado e virdes claramente a nova estrada que vos traço, palpitará também vosso coração e nele se acenderá a chama da paixão, para que a luz se transmude em vida e o conceito em ação.

O momento é crítico, mas é mister avançar. E então (coisa incrível para a construção psicológica que o último século imprimiu em vós) nova verdade vos é comunicada por meios que desconheceis, para que possais descobrir o novo caminho. O Alto, que vos é invisível, nunca deixou de intervir nos momentos culminantes da História. Que sabeis do amanhã, que sabeis da razão por que vos falo? Que podeis imaginar daquilo que o tempo vos prepara, vós, que estais imersos no átimo fugidio? Indispensável avançar, mais que isso não vos seria possível. As vias da arte, da literatura, da ciência, da vida social estão fechadas, sem amanhã. Não tendes mais o alimento do espírito e remastigais coisas velhas que já são produtos de refugio e devem ser expelidos da vida. Falarei do espírito e vos reabrirei aquela estrada para o infinito, que a razão e a ciência vos fecharam.

Ouvi-me, pois. A razão que utilizais é um instrumento que possuíis para prover os misteres, as necessidades mais externas da vida: conservação do indivíduo e da espécie. Quando lançais este instrumento no grande mar do conhecimento, ele se perde, porque neste campo, os sentidos (que muito servem para vossas necessidades imediatas) somente esfloram a superfície das coisas e sua incapacidade absoluta de penetrar a essência vós a sentis. A observação e a experiência, de fato, deram-vos apenas resultados exteriores de índole prática, mas a realidade profunda vos escapa porque o uso dos sentidos como instrumento de pesquisa, embora ajudado por meios adequados, vos fará permanecer sempre na superfície, fechando-vos o caminho do progresso.

Para avançar ainda, é preciso despertar, educar, desenvolver uma faculdade mais profunda: a intuição. Aqui entram em função elementos complementares novos para vós. Algum cientista jamais pensou que, para compreender um fenômeno, fosse indispensável a própria purificação moral? Partindo da negação e da dúvida, a ciência colocou a priori uma barreira intransponível entre o espírito do observador e o fenômeno. O eu que observa permanece sempre intimamente estranho ao fenômeno, atingido apenas pela estrada estreita dos sentidos. Jamais o cientista abriu sua alma, para que o mistério encarasse o próprio mistério e se comunicassem e se compreendessem. O cientista jamais pensou que é preciso amar o fenômeno, tornar-se o fenômeno observado, vivê-lo; é indispensável

transportar o próprio Eu, com sua sensibilidade, até o centro do fenômeno, não apenas com uma comunhão, mas com uma verdadeira transfusão de alma.

Compreendeis-me? Nem todos poderão compreender, pois ignoram o grande princípio do amor; ignoram que a matéria é, em todas as suas formas (até nas menores) sustentada, guiada, organizada pelo espírito que, em diversos graus de manifestação, existe por toda a parte. Para compreender a essência das coisas, tereis que abrir as portas de vossa alma e estabelecer, pelos caminhos do espírito, essa comunicação interior, entre espírito e espírito; deveis sentir a unidade da vida que irmana todos os seres, desde o mineral até o homem, em trocas de interdependências, numa lei comum; deveis sentir esse liame de amor com todas as outras formas da vida, porque tudo, desde o fenômeno químico até o social, é vida, regida por um princípio espiritual. Para compreender, é necessário que possuais uma alma pura e que um liame de simpatia vos una a todo o criado. A ciência ri de tudo isso e por esse motivo deve limitar-se a produzir comodidades e nada mais. Nisto que vos estou a dizer reside exatamente a nova orientação que a personalidade humana deve conseguir, para poder avançar.

Os outros 23 livros de Pietro Ubaldi são desdobramentos dessa obra monumental.

7 – O VERDADEIRO RETRATO DE JESUS

Muitos artistas procuraram retratar Jesus. Todavia, foi Sathya Sai Baba quem materializou o verdadeiro retrato de Jeus, como está a seguir:



8 – A COLEÇÃO DE AMÉLIA RODRIGUES

Amélia Rodrigues ditou, através de Divaldo Franco, uma coleção onde relata várias passagens, conhecidas ou não, da vida de Jesus.

São histórias maravilhosas, que mostram o Jesus real, tal como foi visto pelos seus contemporâneos.

São Primícias do Reino e outras obras.

9 – RETRATO DE JESUS

O senador Públio Lêntulo Cornélio (uma das encarnações do espírito Emmanuel) foi contemporâneo de Jesus e enviou ao imperador Tibério uma carta informando sobre Ele:

“APARECEU E VIVE estes dias por aqui, um homem de singular virtude, que seus companheiros chamam Filho de Deus. Cura os enfermos e ressuscita os mortos. É belo de figura e atrai os olhares. Seu rosto inspira amor e temor ao mesmo tempo. Seus cabelos são compridos e louros, lisos até as orelhas, e das orelhas para baixo crescem crespos anelados. Divide-os ao meio uma risca e chegam-lhes aos ombros segundo o costume da gente de Nazareth. As faces cobrem de leve rubor. O nariz é bem contornado, e a barba crescida, um pouco mais escura do que os cabelos, dividida em duas pontas. Seu olhar revela sabedoria e candura. Tem olhos azuis com reflexos de várias cores. Este homem amável ao conversar, torna-se terrível ao fazer qualquer repreensão. Mas mesmo assim sente-se Nele um sentimento de segurança e serenidade. Ninguém nunca o viu rir. Muitos no entanto O têm visto chorar. É de estatura normal, corpo ereto, mãos e braços tão belos que é um prazer contemplá-los. Sua Voz é grave.

*Fala pouco. É modesto. É belo quanto um homem pode ser belo. Chamam-lhe **JESUS, FILHO DE MARIA**.*"

10 – VISUALIZAÇÕES TERAPÊUTICAS

Em um dos CDs de Visualizações Terapêuticas, de Divaldo Franco, há uma faixa intitulada Encontro com Jesus, através da qual mentaliza-se um memorável encontro, de excelentes resultados, que convém seja repetido periodicamente, visando a reprogramação da mente.

Não basta orar, pedindo a ajuda divina, mas devem-se utilizar recursos outros comoo fazem os orientais, como sejam a mentalização e a meditação, principalmente voltadas para Jesus ou Deus.

CONCLUSÕES

- 1) Jesus não é uma das pessoas da Santíssima Trindade, mas uma alma criada como todas as demais, ou seja, como simples ser unicelular, que, todavia, seguiu sua escalada evolutiva retamente, sem desvios e em obediência total a deus, por isso tornando-se um espírito diferenciado em relação aos demais que habitaram ou habitam nosso planeta.
- 2) Trata-se do Divino Governador da Terra, responsável perante Deus pela evolução dos seres que aqui habitam, desde os mais simples na escala evolutiva até os seres humanos mais adiantados intelectual e moralmente.
- 3) Ele dirige as atividades mais importantes que aqui se desenvolvem, pessoalmente ou através dos Seus assessores, mas se preocupa com a situação de cada um dos Seus queridos pupilos, nunca deixando de verificar o que é melhor para cada um.

- 4) Qualquer um de nós tem acesso a Ele através do pensamento, não necessitando de fórmulas especiais ou intermediários. Todavia, a oração, a mentalização e a meditação propiciam a sintonia necessária para esse encontro espiritual.
- 5) Somente Ele conhece os meios necessários para a solução definitiva dos nossos mais graves problemas, sendo por isso que afirmou: *“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por Mim.”*
- 6) Não há estudo mais importante do que conhecer a Seu respeito e aplicar Suas lições de Fraternidade.